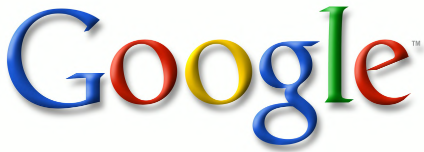
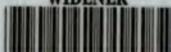






Apontamentos para a Historia da Litteratura Brasileira no Seculo XIX.

A PHILOSOPHIA NO BRASIL

POR

SYLVIO ROMÉRO.

ENSAIO CRITICO.

PORTO ALEGRE.

TYPOGRAPHIA DA „DEUTSCHE ZEITUNG“.

1878.

J. Warren

OITO ANNOS DE JORNALISMO.

I.

A PHILOSOPHIA NO BRASIL.

AO DISTINCTO ESCRIPTOR ALLEMÃO-BRASILEIRO

CARLOS VON KOSERITZ

O. D. C.

O AUCTOR.

NOTA INICIAL.

O titulo d'este pequeno ensaio talvez excite um sorriso de mofa em alguem que saiba qual o estado do pensamento brasileiro, qual a contribuição que o Brasil tem levado ao movimento scientifico da humanidade. Todavia, ha serio n'aquellas palavras . . . . Eu quero justamente occupar-me da philosophia no Brasil, desejo indicar a evolução d'esta materia n'este paiz.

Parece-me que, até em razão do pouco caminho que os diversos ramos scientificos têm feito entre nós, á critica incumbe o dever de traçar a rezenha do terreno por elles percorrido.

Da ideia exacta do pouco que temos feito é que, na hora actual, devemos tomar novas forças em busca de um ar mais puro, atraz de um futuro melhor.

Seria vantajoso que cada um, na esphera de sua especialidade, inquiridas as causas de nosso atrazo em mathematica, astronomia, physica, biologia, philosophia . . . ., examinasse o que, nos differentes ramos

da cultura humana, havemos produzido, e, d'est'arte, habilitasse o espirito nacional a formar uma mais exacta consciencia de seu temperamento.

É possivel que algum cantor das *patrias glorias* vocifere contra o engano que, a seus olhos, ahi fica de nosso pouco valor nas sciencias enumeradas . . . Mais calma, e mais attenção: como auctor d'estas linhas não duvido, antes acredito, que tenhamos homens habilitados n'alguns d'aquelles districtos do saber.

Affeito, porém, a contar somente com aquillo que se manifesta no mundo objectivo, inclinado a só discutir o observavel, só aos productos da *imprensa* se dirige a minha nota. Não contesto, por exemplo, que entre os habitantes, de origem nacional, do vasto imperio americano alguns existam que se achem em dia com as evoluções ultimas da philosophia; não me repugna acreditar que algum *abbade* possa, entre nós, existir que sinta sobre os hombros o pêso de uma cabeça de philosopho . . . . *Bien puêde ser* . . . . São phenomenos, comtudo, que não vêm á luz, e a critica nada sabe das sciencias hermeticamente *aferrolhadas*. Tratando, pois, dos philosophos brasileiros, dirijo-me somente aos escriptores da respectiva sciencia entre nós. É um tentamen de analyse que talvez, um dia, possa estender a outros ramos do saber n'este paiz. Temos mister d'estas pequenas monographias.

Além de outras, tão insignificantes que não poderiam aqui entrar sem de todo manchar as paginas que se vão ler, que eu saiba, só as obras dos seguintes

auctores reclamam attenção: Mont' Alverne, *Compendio de Philosophia;* Eduardo França, *Investigações de Psychologia;* Domingos de Magalhães, *Factos do Espirito Humano;* Patricio Muniz, *Theoria da Affirmação Pura;* Soriano de Souza, *Lições de Philosophia Elementar;* Pedro Americo, *La Méthode et La Science;* L. P. Barreto, *As Tres Philosophias;* Visconde do Rio Grande, *O Fim da Creação;* Guedes Cabral, *Funcções do Cerebro;* Tobias Barreto, *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica* e *Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet.*

D'estes é que nos vamos occupar.

Agora, uma palavra sobre a serie de publicações com esta iniciada.

Entrado, ha oito annos, para a vida publica da imprensa, pareceu-me acertado fazer a rezenha dos meus escriptos disseminados pelos jornaes e periodicos das provincias do Imperio em que tenho residido, e, corrigindo-os e affeiçoando-os a uma nova forma de publicidade, dal-os á luz. Destribuidos em duas ordens, filhas dos dois ramos de manifestações intellectuaes a que me tenho dedicado, a poesia e a critica, devem elles formar as seguintes brochuras, de maior ou menor volume, que irão apparecendo successivamente: *A Philosophia no Brasil, Cantos e Contos do Povo Sergipano, Generalisação da Litteratura Brasileira, Paginas de Critica, A Poesia Contemporanea* e *Cantos do Fim do Seculo, O Poema das Americas, A Caaba de um Sonhador.*

N'estas projectadas publicações hão de apparecer capitulos inteiros, nos livros de critica, e cantos inteiros, nos de poesia, de todo ineditos. Foram, porém, escriptos no periodo prenotado, e entram plenamente no dominio da primeira phase da vida litteraria do auctor.

No processo de revisão, agora executado, nenhuma só ideia foi abandonada ou simplesmente refeita ou ampliada. Oriundos de uma preparação preliminar, um tanto rigorosa, todos esses escriptos se apresentam de novo firmados na mais inteira sinceridade, e visando, como d'antes, o alvo que o auctor não esconde: *uma renovação litteraria entre nós.*

Rio de Janeiro, Julho de 1876.

A Philosophia no Brasil.

I.*)

Póde-se affirmar, em virtude da indagação historica, que a philosophia, nos tres primeiros seculos de nossa existencia, nos foi totalmente estranha.

As dissenções e luctas dos pensadores d'esses tempos não mandaram um echo só até cá. Os trabalhos de Bacon, Descartes, Gassendi, Leibnitz, Spinoza, Malebranche, Berckeley, Locke, Hume, Condillac, Wolf e Kant foram, em sua epoca, como inexistentes para nós! O facto é de uma explicação mui clara: o abandono da colonia e, ainda mais, o atraso da metropole, para a qual aquelles nomes passaram desapercebidos, fornecem a razão do phenomeno.

Nos tres seculos que nos precederam nem um só livro, dedicado ás investigações philosophicas, sahiu da penna de um brasileiro. É mistér avançar até ao seculo presente para deparar com algum producto d'esta ordem, e, n'este mesmo, é preciso chegar até aos annos posteriores áquelle que marca-lhe o meiado para que a cousa seja uma pequena realidade.

O primeiro livro que nos requer um exame é o pobre *Compendio* de Fr. Mont' Alverne. Apparecido em

*) *Compendio de Philosophia* pelo Padre-mestre Fr. Francisco de Mont' Alverne, Rio de Janeiro, 1859.

1859, depois da morte de seu auctor, são-lhe os trabalhos dos Drs. Eduardo França e Domingos de Magalhães anteriores; fôra, porem, escripto em 1833 e deve, assim, reclamar a prioridade critica.*)

Por seu professorato, mais do que por seu livro, grangeou o nosso franciscano a fama de grande philosopho. Em 1848 foi, n'uma sociedade litteraria, solemnemente proclamado, diz um de seus biographos, — *genuino representante da philosophia do espirito humano no Brasil.*

Este titulo, um pouco extravagante, era a confissão geral; aos louros de orador Mont' Alverne junctava os de philosopho. Elle proprio, segundo o testemunho de seus coêvos, sentia que muito pesava o seu merecimento de pensador. Consta que o orgulho, por essa crença, teve entrada em seu coração. A gloria de pregador, elle a não desejava mais do que a de philosopho e theologo. Eil-o que nos diz, fallando de suas luctas de eloquencia ao lado de seus rivaes: „O paiz sabe quaes foram meus successos n'este combate desigual; elle apreciou meus esforços e designou o logar a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos; *pertence á posteridade o sancionar este juizo.* Arrastado por a energia de meu caracter, desejando cingir *todas as corôas*, abandonei-me com igual ardor á eloquencia, á *philosophia* e á *theologia*, cujas cadeiras professei, algumas vezes simultaneamente. . . .“ **)

Este pedaço vale uma psychologia; elle manifesta á toda luz o estado mental de seu auctor. Essa juncção, que pareceu-lhe tão natural, e tambem aos seus contemporaneos, da eloquencia com a philosophia e a theologia, é-nos hoje uma exacta extravagancia; é-nos inacceitavel. Que as duas ultimas no todo se repellem é actualmente uma d'essas verdades de facto que ninguem, a não ser um d'esses encarcerados da ignorancia, ousa mais contestar. Amigas apparentes

---

*) O livro do Dr. França appareceu em 1854; o de Magalhães em 1858.

**) Prefacio das *Obras Oratorias*.

e depois irreconciliaveis rivaes, hoje uma d'ellas é uma ruina nociva sobre que a outra passa impavida.

A philosophia e a eloquencia igualmente se repugnam; toda a historia de ambas só dous homens nos mostra em que esse consorcio foi possivel: Fichte e Cousin. Mas Fichte foi um grande orador longe de seu mistér de ideias, em circumstancias mais do que anormaes, na hora suprema das agonias da patria. O patriota offuscara o pensador. Diante de seu paiz vencido, humilhado, rudemente retalhado, bem comprehende-se a metamorphose: d'um philosopho um Tyrtêo!

Quanto a Victor Cousin, elle foi grande orador, porque nada menos foi do que um philosopho. Foi um espirito desnorteado, um *litterato* que errara o seu caminho.*) O orador deve ser um homem de imaginação, de uma linguagem prompta, vehemente e ruidosa; deve ser dotado em larga escala da faculdade de synthetisar os factos e reproduzil-os com brilho. São qualidades oppostas ás do philosopho, cujo espirito ha de ser prescrutador e analysta, cujas forças mentaes devem, o mais possivel, aproximal-o da realidade sem ruido e sem fulgor. Fr. Mont' Alverne, entretanto, suppunha aquella juncção natural e indispensavel á sua gloria. O digno franciscano illudiu-se em demasia; si algum sussurro causou em torno de sua cadeira, o deveu, sem duvida, á sua eloquencia e não á segurança de seu pensamento e de sua cultura. A publicação de seu livro, no mesmo anno em que Darwin deu á luz a sua *Origem das Especies*, longe de aproveitar-lhe, foi-lhe grandemente prejudicial.

Á vista de tal documento a figura do celebre brasileiro torna-se tão minima que, quasi, escapa-nos das mãos. Mont' Alverne morreu em 1858 aos setenta e quatro annos, mas cegou em 1836 aos cincoenta e

---

*) Sobre o caracter superficial e meramente *litterario* da philosophia de Cousin vejão-se os bellos artigos de E. Renan nos seus *Essais de Morale et de Critique*, e de H. Taine nos *Philosophes Français du XIXme Siècle*.

dous. N'esta ultima idade já devia ter elle attingido, desde muito, o maximo gráo de tenção e profundesa de seu pensar. D'ahi por diante só fez decahir. Devemol-o julgar até esse tempo, e, quanto ao mais, deixar o velho pregador dormir tranquillo sobre os louros de sua facundia. O seu livro foi meditado e escripto no periodo indicado de progresso e entra, por tanto, no quadro da analyse. Este brasileiro tem sido apregoado, em seu paiz, um homem de *genio*. Tal juizo é simplemente um absurdo; a sciencia de hoje não admitte mais esta cathegoria de individuos no velho sentido que ligava-se áquelle predicado. O genio era uma entidade humana bastante parecida com os genios da poesia e da fabula; desprendido da realidade e das circumstancias exteriores, escapava á pressão do meio physico e social; era um *espirito* a mover-se *livre* n'um mundo á parte. Tinha o condão de maravilhar-nos de lá com as suas revelações. Estas ideias caducaram; rimo-nos hoje d'ellas; a humanidade procede por *evolução*; tudo em sua marcha se acha concatenado e sujeito á lei do desdobramento. Lyell refutou a theoria revolucionaria em geologia, Darwin a baniu da biologia e Comte da historia.

O genio, no velho sentido, desappareceu como uma chimera; todavia, ainda é costume assim appellidar á intelligencia ultra-fecunda, capaz de elevar-se ácima dos prejuizos correntes e abrir uma éra nova e novos destinos para a humanidade. O distincto franciscano distava immenso d'essa altura; prova-o o seu desditoso *Compendio*, onde elle manifesta-se escravo submisso das vulgaridades e ridicularias da philosophia de seu tempo entre nós. Digo entre nós, por já ter ella, então, na Europa produzido alguns d'aquelles grandes monumentos que são a gloria do espirito humano n'este seculo. Já Kant, Hegel, Schopenhauer, para não fallar de outros, n'Allemanha; Hamilton na Inglaterra; Quetelet e o proprio Comte na França; Romagnosi na Italia . . . haviam revirado o terreno das velhas ideias em todos os sentidos, e eram acompanhados por uma pleiade brilhante de jovens escrip-

tores que vieram a ser depois os primeiros vultos dos ultimos tempos.

Mont' Alverne não entreviu, não scismou, ao menos, em taes successos, para permanecer um discipulo subalterno de Condillac por via de seus mais infimos sectarios: Genuense e Ponelle!...

Ahi mesmo, porém, elle foi acanhado e esteril; o patrimonio recebido, elle o não augmentou de um ceitil. Esta sentença é verdadeira, e não é difficil proval-a. Depois de Lamarck, Oken, Saint-Hilaire, Broussais, Cuvier, Rostan, Lyell..., em todos os mais interessantes ramos das sciencias naturaes, já terem praticado verdadeiros prodigios, ao lado dos grandes philosophos ácima lembrados, um nome como o de Cousin, era, então, capaz de hallucinar o franciscano orador!.. Estas palavras são suas: „Vê-se, pois, que o meu systema é o sensualismo; mas depois do apparecimento do ideialismo, o sensualismo não se pode manter seguro nos seus dominios exclusivos. Todavia, ambos estes systemas offereciam erros que os seus sectarios se lançavam em rôsto mutuamente. *Um d'estes genios, nascidos para revelar os prodigios da razão humana, se levantou como um Deus, no meio do cahos, em que se crusavam, e combatiam todos os elementos philosophicos, empregando a extensão de sua vista, e sublime comprehensão, reconstruio a philosophia, apresentando as verdades, de que o espirito humano esteve sempre de posse.* (!!) Os systemas exclusivos foram proscriptos por M. Victor Cousin. O sensualismo e o ideialismo, a escola de Locke e a philosophia escosseza derão-se as mãos; e a razão pura de Kant sentando-se no lugar da reflexão de Locke, offereceu os verdadeiros elementos do espirito humano, as legitimas fontes das ideias, e resolveu os mais difficeis problemas da psychologia, que dividiam o mundo philosophico. Felizmente, para mim, a theoria das forças e da actividade da alma, das sensações, da attenção, baseando-se no elemento ideialista, apartaram-me bastante da escola sensualista. Mas a theoria da reflexão e da origem das ideias offerece o lado vulneravel do sen-

sualismo. É o que demonstrou M. Cousin na sua analyse ou ensino sobre o Entendimento Humano de Locke, e em outras obras. O systema sublime de M. Cousin apenas é conhecido no Brasil, e por desgraça, seus trabalhos philosophicos ainda não estão completos, e nem impressas, ou conhecidas aqui as suas obras posteriores. Eu forcejarei entretanto por aproveitar o que elle tem feito e *restaurar* com elle o systema philosophico.“ *)

Virchow falla algures de pregadores que, para saudar aquillo que elles julgam uma novidade, ostentam um luxo incommodo de palavrões; si mais um exemplo fôra preciso para confirmar-lhe o dito, ahi estava este longo inventario das excellencias de Cousin que deixei transcripto. Esta passagem foi pensada em 1833; o eclectismo nasceu e morreu sem que houvesse recebido o menor influxo de vida provindo de Mont' Alverne!.. A philosophia não foi *restaurada* por um espirito da tempera de Jouffroy, e como sel-o-hia pelo nosso compatriota, que ostenta-se, no pedaço ácima griphado, nada mais do que um rhetorico de mau gôsto para quem Cousin foi um genio que se levantou como um *Deus* no meio do cahos dos elementos philosophicos?!.. E tudo isto para que? Para revelar as verdades de que o espirito humano esteve sempre de *posse!*

Parece uma ironia; mas o nosso orador era sério e fallava convencido; o seu criterio de philosopho é que era demasiado franzino. Um homem, dito de enorme intelligencia, que foi testemunha dos grandes acontecimentos e mutações historicas, que assignalaram os ultimos annos do seculo passado e os primeiros d'este, no velho e novo mundo, vir-nos, depois da revolução de Julho e da evolução do hegelianismo, dar tão frageis provas de seu modo de julgar, nada menos foi do que aquillo porque se o tem querido passar; nada menos foi do que um philosopho.

---

*) Nota á pag. 90.

Vir, depois, repito, de Lamarck, Bichat, Broussais, Saint-Hilaire, já nos tempos em que os trabalhos de Rostan e Lelut, sobre a pathologia physica e mental, os de Quetelet, sobre a physica social, e os de Comte, sobre a politica positiva, iam apparecendo, ostentar-se tão inanido de ideias é cousa que pouco sabe honrar. Eu não esqueço que o pretendido pensador brasileiro era um sacerdote; isto, porém, o não inhibia de revelar-se mais profundo e investido de outras armas. Michelet disse uma vez de Littré que elle era um grande lexicographo, um notavel grammatico, um distincto physiologo, mas não um philosopho e um historiador. E o que diremos nós outros do insigne franciscano, cujas qualidades oratorias, aliás não mui fecundas, eram um impecilio para o desenvolvimento normal de suas faculdades de observação?

No seu tempo grande já era a reacção contra as miragens da metaphysica, como bem provam os escriptos decisivos dos pensadores lembrados, e elle decorava-se ainda com o burel theologico manchado pelos remendos metaphysicos dos discipulos de Condillac.

Então, á par da reacção catholica contra os principios revolucionarios, realissimo era o movimento anti-metaphysico, mais profundo e mais significativo, ainda que menos ruidoso. Os espiritos pensantes sabiam d'isso, excepto Mont' Alverne, que não se alistou em nenhum dos lados dos combatentes. O recente escriptor italiano Nicolá Marselli nol-o diz: „É veramente curioso l'osservare che quando si discorre del movimento intellectuale nella Francia e nell' Italia, dopo il 1815, si ponga sovente in rilievo la scuola che spiegó la bandiera neo-cattolica, neo-guelfa in opposizione al radicalismo rivoluzionario, e non si tenga nel dovuto conto una reazione anti-metafisica. Questa, con minore splendore ma con più solidità di dottrina, svolgevasi parallelamente e sordamente apparecchiava la demolizione di ben più alti personaggi che non fossero gl'idoli terreni della scuola cattolica. Ho voluto notare ciò a mortificazione di coloro che ebbero l'inge-

nuità de credere che dopo il 1815 lo spirito europeo potesse tornare, fosse tornato al medio-evo, e non si accorsero né dei principii rivoluzionari passati nel corpo dei novelli guelfi, né di questa reazione fisica e positiva che nel campo degli studii morali manifestossi nel torno del 1830."*) O que se dava na França e na Italia, passava-se tambem na Allemanha e na Inglaterra. Não digo que o escriptor nacional tomasse parte na reacção anti-theologica e anti-metaphysica; era muito exigir d'elle. Entrasse, ao menos, na pugna neo-catholica conhecedor do terreno, e manejando principios mais seguros. Nem isto o fez; onde, pois, os seus titulos de gloria?

Assim me exprimindo, pareço acreditar que o celebre orador é ainda hoje festejado como philosopho; felizmente nóto que ninguem mais o lê e raros se lembram d'elle. Na *lucta pela vida* o *Compendio* do franciscano foi atirado á margem, senão devorado pelo esquecimento, e o pensamento nacional passou-lhe adiante.

Não devo fazer uma analyse detalhada do desventurado livrinho; fôra chicanar com a antigualha; basta-me indicar seu espirito dominante, suas tendencias vitaes. Seu auctor pertence á essa geração que, jovem e robusta no tempo de D. João VI., entre nós, tomou parte nos acontecimentos da Independencia, e figurou nos tempos do primeiro reinado. É um coêvo de Cayrú, de José Bonifacio, de São Leopoldo, de São Carlos e tantos outros que ainda não passaram pelo crysol da critica imparcial e competente. Então o ensino philosophico era um amalgama de Storkenau e Genuense, esses nomes desconhecidos na historia do ensino publico dos povos cultos!.. Uns restos estropiados de Locke e Condillac, redusidos a figuras minimas pelos discipulos e commentadores, e algumas laudas enganadoras, brilhantes pelo estylo e frageis pela analyse, de Laromiguière, tal o seu conteúdo.

Tudo isto decorado, não para prescrutar o enygma

*) *La Scienza della Storia*, vol. 1º, pag. 320.

do homem e do universo; sim para limar a argucia e secundar a loquella. Depois, mais alguma vulgarisação das obras de Maine de Biran, que não teve contradictores por não ter quem o lêsse, segundo diz Taine; e de Victor Cousin, que sacrificava o pensamento por amor da *phrase*, como nol-o declara Renan, trouxe a propensão e finalmente a queda completa para o eclectismo espiritualista francez. A esta phase pertencem Mont' Alverne e os seus continuadores: Eduardo França e Domingos de Magalhães. Tão pobre, tão insalubre foi o alimento que lhe forneceu a cultura de sua patria, em seu tempo; tão ingratas as influencias a que teve de ceder, que a critica sente-se com impulsos de o absolver.

Abramos o *Compendio* para melhor lhe apreciarmos a tempera; não o abramos a esmo; deve ser no ponto em que o philosopho julgava-se mais seguro. Já vimos que elle suppunha ter uma theoria especial sobre as *forças* e a *actividade* d'alma, graças a qual apartára-se alguma cousa do sensualismo que lhe ensinaram. É onde devemos aprecial-o.

Chamo a attenção do leitor para o estylo barbaro, e as tergiversações de pensamento que se deparam na lauda que vou copiar. Respondendo a uma objecção contra o systema do influxo physico de Euler sobre a união d'alma com o corpo, diz-nos: „Esta maquina maravilhosa, áqual está unida minha alma foi feita para ella; porque é esta maquina, que põe em valor todas as suas faculdades. A grande composição da maquina não apresenta, pois, uma opposição real com a simplicidade da minha alma, porque si fosse real a opposição, como as duas substancias poderião unir-se, e reciprocamente obrar uma sobre a outra? Eu supponho, como se vê, que a impossibilidade do influxo physico não é demonstrada, eu julgo ter boas provas para mostral-o; é o que passarei já a fazel-o. A maquina só obra por seu movimento, este movimento anima todas as suas peças. Eu ignoro a natureza inteira do movimento; mas sei em geral, que elle é uma força que se applica ao corpo, por a qual o corpo

obra. Não é, logo, a materia da maquina o seu verdadeiro agente; é a força que a anima. Uma força physica, porem, qualquer que ella seja, é em si indeterminada, e não poderia dar-se por si mesma alguma determinação particular: para que ella produza certos effeitos, convem ser applicáda a um sujeito por uma certa maneira, em uma certa ordem, segundo certas proporções, e uma certa direcção. O sujeito a quem se applica a força, que eu considero, é o cerebro; e é a sua organisação, que regula as determinações particulares da força, e a faz convergir para um certo alvo. Este alvo ou este fim é excitar na alma as sensações ou percepções correspondentes ás modificações da força que as faz nascer. Esta força é necessariamente um ser simples, porque a ideia que tenho d'esta força não pode ser decomposta em outras ideias. *(Este porque é soberbo!)* Eu não posso decompôr esta força, assim como não posso decompôr o sentimento que tenho do meu *eu*. A força de que se tracta parece-me sempre uma, simples, immaterial. Eu ignoro profundamente *(É verdade!)* como esta força se applica á maquina organisada, á que minha alma está immediatamente presente; mas eu tenho a mais perfeita certeza que esta força applica-se, e obra n'ella; e eu contemplo seus maravilhosos effeitos . .

. . . .

Eu não conheço a natureza intima da minha alma, assim como não conheço a de qualquer outro ser; mas eu tenho as melhores provas de que minha alma é um ser absolutamente simples, e dotado de uma actividade que lhe é essencial. Minha alma é, pois, uma força, e esta força é susceptivel de uma multidão de modificações diversas. Ella é tão indeterminada em si, como qualquer outra força, não pode dar-se por si mesma determinações particulares, asssim como não o pode a força que anima a materia. Esta força, que constitue o meu *eu*, recebe, pois, suas determinações do corpo organisado, a que ella está unida, ou, para fallar mais exactamente, a alma recebe estas determinações da força que anima este corpo, e esta

recebe as suas determinações das forças inherentes aos corpos ambientes . . . . Eu estou certo que o corpo não se move por si mesmo, o movimento não decorre, pois, immediatamente da natureza propria do corpo; elle deriva, pois, de alguma cousa exterior ao corpo (!!), e si esta cousa fosse tambem materia, onde encontraria eu a causa do movimento?" *) Certamente tudo o que ahi ficou transcripto parece muito longe de ter sido escripto por um genio.

Ao través de toda aquella repetição de palavras e de consequencias esdruxulas, eis um rico especimen de philosophia hybrida, inconsistente e banal, incapaz de agradar a qualquer dos partidos que dominam hoje o campo da sciencia. Não satisfaz á philosophia catholica, porque, sem o querer, reduz a alma humana á uma força, como outra qualquer, exactamente qual o faria um máo discipulo do philosopho de *Kraft und Stoff*, que, ao envez do mestre, acreditasse na pluralidade das forças; não convem á sciencia, porque os contrasensos ali formigam ás dezenas. Faz do movimento um *quid* immaterial separado do corpo e a que é junto não sei por quem; anima todos os seres de forças igualmente immateriaes, isto é, aviventa a natureza pelo mesmo modo porque o faria um polytheista. O franciscano mal tinha sahido do periodo fetichico; o ceu da philosophia estava em trevas para elle; dos grandes astros, que então fulgiam, não enchergou um só; seu telescopio incendiou-se nos brilhos de Cousin. Nem, ao menos, conheceu Biran, ao que parece. O que diriam d'elle espiritos como um Helmholtz, um Trémaux, sectarios convencidos e victoriosos do dynamismo universal?

O philosopho, ingenuamente lastima não conhecer a realidade em si, *das Ding an sich*, segundo a expressão de Kant . . .

Sua doctrina das forças lembra certa epoca da historia da sciencia em que todos os phenomenos in-

---

*) Pag. 153.

explicaveis eram oriundos de forças. „Cada um dos phenomenos cosmicos era, em falta de cousa melhor, attribuido á uma *força*, palavra vaga, que se liga tanto á escolastica, quanto á mecanica, e que occultava no fundo a ignorancia dos physicos sobre as causas reaes dos factos que observavam. O peso, o calorico, a electricidade, etc. eram outras tantas forças. Quando havia embaraço para explicar um phenomeno, inventava-se uma nova força; força de contacto, força de presença, força catalitica e não sei quantas mais. . . .“ *)

Mont' Alverne curvou-se submisso a este expediente sediço e inaproveitavel. Vejamos um outro.

---

*) Adolphe d'Assier, *Essai de Philosophie Positive au XIXe Siècle,* Première Partie, pag. 3.

II.*)

O Dr. Eduardo Ferreira França publicou em 1854 na Bahia dous volumes sobre psychologia. O digno medico foi tambem um discipulo do sensualismo francez dos primeiros annos d'este seculo, e passou-se para aquella reacção espiritualista, superficial e palavrosa, inaugurada pelo professor, mais parlante que profundo, Royer-Collard e continuada por Cousin e seus discipulos.

Não creio que seja mistér uma discussão preliminar sobre essa phase passageira da historia da philosophia para bem comprehender-se o espirito do trabalho do escriptor bahiano. Basta lembrar que o tempo da Restauração em França foi o periodo das effusões e desvarios do romantismo. Já sepultada na Allemanha com Schiller, Goethe, Wieland . . . cujas obras já erão classicas, a romantica em França de 1815 até muito depois de 1830 trouxe o paiz mergulhado em sonhos. Era a reacção; mas a reacção morbida, a reacção pelo passado, pela idade-media, com todos os seus encantos facticios, com todos os seus erros perigosos. Era o anachronismo buscando ser uma lei da historia; era a tentativa de um desmentido á evolução logica dos acontecimentos humanos. Comprehende-se a multidão de preconceitos desenterrados e revestidos pela linguagem brilhante dos sonhadores. A luz espalhada pela *Encyclopedia*, apesar de fraca,

---

*) *Investigações de Psychologia* pelo Dr. Eduardo Ferreira França, Bahia, 1854, 2 volumes.

encommodava, e era preciso apagal-a; o brilho de Cabanis, apesar de um pouco embaçado, causava receios, e era mistér offuscal-o. D'ahi a glorificação do passado em odio ao presente, o enthusiasmo pela idade media em prejuiso da Revolução. A philosophia não havia de deixar de seguir o impulso que levavam a religião e a arte. E como tinha de fazel-o? Restaurando o espiritualismo a titulo de verdade de todos os tempos, firmada no senso commum; fazendo um appêllo á historia e pretendendo descóbrir a verdade sempre de posse do espirito humano e apenas offuscada pelo exclusivismo dos systemas. É este o sentido do *eclectismo*, que, por sua vez, já pertence á historia. Hoje é possivel julgal-o com segurança. Foi uma philosophia incoherente e pretenciosa, inimiga da observação e da experiencia, uma sortida no campo do *absoluto*, divinisando o homem por meio da *rasão impessoal*. Entretanto, a philosophia que tem por dogma a *relatividade* de todas as cousas, mudando de methodo e reforçando os seus principios, continuava surdamente a accumular os achados e a fortalecer a verdade.

Obceeados pelo ruido das phrases, e pelos applausos das turbas, os hasteadores da nova bandeira, os partidarios da escolastica resuscitada, nem deram por ella. É assim que se explica o phenomeno de um homem como Victor Cousin publicar uma dezena de livros em que nos falla da verdade *eterna*, mas onde parece que só elle e sua gente existiam no mundo philosophico de seu tempo, e onde não se vê passar, nem de longe, a sombra de alguns dos grandes vultos que lhe cresceram ao lado, e acabaram por offuscal-o. Além da *escola* não havia sciencia; o Dr. Eduardo França filiou-se a ella, renegando a outra. Diz-nos em seu *Prefacio*: „Imbuido nas ideias da escola, chamada sensualista, enthusiasta de Destut de Tracy a ponto tal, que só procurava conhecer e estudar os obras dos sabios, a que elle dava preferencia, tornei-me um discipulo do materialismo, e estava convencido que anda havia além da materia, e que o espirito era uma

simples funcção de um orgão. Li e reli muitas vezes as obras do philosopho celebre que me servio de mestre; só sentia praser em ler obras, cuja doutrina se assemelhava á sua, e as outras me desgostavam e pouca attenção me mereciam. Tendo, porém, de abandonar esses estudos para me entregar áquelle, que tinha por fim dar-me a profissão de medico, deixando de ler os philosophos, não deixei de pensar sobre o objecto de que se occupavam. Materialista, encontrava em mim um vasio, andava inquieto, afflicto até; comecei então a reflectir, e minhas reflexões me fiseram duvidar de muitas cousas que tinha como verdades demonstradas, e pouco a pouco fui conhecendo que não eramos só materia, mas que eramos principalmente uma cousa muito differente d'ella. Procurava nas minhas reflexões examinar o que eu era na realidade, observava que muitos phenomenos não eram explicaveis pela unica existencia da materia: e assim progressivamente fui examinando as minhas opiniões, até que, passados alguns annos, e tornando ao estudo dos philosophos, fui lendo aquelles, que ao principio me haviam desgostado, e encontrei um praser indefinivel, e o profundo Maine de Biran contribuio especialmente para esclarecer a minha intelligencia."*)

Este pedaço é um echo rouco e debil da celebre confissão de Jouffroy, distanciado enormemente da pagina fulgurante do romantico francez pelas agruras de um estylo incorrecto. Raro foi, até certa epoca, o eclectico que se não julgou obrigado a abrir os recessos d'alma para fazer-nos revelações de luctas e discrenças, que, graças á sua philosophia, acabaram por apaziguar-se.

Este espectaculo, pouco edificante, era um filho da fé, que procurava salvaguardar-se; uma philosophia, pouco segura, firmada em phrases e transacções, dava logar a essas queixas de confessionario. A sciencia era para ella uma questão de sentimento; devia respeitar os prejuisos da educação. Jouffroy, é verdade,

*) Tomo 1º, *Prefacio*, pag. VI.

diz que perdera os seus, mas que segurou suas convicções religiosas ao influxo de seus achados de psychologo. A ninguem é hoje dado mais enganar-se com sua confissão, depois que a critica mostrou que aquillo não passou de um achâque romantico, como tantos outros da epoca.

Eduardo França andava *inquieto, afflicto até* .... depois o *profundo* Maine de Biran, que começou *estoico* e acabou *mystico*, apazigou-lhe o espirito! Deixou Destut de Tracy por este ultimo. Parece que o digno bahiano não leu a obra de Taine, que apesar de ter conhecimento exacto de quanto escreveram os eclecticos, continuou a ser Condillacista; o nobre medico não leu os *Philosophos Classicos da França no Seculo XIX*. De outro modo, teria notado a figura minima de Maine de Biran, que só distinguia-se por sua obscuridade, ainda mais realçada pelo abuso de expressões barbaras e enygmaticas, que o tornam de uma leitura escabrosa e fatigante. França herdou-lhe esta rheuma. Só para significar uns dous ou tres factos, mui simples, da psychologia, dá-nos este diccionario abundante: *motilidade, motividade, locabilidade, modificabilidade*, *effectividade*, *affectividade*, *receptividade*... e quejandas descobertas em *ade*. A obra do insigne medico bem indica que teve elle por mestre o festejado methaphysico francez, o primeiro de seu tempo, como o chamou Cousin, juiso, que, por certo, não é dos mais apropriados para elevar um pensador. Todavia, aquelle livro é muito mais digno de ler-se do que o de Mont' Alverne, e até o do Snr. Gonçalves de Magalhães; encerra uma boa porção de factos e experiencias, bebida nas obras de escriptores de medecina, de incontestavel valor. O espirito que o anima é uma combinação binaria: ideias dos eclecticos francezes, maximé de Ad. Garnier, e de physiologistas d'essa escola dubia que pretende harmonisar o espiritualismo com as exigencias da biologia, sobretudo de Longet. O seu auctor é um transfuga do velho sensualismo metaphysico, que, cumpre notar, dista immenso da philosophia *monistica*, do *realismo* scientifico dos nossos dias.

Apreciemos o seu trabalho no ponto em que o escriptor se quer mostrar um pouco original, no capitulo em que tracta da locabilidade. Para elle é esta uma faculdade pela qual conhecemos o nosso proprio corpo. O philosopho reduz o homem a uma alma recondita, remota, a tal ponto distincta do corpo, que este correria o perigo de confundir-se com um outro corpo qualquer, si aquella não tivesse uma faculdade especial que o vem salvar de um completo esquecimento. É o requinte da espiritualidade!..

Os psychologos exhibem, ás vezes, argumentos verdadeiramente irrisorios. Dizem, por exemplo, que nós distinguimo-nos de nosso proprio corpo, porque cada um de nós diz: *meu corpo,* e não se confunde, pois, com elle!!..

Este facto, vulgarissimo, é um resultado do habito, que, igualmente, nos permitte dizer no mesmo rigor: *minha opinião*, *minha ideia*, *meu pensamento*, *minha alma*... É uma ingenuidade lançar mão de recursos tão infimos. Mas vejamos os motivos em que se estriba o philosopho para estabelecer a sua faculdade.

„Para conhecermos, diz elle distinguindo a da percepção exterior, para conhecermos que temos um corpo proprio, não precisamos da acção dos sentidos: privados de todos os sentidos exteriores, ainda saberiamos que temos um corpo, e que existe além do *eu*, um não eu.“ *)

Eis ahi; o medico philosopho considera o seu corpo cousa tão externa a si mesmo que phantasia um poder especial de sua alma para descobril-o, por uma especie de favor. É um triste resultado do velho dualismo estabelecido no homem. A intuição de hoje repelle esta anomalia. O conhecimento de nós mesmos, o sentimento de nossa propria individualidade, existindo separada do mundo exterior, isto é, sem confundir-se com elle, não é um dado de uma potencia especial do espirito, que não passa de uma hypothese; é uma consequencia do jôgo mutuo de todas as nossas fa-

*) Vol. 1º, pag. 88.

culdades, é uma condição, direi até, do exercicio normal de todos os nossos orgãos. Outra cousa não é a *vida*. A ideia da personalidade, a noção adiantada da pessôa, é um dado posterior da sciencia do direito, ou da pratica do mundo; a ideia de corpo é tambem um achado de uma sciencia respectiva, ou da experiencia de todos os dias. No sentimento puro e primordial de nós mesmos não entram estas distincções, feitas a bem de certas theorias; elle é uma affirmação da individualidade no seu todo indistincto, que vem a ser o nosso corpo com todas as suas funcções, entre as quaes a mais eminente é a de pensar e conhecer-se.*) Si é certo, como dizem alguns, que podemos perder um braço ou uma perna e continuar a sêr nós mesmos, não o é menos que podemos perder uma ou mais ideias e até o uso de uma faculdade, continuando a ser nós mesmos... Onde a differença? O argumento do psychologo é lastimavel. Sem os sentidos externos, diz-nos, ainda saberiamos que temos um corpo. É admiravel! Eu não sei a que ficaria reduzido intellectualmente um homem a quem faltassem, desde a origem, todos os sentidos externos; é esta uma hypothese que não deve ser concedida. Admittindo, porém, a extravagancia do bahiano, é muito dubitavel que o seu homem, sem sentidos, podesse conceber a noção de um corpo e ter o conhecimento do seu proprio. Concedendo-lhe tambem este ultimo requisito, ainda assim o seu argumento nada prova contra a percepção exterior. Porquanto, si é certo, como elle suppõe, que, privados dos sentidos externos, saberiamos que temos um corpo, não deixa de ser verdade que, si fosse possivel sermos privados dos interiores, conservando os outros, teriamos igual conhecimento. „Com os sentidos externos, diz-nos ainda, só conheceriamos as partes externas do corpo, as internas seriam para todo sempre ignoradas.“ **) A consequencia que tira o philosopho

*) Póde consultar-se: Rostan, *L'Organicisme*; Delboeuf, *La Psychologie comme science naturelle*; Büchner, *Kraft und Stoff* — *passim*.

**) Idem, *ibid.*

é um pouco exorbitante. Sim; pelos sentidos externos conhecemos somente o exterior do nosso corpo, porém como nosso proprio e não como extranho, e já isto é sufficiente para o nosso desideratum. E, depois, o conhecimento de nossos orgãos interiores não nos é fornecido pelo seu proprio jôgo, que nos é, na maioria dos casos, inconsciente, e sim pelas revelações de uma sciencia peculiar, ou pela pratica da vida. As funcções do meu pulmão, de meu coração . . . são-me desconhecidas pela consciencia, e só lhes sei da existencia, ou porque no meio social ouvi descripções a seu respeito, ou porque as li nos livros de medicina. O Dr. França devia ser mais ponderado para não mostrar-se tão illudido. Ouçamol-o ainda: „A localisação externa, aquella que se faz em alguma parte da extensão exterior de nosso corpo, aquella que indica a situação respectiva de cada uma d'estas partes, é essa a que requer a acção dos sentidos exteriores, e nosso corpo seria assim conhecido e definido, como qualquer outro corpo exterior, sem termos sciencia de que é nosso.“ *)

O medico bahiano começa o seu estudo sobre a locabilidade pretendendo separal-a de todas as outras potencias do espirito, e estabelecel-a como um poder independente. Agora já nos vem dividir a localisação em interna e externa, esta pertencente á *percepção exterior*, e a outra á *consciencia!*

Não desêjo emmaranhar o leitor nas vacillações e inconsequencias do psychologo; apreciemos a força de suas palavras transcriptas: . . . „nosso corpo seria conhecido como qualquer outro corpo externo, sem sciencia de que é nosso . . .“ É falso.

Por occasião de qualquer sensação externa localisada, temos conhecimento de nosso corpo como proprio e seria impossivel que assim não fosse, quando é n'elle e por elle que sentimos. Essa localisação, que o escriptor denomina *interna*, e que diz ser da consciencia, o é muito menos do que a externa, e é

*) Idem, pag. 96.

muito menos capaz de fazer-nos conhecer o nosso corpo do que aquella, porque, em ultima analyse, sendo ambas rezultado de sensações que sentimos como nossas proprias, e em nosso proprio corpo, o jôgo dos orgãos internos é, em sua quasi totalidade, inconsciente, como já o disse. Como, pois, pretender que a interna é capaz de excitar em nós tal conhecimento e a outra não? Qual a razão d'isto? Não a vejo. As sensações, sob o dominio da consciencia, têm um igual valor no organismo são, e, si alguma differença deve aqui ser feita, ha de provir em desfavor da opinião do nosso auctor. De certo, feito o balanço, as localisações *internas* são menos aptas para fornecer o conhecimento de que tractamos do que as outras, visto que a sua energia é mais vaga e quasi indistincta.

Eduardo França esqueceu-se um pouco de sua physiologia; Küs vem domonstral-o. Depois de dividir as sensações geraes em localisadas e não localisadas, diz-nos o distincto professor de Strasburgo: „Les sensations générales *non localisées* (sentiments ou sensations *internes*) sont trés intéressantes à ètudier pour le médecin: l'une des plus curieuses au point de vue de ses modifications pathologiques est le *sentiment de notre existence;* cette sensation passe d'ordinaire inaperçue, parce qu'elle est habituelle et constante; c'est pour la même raison que le meunier ne perçoit pas normalement le bruit de son moulin.“ *)

O sentimento, pois, de nossa propria existencia, aos olhos da physiologia, é uma sensação geral não-localisada, veja-se bem, e nós sentimo-nos viver como corpo. A espiritualidade é uma abstracção, oriunda de um ensino tradicional, que se não firma nos factos. Ella vai ficando decrepita e esquecida; *caro fossilis,* na phrase dos naturalistas.

A bem pouco se reduz, diante do physiologo notavel que ficou citado, a localisação interna tão preconisada pelo professor da faculdade de medicina da

---

*) *Cours de Physiologie,* publié par le Dr. Mathias Duval, deuxième édition, Paris, 1873, pag. 68.

Bahia. As sensações internas, em geral, não são localisadas. O nosso auctor intende que a sua faculdade deve executar o seu officio total interna e externamente. Ora, percebe-se que ella é impotente para o que foi criada, porque só nos revéla o conhecimento das partes internas do corpo em rarissimos casos, e sobre as externas deixa o campo livre á percepção. Vê-se, afinal, que para bater o pretendido pensador bahiano é bastante tomar assento no seio de sua propria escola, sem ser preciso pedir as armas a uma ordem superior das ideias em nossos dias.

III.*)

Os *Factos do Espirito Humano* do Sñr. Domingos José Gonçalves de Magalhães appareceram em Paris em 1858; o auctor, hoje titular, é um poeta de algum merecimento; como phylosopho só tem esta obra de valor não muito avultado. O poeta entrelaça aos vôos, um pouco amortecidos, de sua imaginação *tiradas* de sua methaphysica; o philósopho exhibe-nos provas de uma poesia rançosa nas paginas do seu livro.**) Na historia dos dous dominios intellectuaes em que se exercitou não ha de fazer uma figura muito eminente, como á mania patriotica tem querido parecer. O Sñr. de Magalhães é um romantico e um espiritualista catholico. Dotado de pouco vigor de imaginação, não tem brilhos de estylo; pouco profundo, não devassou seriamente nenhum dos segredos da sciencia. Seu melhor livro de poesias é de 1836; elle balbuciava então, as primeiras palavras de um systema litterario já decadente, e cujos corypheos já eram vultos da historia.

Quando appareceu, como philosopho, era cousa para surprender a todos, que o suppunham alheio ás especulações sérias, e que deviam ter notado a sua incompetencia para as graves questões.

Em todo o caso, elle é sempre um anachronismo, e um dos factores de nossa pequenez intellectual. Foi

---

*) *Factos do Espirito Humano* por D. J. G. de Magalhães, Paris, 1858.

**) Das poesias, entre outras, veja-se *Deus e o Homem* nos *Suspiros Poeticos;* e do livro de philosophia o *Cap. 1º*.

sempre um homem de meias medidas: meio classico e meio theologo, com pretenções a espirito moderno.

Hoje segue a diplomacia, esta sciencia do que ha de mais anti-scientifico, — as cavillações.

Os *Factos do Espirito Humano*, com ares de um quadro da philosophia de seu tempo, são uma velleidade. O auctor, que, desde muito, vivia na Europa, devendo estar em dia com a sciencia de então, e affirmando estar, afigura-se-nos alli muito debil. Seu livro é uma cantilena declamatoria onde não se depara com o methodo scientifico nem com a segurança e elevação das ideias.

Como é que o Visconde de Araguaya, ha tão pouco tempo! — com a pretenção de „aventurar-se em novas theorias, tractando de todas as grandes questões da philosophia; expondo os systemas mais acreditados e acceitos; refutando os que lhe pareciam contrarios aos factos e procurando, por um modo diverso do que o fizeram outros, resolver com a maior claresa que lhe foi possivel algumas difficuldades", mostra-se tão enormemente atraz dos grandes pensadores então já vulgarisados?!

Si a lei suprema porque deve a historia julgar dos homens e escriptores, é aferil-os pelo gráo de desenvolvimento da epoca em que floreceram, claro é que o Sñr. de Magalhães não sae engrandecido da operação da critica. Não passa de um discipulo de Mont' Alverne desenvolvido por Cousin. Diz elle que ouvio a Th. Jouffroy em Paris; não parece . . . . Quanto dista do pensamento profundo e do estylo sobrio do insigne eclectico? É um escriptor vulgar, sem elevação de ideias, sem firmêsa de doutrina, sem finêsas de analyse, sem habilidade na forma. Gira n'um circulo de raio tão curto, a ponto de não ter enchergado os grandes astros que hão illustrado o nosso seculo. Todos os nobres espiritos que esclarecêram com sua luz a Allemanha, a Inglaterra, a Italia e a França em nosso tempo, e que em 1858 os rapazes intelligentes dos collegios já conheciam, o Sñr. de Araguaya os não refere, e, todavia, vem dizer-nos

que expõe as theorias mais acreditadas e segue a philosophia que mais exalta o espirito humano!! . . .

Como todo o romantico desconsolado e impertinente, elle insulta o nosso seculo; mas é porque o não comprehende. Já é tão sediça e inaproveitavel certa maneira de insurgir-se contra o seu tempo que até um escriptor de minima estatura deve fugir de repetil-a: é d'esse appêllo para o materialismo industrial, e outras momices da especie que fallo. O nosso auctor a emprega como quem está ás voltas com uma novidade. Publica o seu livro, que tracta de verdades moraes, porque não „falta quem cure dos interesses materiaes; quem com escriptos os aconselhe, com discursos os apregôe, com obras os promova, com vantagens e lucros excite a cobiça a procural-os, e não será elle de mais no meio de tanto materialismo industrial!“ *)

Vê-se, por esta passagem sermonatica, que o Sñr. de Magalhães, como todos os pequenos poetas, é pouco escrupuloso em repetir as antigualhas desprestigiadas.

O hegeliano Vera, sem dar-se aliás por grande escriptor, para fugir á vulgaridade, cae no extremo opposto tambem criticavel; „não quero ser o censor de meu tempo, porque eu tambem sou de meu tempo“, disse elle. A escolher entre os dous extremos, antes este ultimo, com todos os seus prejuizos, do que a choraminga banal dos companheiros do Sñr. de Araguaya. Fazem estes uma impressão ainda mais incommoda do que a dos optimistas estolidos que nos andam, a cada instante, a fallar nas maravilhas da epoca. Por fallar occasionalmente no professor de Napoles, elle vem a proposito para medirmos por elle o nosso philosopho.

Este é um eclectico ferrenho, como Vera é um hegeliano fanatico; entretanto, que distancia não vai entre a vasta collecção de obras do espirituoso italiano e o livro magro do pesado brasileiro? O napolitano abre francamente lucta com os mais notaveis pensa-

---

*) *Prologo.*

dores que são adversos ao seu systema. Schopenhauer, Hartmann, Strauss, Darwin, entre tantos outros, soffreram-lhe os golpes; e, si as suas rasões quasi sempre não são das mais nutridas, o ridiculo que joga aos contrarios é sempre bem aproveitado. No brasileiro ha ainda mais fraquesa scientifica, e, de todo, anda ausente o espirito.

Tenho pressa em desvendar a sua pobre exposição da sensibilidade, o que elle chama de theoria nova. O seu livro começa por uns capitulos onde o auctor tracta de generalidades da philosophia, como elle a entende, e discute, inspirado em Cousin e depois d'elle, os systemas de Locke e de Condillac. Recuando até ao capitulo 8º, seja-me dado estudal-o ahi. É onde se acha a sua *nova* theoria da sensibilidade; os novos achados de nosso auctor são muito interessantes. Consistem n'isto: elle é um duo-dynamista, como tantos outros; admittê duas entidades immateriaes no homem, a *alma* com o pensamento e a vontade, e a *força vital*, que se encarrega da vida, e a que elle attribue a faculdade de sentir. N'esse ultimo ponto é que suppõe-se original; todos os mais assêrtos seus confessa implicitamente que são velhos na historia da philosophia. Não é muita cousa, e, si soubermos que Ahrens, no seu *Curso de Psychologia* publicado em 1835, já emittira aquella doutrina, a pretendida novidade se reduz a nada. Tal foi; Ahrens admittia que o corpo tem como sua a sensibilidade, além de certo conhecimento que lhe é proprio e para o qual o espirito nada contribue. Ao corpo por si pertencem, segundo o celebre publicista hanoveriano, a sensibilidade e a imaginação „distincta do *eu*, a qual pode crescer no cerebro, e o espirito perceber objectos que elle não produziu, ou para os quaes cooperou fracamente".*)

O Snr. Magalhães não contesta o papel importantissimo dos nervos e do cerebro na producção das sensações; mas para elle estes orgãos são instrumentos de um principio superior. Qual é este? A alma,

*) Ahrens, *obra citada*.

respondem os espiritualistas em côro. É a força vital, responde o philosopho-poeta, folheando as paginas do livro esquecido de Ahrens. De todos os obstruidores do terreno da sciencia são os mais perigosos os sectarios, como o nosso auctor, d'essa *triade* no homem: um corpo, uma força vital e um espirito. O corpo alimenta-se; a força vital vive, e a alma pensa e quer. É o requinte do regimen teleologico ou dualistico no homem e no universo.

O nosso compatricio, inclinado ao ideialismo e ao mysticismo, como verêmos, julga que é muito grosseiro e mundano a alma sentir, como já foi-lhe por alguem ponderado, e atira esse pesado encargo para o seu companheiro terrestre — o principio vital.

O *vitalismo* é uma doutrina biforme e incommoda; o *animismo* é mais logico; ambos desapparecem confusos diante da concepção de Rostan.*) O auctor dos *Suspiros Poeticos*, que, apesar de medico, dá mostras de não conhecer este distincto collega, é bastante theologo; meio polytheista, delicia-se em admittir as entidades. Não acredita na unidade absoluta da força e da materia. Nem, ao menos, é do numero d'aquelles, que julgam-se forçados a abandonar a entidade theologica *alma*, como se exprime Herzen, e contentam-se com a outra, especie de soberana immaterial, que preside aos phenomenos vitaes.**) Não, elle só está satisfeito com ambas. É theologo e tambem metaphysico. Não entra no plano d'este trabalho o estudo do que seja a vida; não temos, pois, que apreciar o quanto é inadmissivel a concepção de Barthez e Lordat, tão plenamente admittida pelo poeta dos *Cantos Funebres*. Fugindo ao praser que dar-me-hia a analyse das ideias de L. Rostan, acceitaveis com algumas reducções, e, sobretudo a opportunidade de combater a invectiva de M. Littré contra os que consagram a doutrina de que a vida é uma transformação das leis physico-

---

*) *Exposition des Principes de l'Organicisme*, 2me édition, Paris, 1846.

**) *Fisiologia della Voluntá*, pag. 6.

chimicas*), concedamos ao escriptor brasileiro a existencia de um principio vital, distincto e independente do corpo e d'alma e vejamos os motivos porque lhe attribue o privilegio da sensibilidade. O digno philosopho em 1858, como certamente ainda hoje, estava no ponto de vista de Jouffroy em 1830, quando escreveu a memoria sobre a *Legitimidade da separação da Psychologia e da Physiologia.*

O auctor, *apriorista,* não sente-se muito obrigado á provar as suas asserções; eis a segurança com que estabelece a premissa de sua argumentação: „A existencia de uma força immaterial que organisa o corpo é tão incontestavel como a existencia de um espirito que pensa, e que não tem consciencia de ser elle quem organisou o seu corpo, e quem opera no interior dos orgãos d'elle." **) O obscuro pelo mais abscuro .... A existencia na terra de um diplomata da lua é tão incontestavel como o é no interior de nosso globo a existencia do inferno, que não tem consciencia de ser elle quem ergueu-lhe na superficie as montanhas!..

Enfim .... concedido: existe o que o philosopho quer. Ouçamol-o ainda: „A sensibilidade está na força vital. É essa força quem se modifica e produz a sensação que se apresenta á nossa alma." ***) Esta proposição era uma grande novidade; cumpria ao pensador proval-a, e porque não fazel-o, quando „infelizmente em favor do que elle diz não pode citar a opinião de nenhum philosopho antigo ou moderno, pois todos de commum accôrdo attribuem á alma a sensibilidade?" Elle pretende justificar a sua descoberta, e devemos apreciar, um a um, a força de seus argumentos.

„Si a sensibilidade, diz, estivesse n'alma intelligente e livre, de cada vez que ella se lembrasse de uma sensação a sentiria de novo; como de cada vez que se lembra de uma concepção a concebe de novo; mas si se lembra de uma dôr, ou de um cheiro, ella

---

*) *Médecine et Médecins,* 2me édition, pag. 355 e 56.
**) *Capitulo* 8º.
***) *Cap. citado.*

não os sente de novo; e quando se lembra de uma côr, não a vê e só a representa em um objecto qualquer percebido por ella.“ *)

Já foi ao philosopho demonstrado, por um dos seus criticos, que este argumento é futilissimo, nada vale. Próva de mais, por quanto a prevalecer o seu dito, fôra mister despojar tambem a alma humana da vontade! De certo, quando nos lembramos de uma volição passada, a não queremos de novo.

Mas isto não basta; preciso é dizer ainda ao auctor de *Olgiatho* porque é que, ao lembrar-nos de uma concepção, a concebemos de novo, e o mesmo se não dá com a sensação. Não é necessario pedir auxilio a uma ordem scientifica superior para fazel-o. Pois não viu o philosopho que, sendo, segundo ensina a sua propria escola, a memoria uma faculdade intellectual, uma vez que evoca phenomenos do entendimento, está dentro do circulo a que pertence, e aquillo que reproduz apparece em seu caracter primitivo ?

Por outros termos, quando a memoria se exerce, em tal caso, é sobre factos pertencentes á ordem intellectual, e estes se apresentam como são, isto é, como ideias. Outrotanto não se dá quando se exerce sobre factos que pertenceram á sensibilidade ou á vontade. N'este caso, ella resuscita só aquillo que é de sua alçada, a ideia da sensação ou da volição, e não estas em si mesmas. O Sñr. de Magalhães queria que ella fosse adiante e resuscitasse os proprios phenomenos de uma esphera estranha, isto é, queria que nós todos fossemos uns hallucinados! A razão physiologica do que acabo de referir o nobre poeta devia conhecer, Devia saber que nos phenomenos da memoria não se agitam as partes do cerebro onde trabalham a sensibilidade e a vontade.

Só a fraqueza d'este primeiro argumento do nosso escriptòr dispensava-nos de ir adiante. É, porém, necessario proseguir e examinar os outros motivos que allega.

---

*) *Loco cit.*, pag. 159.

„O engano dos philosophos, que fazem da passividade de sentir uma faculdade da alma humana intelligente, provem de que a alma parece ter consciencia das sensações, e immediatamente sentil-as. Mas a consciencia de uma sensação nada mais é do que a consciencia da percepção de alguma cousa acompanhada de sensação.“ *)

O Snr. Magalhães é medico e eu não quero dizer que elle se enganou. Não pretendo defender os direitos da alma humana; no terreno da physiologia, porém, contesto que não haja consciencia das sensações, e sim somente das percepções que as acompanham.

Existem sensações perfeitamente conhecidas pela consciencia, que não lhe trazem a percepção de cousa alguma; a sensação de dôr, por exemplo, na maioria dos casos.

O digno medico deve conhecer o estado, que os physiologistas denominam *hypocondria*, no qual até as sensações geraes não localisadas tornam-se patentes á consciencia, sem todavia, trazerem a percepção de objecto algum.

Mas nem é preciso recorrer a um estado pathologico para patentear o engano dos *Factos do Espirito Humano*.

Basta recordar que a sensação especial de cheiro, em muitos casos, não nos refere a percepção de um objecto. Podemos sentir o aroma de uma flor sem que a vejamos e saibamos qual ella seja. A percepção é que nunca se dá sem a sensação, que se pode executar sem aquella.

Até em casos morbidos a percepção vem acompanhada de seu inseparavel appendice. Nas *hallucinações* dá-se a percepção sem objecto exterior, mas sempre seguida de sensações, quaesquer que ellas sejam. São até estas as falsas sensações que originam as falsas percepções, ou hallucinações psychosensorias. A que reduz-se, a vista d'isto, a argumentação do

---

*) *Loco cit.*

Sñr. Magalhães? Elle nada provou, limitando-se a affirmar gratuitamente. Repitamos-lhe que as sensações, até pelo orgão da sciencia livre, são declaradas actos da consciencia, ainda que esta ultima tenha sido, até agora, inexplicavel em sua intimidade:

É um resultado da irritação do tecido nervoso; é quanto se pode affirmar. „Nós podemos, diz Huxley, classificar as sensações com as emoções, as volições e os pensamentos na cathegoria dos *estados de consciencia.* O que vem a ser a consciencia de um acto que se passa em nós, ignoramol-o. Como acontece que um phenomeno tão nòtavel, qual a apparição da consciencia dos actos se mostrando como o resultado da irritação do tecido nervoso, nós não podemos conhecer, nem mais nem menos do que a apparição dos Djins quando Aladino sopra a sua lampada. E, depois, todos os factos *ultimos* da natureza acham-se no mesmo caso.“ *)

É esta a verdade das cousas, é este o respeito da sciencia, quando manejada por espiritos da tempera do insigne naturalista-philosopho.

O Sñr. de Magalhães, mil gráos abaixo do illustre experimentador, recusa á consciencia o conhecimento da sensação, sem dar, para tanto, prova seria.

Custa-me até a comprehender como lhe pôde entrar no pensamento a possibilidade de ter-se a consciencia de uma percepção sem, ao mesmo tempo, haver a da sensação que a origina. Seria bom que o philosopho fosse mais explicito n'este ponto.

Depois de acabar o Cap. 8º de seu livro, como o tinha começado, por uma serie de banalidades, o auctor passa ao Cap. 9º, onde exhibe o seu mais famoso argumento. As ninharias com que abriu aquelle capitulo são umas inopportunidades sobre a ordem dos sentidos exteriores no tocante ao auxilio que elles prestam á intelligencia; as com que o fecha são umas

---

*) *Lições de Physiologia Elementar*, pag. 210. Traduc. de Dally.

objecções que, finge, se lhe farão, e ás quaes responde antecipadamente.

A principal consiste n'uns considerandos sobre uma experiencia de Flourens.

O auctor simula que alguem lhe diga: os bellos achados do naturalista francez, que tanto apreciaes, achados com que provou que si a um animal tirarem-se os dous lobulos cerebraes, elle perde todos os sentidos, deixa de ver e de ouvir; perde todos os instinctos; não sabe mais defender-se, nem abrigar-se, nem fugir, nem comer; perde em fim toda a intelligencia, toda a percepção, toda a volição, toda a acção espontanea; estas bellas experiencias vos são contrarias, porque requerem tambem para o animal uma intelligencia além da faculdade de sentir, uma percepção, uma livre vontade e consciencia, e, portanto, uma alma, que se serve do cerebro, como instrumento ....*)

É esta a objecção a que tem de responder ....

Parece que estamos assistindo a um dos saráos philosophicos, que tinham logar no Rio de Janeiro no tempo da mocidade de nosso auctor, e que são por elle tão elogiados na sua *biographia* de Mont' Alverne.**) Alli o velho franciscano fazia proêsas e o poeta da *Urania*, ainda em embrião, discutia si os animaes tem *alma!*.. Bellos tempos de nossa ignorancia em que o palavreado tanto nos preoccupava!

Infelizmente ainda hoje não andamos melhor avisados, e o tão encomiado pensador se nos revela tal qual foi e será sempre.

O philosopho sophysticou; presentiu que a physiologia cerebral lhe é adversa, e, para quebrar o valor da opposição, pejou-a de consequencias, aos olhos de sua gente, absurdas, para sahir-se assim victorioso. Ninguem, a não ser algum desasisado, iria das experiencias de Flourens concluir que o animal têm liberdade e alma, quando, em todo o caso, no proprio homem são ambas, liberdade e alma, questão aberta,

---

*) *Pag. 166 e 167.*
**) *Opusculos Historicos e Litterarios.*

e a sciencia não parece muito disposta a reconhecel-as. Não é tal a conclusão que se deve tirar d'aquellas premissas para ir-se ao encontro do Sñr. Magalhães.

Basta concluir que os animaes, sem alma, têm uma intelligencia, como têm uma sensibilidade, cousa que ninguem, a não ser o poeta fluminense, atreve-se mais hoje a contestar; basta, sobre tudo, concluir que do cerebro depende a sensibilidade, como d'elle depende a intelligencia.

O Sñr. de Magalhães phantasiou argumentar com algum pobretão d'ideias para melhor levar-lhe vantagem. Ora essa, Sñr. Visconde!...

Veja bem o auctor de *Antonio José:* a questão hodierna, já decidida, sobre os animaes não é si *elles* têm, ou não *alma*, e sim em que gráo têm intelligencia e quanto, e como, distam do homem. Para o insigne e inestimavel Haeckel os animaes superiores têm todas as propriedades, que nós outros nos obstinamos a chamar *espirituaes*, por consagração da lingua, propriedades que só differem das do homem quantitativamente e não *qualitativamente.**)

O nobre visconde é bastante atilado para conhecer a differença dos dous pontos de vista.

Prosigamos.

Nas primeiras paginas do *Cap. 9º* os *Factos do Espirito Humano* encerram o seu mais vigoroso argumento. Achilles vae sahir a campo. Eil-o: „Para que uma cousa se distinga de outra é necessario que ella não seja a cousa mesma da qual se quer distinguir. Nada se distingue de si mesmo, senão d'aquillo que não é elle.“ **) É esta a proposição erigida pelo philosopho em principio geral, e que serve de maior ao seu arrasoado.

„Ora, si o *eu* fosse sensivel, prosegue o auctor e recebesse a sensação como uma affecção, ou modificação sua, elle não se distinguiria d'ella, elle seria

---

*) *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, Lição 10ª; Berlim, 3ª edição.

**) Capitulo 9º.

a sensação mesma, como bem disse Condillac; não teria por conseguinte percepção alguma; e mil sensações diversas que n'elle se succedessem iriam passando, e elle, modificando-se de sensação em sensação seria sempre a ultima, sem distinguir-se de nenhuma.“ *)

Tudo isto não se dá; o *eu* se distingue das sensações, logo ellas lhe não pertencem. A tanto queria chegar o argumentador *in barbara.*

Eis um resultado esdruxulo da metaphysica; o motivo de taes e tão crassos enganos é a *aprioristica* noção de *causa* que tem o nosso pretendido grande auctor.

Diz que nós não nos distinguimos de nossas affecções; que uma nossa *ideia* somos nós mesmos pensando; uma nossa *volição* somos nós mesmos querendo...

Certamente não nos podemos distinguir de nossas affecções, si por distinguir entender-se, como o quer o Sñr. Magalhães, separar-se no todo, formando existencias e substancias á parte.

Esta, porém, não é a verdade das cousas; abstracta, e até concretamente, eu me distingo de minhas ideias e volições, como me distingo de minhas sensações. Sim; minha intuição do mundo e da realidade admitte perfeitamente que eu me distinga, por exemplo, da *ideia* que formo do *Aimbire* do Sñr. Magalhães. Tanto é isto verdade que, desapparecida a ideià, eu ainda persisto tão integralmente como d'antes.

Não se comprehende porque o nobre auctor abre uma excepção em desfavor das sensações; d'estas o *eu* se distingue; do mais não, segundo elle. Porque? A resposta não é capaz de tranquilisar a qualquer. O *eu*, especie de entidade metaphysica, se distingue das sensações, porque as objectiva, diz o brasileiro!..

Ora, outrotanto não se dará com a volição e a ideia?! Será certo que estas tambem se não objectivam? A ideia que forma o nosso diplomata do seu vulto de gigante, que

„*entre os seus marechaes ordens dictava*“,

---

*) *Idem ibid.*

não estará objectivada? A ideia côxa que, como poeta, phantasiou do vencido de *Waterloo* não o terá sido nunca? A vontade que tenho de que o Snr. de Magalhães reforme a sua doutrina não o estará tambem?

O philosopho devia ter sido um pouco mais seguro.

N'este declive da espiritualidade elle vai direito ao mysticismo, e nos ultimos capitulos de seu livro assegura-nos que não temos certeza da existencia real do universo, e que pensamos n'elle, porque é um pensamento de Deus, que nol-o communica, com a mesma arte e pela mesma forma porque o magnetisado percebe as ideias que vão pela mente do magnetisador!

Esta recente transformação da *visão em Deus* do padre Malebranche, acho-a tão mirrada que a não julgo digna de um exame.

Vamos adiante.

IV.*)

Na historia do desenvolvimento espiritual no Brasil ha uma lacuna a considerar: a falta de seriação nas ideias, a ausencia de uma genetica. Por outros termos; entre nós um auctor não procede de outro; um systema não é uma consequencia de algum que o precedeu.

É uma verdade affirmar que não temos tradições intellectuaes no rigoroso sentido. Na historia espiritual das nações cultas cada phenomeno de hoje é um ultimo élo de uma cadeia; a evolução é uma lei: seja a Allemanha o exemplo.

Na historia da musica Gluck, Haydn, Mozart, Beethoven . . . succedem-se por necessidade do desenvolvimento da arte; um é a continuação progressiva do outro. Na evolução philosophica Kant dá Fichte; este dá Schelling, e, por uma razão immanente ao systema, apparecem, ao mesmo tempo, Hegel e Schopenhauer. Hartmann é um corollario, como o são Büchner e Moleschott, e como o foram Strauss e Feuerbach. Em todos os ramos intellectuaes a lei se acha applicada.

N'este paiz, ao contrario, os phenomenos mentaes seguem outra marcha; o espirito publico não está ainda creado e muito menos o espirito scientifico. A leitura de um escriptor estrangeiro, a predilecção por um livro de fóra vem decidir da natureza das opiniões de um auctor entre nós. As ideias dos philosophos, que vou estudando, não descendem umas

*) *Theoria da Affirmação Pura* pelo Pe. Patricio Muniz, Rio de Janeiro, 1863.

das dos outros pela força logica dos acontecimentos. Nem, talvez, se conheçam uns aos outros na maioria dos casos, e, si conhecem-se, nenhum aproveitou do antecessor, com a excepção, que já foi feita, para o Snr. Magalhães. São folhas perdidas no torvelinho de nossa indifferença; a pouca, ou nenhuma, influencia que hão exercido sobre o pensamento nacional explica essa anomalia. Não sei que relação logica haverá entre o Dr. Tobias Barreto e o Pe. Patricio Muniz; um leu São Thomaz e Gioberti e fez-se theologo e sectario *apriorista* do *absoluto;* o outro Schopenhauer e Hartmann, depois de haver lido Comte e Haeckel, e tornou-se um critico imbuido da grande ideia da relatividade evolucional e um tanto impregnado de salutar pessimismo. Que laço os prende? Não sei. É que a fonte onde nutriram suas ideias é extra-nacional. Não é um prejuizo; antes equivale a uma vantagem.

O cosmopolitismo contemporaneo, de que, pela força das conquistas commerciaes, partilhamos tambem um pequeno quinhão, traz á humanidade d'estes resultados: espiritos vivaces de nações toscas e atrasadas, arrebatados pela rapida corrente das grandes ideias, que fecundam os povos illustres da actualidade, deprimidos os patrios prejuizos, conseguem alçar a fronte ácima do amesquinhamento geral, e embeber-se de uma nova luz. Vejo n'esse phenomeno uma excepção aberta á lei da acção do *meio social*, que ás vezes é mesquinho, em prol da civilisação que irradia n'outra parte. A lucta pela cultura consegue a final triumphar até entre os povos systematicamente atrasados, como o nosso.

Os philosophos brasileiros não se prestam, repito, a uma classificação logica, filha das leis que presidem ao desenvolvimento dos systemas, não existindo estes aqui. Forçado a apresentar uma, ella seria em tres grupos: *a)* escriptores educados sob o regimen do sensualismo metaphysico francez dos primeiros annos d'este seculo e que passaram para o eclectismo cousiniano; *b)* reactores neo-catholicos filiados ás doutrinas de Gioberti e Rosmini, ou ás de Balmès e Ventura;

c) e afinal espiritos que se vão emancipando sob a tutela das ideias de Comte ou as de Darwin. Nem mais nem menos, eis os grupos em que se podem destribuir os auctores que constituem o objecto d'este ensaio. Oxalá que alguns d'elles, lançadas as suas vistas para o Velho Mundo, descortinassem lá sempre os guias da sciencia moderna! Ás vezes os resultados d'esta viagem mental são bem pouco proveitosos. É um exemplo a obrinha do Pe. Patricio Muniz: *Theoria da Affirmação Pura.*

O illustre padre, portuguez que tem vivido desde muito no Brasil, pertence á segunda classe d'entre os seus collegas de philosophia, como os tres já analysados pertencem á primeira.

Apreciemos o valor das ideias do nosso pregador. Elle é um theologo escolastico, mas um theologo que leu Kant, e tem um certo respeito á philosophia allemã, apesar de só a conhecer por intermedio dos francezes. Em seu sentimento benevolo para com os allemães distancia-se algum tanto de Gratry, para quem Hegel não passava de um máo sophista!

Ouçamos o portuguez-brasileiro. Diz elle, censurando o eclectismo de Cousin e discipulos: „Ao progresso de uma theoria pantheistica, preparada com aturado estudo por Kant e desenvolvida por Fichte, Schelling, Hegel e Krause, oppor o arremedo de um systema sem unidade de principios, sem nexo, nem consistencia, era uma puerilidade; e explicar o eclectismo pelo scepticismo, quando a necessidade de sciencia levava o pensamento a conceder a negação da realidade, era uma tentativa anachronica. Com effeito, apesar do talento de Damiron, de Jules Simon, de Emile Saisset, a escola de Cousin tem feito uma figura muito apoucada ao lado do pantheismo allemão. Pode-se dizel-o, — o pantheismo ficou em pé e só ante as aspirações á sciencia.“ *)

Esta critica á escola de Jouffroy, apesar de muito repetida, e este elogio á de Kant, ainda que vulgar,

*) Pag. 7.

merecem ser consignados por terem sido feitos por um padre e um padre do Brasil.

Quanto atraso, porém, d'alli não transpira! Em 1863 ainda o nosso pequeno philosopho suppunha que em face da metaphysica allemã, que encheu os primeiros quarenta annos d'este seculo, só existia o espiritualismo francez! As immensas ruinas, desde muito, accumuladas no além do Rheno por criticos, naturalistas e philosophos elle as não enchergava.

O empenho de Patricio Muniz é combater o sensualismo e tambem o pantheismo; para este duplo mistér elle vai buscar as suas armas na idade media. A theologia catholica, em suas mãos, reveste-se de uma *sobre-casaca* emprestada pela metaphysica moderna; mas deixa bem vêr a *batina*... O todo é grotêsco. O philosopho padre-mestre se julga, entretanto, muito adiantado e seguro. Os seus esforços, segundo a sua propria expressão, para desenvolver a philosophia no catholicismo são um serviço real á patria! Seu livro é consagrado a Nossa Senhora e dedicado ao Sñr. D. Pedro IIº. Não sei como tão harmoniosa lhe pareceu esta juncção.

O padre transpira todo no escriptor; estas palavras são suas: „A philosophia desenvolvendo as relações do finito e do infinito, necessariamente da religião é que tira a sua premissa; e querer a religião sem revelação é querer o espirito humano desenvolvido sem ensino exterior, é não conhecer a humanidade. Si, pois, o desenvolvimento da razão resulta de um ensino externo, si este ensino é a tradição catholica da revelação divina, está claro que a razão tem de desenvolver-se á luz da revelação; e a philosophia é antes de tudo o desenvolvimento scientifico do dogma . .

. . . .

Accusam-nos os racionalistas de querermos submetter a philosophia á Theologia. Nós não submettemos a philosophia á Theologia; o que fazemos é harmonisar as sciencias submettendo-as todas á realidade. Mas talvez ainda se nos pergunte: Quereis retrogradar para a escolastica? Não, não queremos retrogradar para

a escolastica, queremos progredir n'ella. Isto é um bem, isto é uma necessidade." *)

Estes trechos revelam bem claramente a intuição do nosso auctor; é um crente nas relações do *finito e do infinito*, um sectario n'este ponto de Victor Cousin de quem tanto desdenha; é um reaccionario da idade media, um neo-catholico ao gosto de Rosmini, de quem não tem a profundesa e de Donoso Cortès, de quem não tem as scintillações de estylo. Patricio Muniz é um pensador muito mediocre, e um orador nas mesmas condições, apesar de já ter sido, não sei por quem, uma vez apontado como o successor de Mont'Alverne, o que, aliás, não é honra, porque o franciscano tambem era pequeno. Como este, não é lido; sua pequenina brochura está completamente esquecida. Seus votos em prol do desenvolvimento scientifico do dogma são uma extravagancia, que em rigor lhe não pertence, e que se recusa a um exame sério; seu anhélo por caminhar na idade media é a crassa impertinencia de sua escola, e não merece uma refutação. Pobres reaccionarios baldos de sciencia e de criterio!

O pantheismo lhe merece tanta repugnancia, como o materialismo; e, todavia, não será muito difficil mostrar que o nosso padre é um perfeito pantheista. Sua metaphysica deve ser estudada no ponto em que elle a julga mais forte, no estudo da natureza da intelligencia, onde procura subtrahir-se ás influencias deleterias dos systemas modernos.

Antes d'isto cumpre mostrar alguns especimens de sua linguagem de charadista. As theses seguintes e suas divisões são muito apreciaveis:

„O relativo é a deductibilidade do positivo.

„Esta deductibilidade é concreta ou discreta, isto é, dá-se em um só concreto ou em muitos concretos.

„O relativo concreto é a definição, ou explicação, ou determinação do concreto.

„O relativo define o concreto quando é a analyse

---

*) Pag. 7, 8, 10.

da identidade do concreto em si mesma; n'este caso elle é confirmativo.

„O relativo explica quando elle é a analyse das noções contidas na unidade concreta; n'este caso elle é explicativo.

„O relativo é determinativo quando elle analysa a comprehensão das noções de um concreto no seu principio affirmativo.

„O relativo dentro de um concreto é sempre uma analyse; pois é a possibilidade de distinguir como concreto o que é objectivamente identico.

„O relativo discreto é a aptidão do multiplo para a synthese do pensamento.

„O relativo discreto é comprehensivo, comparativo, limitativo e negativo.

„O comprehensivo é a affirmação constituida discretamente no principio de causalidade.

„O comparativo é a identidade formal na multiplicidade da affirmação.

„O limitativo é a affirmação discreta no multiplo.

„O limitativo é absoluto ou relativo.

„O absoluto é a affirmação discreta do definido e do indefinido.

„O relativo é a affirmação discreta do multiplo definido.

„O negativo é a affirmação discreta do subjectivo e do objectivo.“ *)

Irra!.. Desculpe-me o leitor esta transcripção tão fastidiosa; é preciso fazer comprehender toda a riqueza esteril do philosopho tonsurado. Foi com estas *horribilia verba* que a metaphysica por tanto tempo empeceu o progresso da sciencia. Os sondadores do *absoluto*, dos quaes é o nosso um dos mais infimos imitadores, tinham a giria da obscuridade. Empolado o verbo, a phrase enygmatica, tinham elles, a seu vêr, todos os signaes da profundeza. E aquillo que deixei acima está um pouco escoimado das escorias das paginas da *Affirmação Pura*. Deixaram-se

*) Pag. 46 e 47.

alli a orthographia barbara do auctor, e as *theses*, *divisões*, *corollarios*, *provas*, *lemmas e escholios* que a acompanham.

O padre Patricio é difficil de refutar, por que é difficil de lêr. Hegel disse, creio que em sua *Logica*, que para sêr-se bom dialectico e pensador faz-se mistér ter-se sido spinosista. O philosopho hollandez procede pelo methodo dos *escholios e lemmas*, tão apreciavel na geometria. Opino diversamente ao illustre allemão no modo de seguir o seu conselho. Dado que seja de necessidade o emprego d'aquella gymnastica para a agilidade do espirito, elle deve ser ministrado somente como exercicio. Nas obras serias, resultantes da madureza do pensamento, aquella tactica não deve apparecer. Convenho em que submettamo-nos a ella como preparação; em publico aquelles apparelhos não devem ser mostrados, como se devem retirar os andaimes depois de prompto um edificio. O padre Patricio exhibe-se carregado de proposições, themas, hypotheses e corollarios... *Tant pis.*

Vejamos os fundamentos de sua theoria.

Firma-se n'este pirncipio: „o pensamento não é uma autonomia; mas uma reproducção da substancia.“ D'esta base escolastica deduz-se a sua doutrina. Sim; o pensamento não é uma autonomia, como bem proclama o philosopho; mas simplesmente porque é uma *funcção*. D'isto é que elle se esqueceu. Em 1863 ainda escreve como si esta doutrina não estivesse ganha para a sciencia. O pensamento, diz ainda o auctor, é uma reproducção da substancia; não sei bem qual o sentido que alli se quiz prender á palavra *reproducção*.

Si o philosopho quiz fallar de reproducção do *sujeito*, o termo é mal empregado e consequencias, que lhe são desfavoraveis, podem d'alli deduzir-se. Si quiz significar a reproducção do *objecto*, iremos ter á theoria das *ideias imagens*, ao sensualismo, que elle tão sanctamente esconjura. Mas, eil-o que tropeça no pantheismo e acaba por submergir-se n'elle. São Thomaz não n'o valeu.

Este phraseado é significativo: „Quando conhecemos, o que acontece? Reproduz o nosso pensamento as formulas e as condições do objecto conhecido. Eu penso n'um homem: o meu pensamento desenha a estatura e as feições d'este homem; e, ao mesmo tempo, quando digo que elle existe, o acto do meu pensamento é uma definição da existencia incluindo esta imagem. Tanto é verdade ninguem desconhecer este caracter do pensamento, que vulgarmente se diz estar no pensamento a imagem ou a forma do objecto. Mas esta forma ha de ser forma de uma substancia; e aqui não temos senão duas: o sujeito e o objecto; elle não é a forma do objecto, porque essa está no objecto mesmo; logo é forma do sujeito *(sic)* identica á do objecto *(sic)*.“ É patente; isto é uma glosa da celebre proposição de São Thomaz: „Conceptio intellectus est similitudo rei intellectae et in eadem natura existens; quia in Deo idem est intelligere et esse.“

O Dr. Patricio cita estas palavras que chama admiraveis.

Quando disse que não sabia bem o sentido que o illustre padre-doutor liga ao termo reproducção, fil-o propositalmente; estava certo que elle proprio me viria justificar. Em o seu trecho, ultimo citado, ora diz que é a do objecto, ora a do sujeito identico ao objecto. Ora bem; no primeiro caso vae rolar no materialismo, e no segundo perde-se no pantheismo. Não é mistér ser aguia para tirar estas conclusões. Ambas são evidentes. Quanto á ultima, por exemplo, cégo será quem não comprehender a legitimidade d'este raciocinio: „si em Deus o pensamento é a reproducção de sua propria substancia, sua ideia do universo é a reproducção de um objecto identico a elle mesmo, e o universo vem a ser Deus, e Deus vem a ser o universo.“ Temos ahi o duplo pantheismo de Spinosa, que sacrifica Deus ao mundo, e o de Hegel, que procede inversamente. O padre Patricio, estribado no *Anjo da Escola*, deu-nos a soberba synthese de ambos.

Avalie-se agora a força de pensamento de um escriptor que se apresenta de lança em punho para

combater os falsos systemas da philosophia moderna, e cae, ferido na sua propria arma, logo aos primeiros passos que dá.

Julgo inutil continuar a analyse de um tal pensador e muito dispensavel apreciar a sua *nova* theoria da sensibilidade, que, para elle, se confunde metaphysicamente com a intelligencia e a vontade. Proposição tão enorme, aos olhos dos sectarios do espiritualismo, que lhes deixo a tarefa de estygmatisal-a.

Não deixo, porém, de lembrar uma passagem em que o padre escriptor mostrou-se até mal informado de autores que cita com a pretenção de os refutar. É quando, fallando em Jouffroy, refere uma sua definição de philosophia, a qual o francez não deu como tal. São estas as palavras do celebre professor: „Qu'est-ce donc que la philosophie? C'est la science de ce qui n'a pas encore pu devenir l'objet d'une science; c'est la science de toutes ces choses que l'intelligence n'a pas encore pu découvrir les moyens de connaître entièrement; c'est le reste de la science primitive totale; c'est la science de l'obscur, de l'indéterminé, de l'inconnu.“ *)

Diz o padre Muniz que isto é uma satyra! Ora, ninguem, que haja lido a notavel memoria sobre a *Organisação das Sciencias Philosophicas*, d'onde foram aquellas palavras extrahidas, as tomará por uma definição, quando é certo que o nobre pensador confessa que aquelle modo de julgar fôra uma phase morbida de seu espirito, passada em 1822, e que, no tempo em que escrevia, tinha, desde muito, desapparecido. É, portanto, aquelle trecho improprio para com elle julgar-se das ideias do philosopho francez, um dos maiores de seu tempo, como nol-o testemunha Laurent, e incontestavelmente o unico vulto eminente do eclectismo.

E, ainda quando Jouffroy tivesse permanecido n'aquelle ponto de vista sobre o objecto e a unidade da philosophia, não vêjo um motivo serio para o re-

---

*) Th. Jouffroy, *Nouveaux Mélanges Philosophiques*, 2me édition, pag. 122.

pellir; porquanto de tudo o que produziu o seu espirito aquella doutrina sobre a sciencia, que tão brilhantamente professou, vem a ser, a meus olhos, a obra prima, apezar do philosopho a ter abandonado.

Sim; a philosophia foi a sciencia primitiva geral, que, de dia em dia, foi perdendo o seu dominio pela organisação das sciencias particulares. Outra, no fundo, não foi a celebre critica de Comte, que, de todo separou as diversas sciencias da philosophia; d'ella expulsou a theologia e a metaphysica e acabou por consideral-a uma generalisação de todos os nossos conhecimentos. A analyse de Jouffroy foi, a certos respeitos, mais completa, porque importava o aniquilamento final da philosophia, futuro para que vae caminhando. Não longe está o tempo em que todos os diversos aspectos do universo e da humanidade terão, cada um, sua sciencia particular e propria, nada ficando para a pretendida rainha da intelligencia.

A synthese de todas não será mais uma sciencia á parte, e sim um simples recurso do espirito, praticavel em todas as circumstancias.

A isto o padre Muniz chama uma satyra! Suas censuras a Jouffroy, segundo a expressão de Huxley, não valem o papel sobre que foram escriptas.

V.*)

Existe ao norte d'este imperio um phenomeno curioso: um lente de philosophia em Pernambuco, um medico, um jornalista, um ultramontano, que escreveu umas compilações de São Thomaz. Não sei que escriptor satyrico já teve tentações de comparal-o a Veuillot; mas refugiu diante d'esta ideia, recordando-se de que o francez tem um bello estylo, uma forma brilhante para encobrir o carunchoso de seu pensar; e o nosso doutor-lente tem uma lingua pesada e illegivel. É Veuillot sim; mas trajado ao padre Antonio Pereira, si é que não desmereço o valor d'este vigoroso espirito approximando-o, por qualquer forma, do professor do *Gymnasio* do Recife.

O nosso philosopho, não sei como se dá, ao mesmo tempo, este nome a Aristoteles e a Leibnitz, a Spinosa e a Kant e ao . . . Dr. José Soriano, . . . o nosso philosopho, aqui ha uma lacuna da lingua, tem singularidades de pasmar. É um auctor impertinente que nenhum vacuo deixaria no quadro da litteratura brasileira, si nunca tivesse apparecido. Elle ahi figura para acanhamento nosso. É certo que ninguem o lê, a não serem, em minima escala, os seus discipulos de collegio, nos quaes não raro, percebe-se

---

*) I. *Compendio de Philosophia*, ordenado segundo os principios e o methodo de S. Thomaz de Aquino, Recife, 1867; II. *Lições de Philosophia Elementar*, racional e moral, Paris, 1871; III. *Considerações sobre a Igreja e o Estado*, sob o ponto de vista juridico, philosophico e religioso, Recife, 1874. Tudo isto pelo Dr. José Soriano de Souza.

um riso escarninho, quando pegam no enorme bacamarte, que se intitula o *Compendio de Philosophia*, ordenado segundo os principios e o methodo do *Angelico Doutor*.

Os pobres estudantes têm um como sentimento de haverem entre as mãos uma especie de halitherio anteglacial, mais insignificante, por certo, do que o animal geologico, porquanto este, ao menos, auxilia os sabios no estudo zoologico, e o livro do Dr. José de Souza a ninguem auxilia. São 700 paginas votadas ao atraso e encadêamento da mocidade! Alli respira-se um ar abafado, a inquisição do pensamento irrita e molesta. Ou acceita-se tudo, o que seria a victoria do erro e da decrepitude, ou tudo se repelle. Nada existe a analysar. Um livro cadaver não se discute; a philosophia não é um amphitheatro anatomico.

O Dr. José de Souza disse uma vez que o visconde de Araguaya, auctor dos *Factos do Espirito Humano*, é um bom poeta, mas mui mediocre philosopho.... E o thomista brasileiro, que deve ser classificado muito abaixo do nobre titular, o que ficará sendo? O que ficará sendo o indigesto compilador de theologia, o espirito mephitico e importuno, enclaustrado na idade media? O recente doutor belga por Louvain não se arrege; elle é incompetente para julgar quem não lê por sua cartilha, quem nunca abriu as horripilantes *Lições de Philosophia Elementar*, por exemplo. E este auctor é lente por exclusão de Tobias Barreto, o illustre coryphêo do germanismo entre nós!!...

Basta um só especimen para mostral-o tal qual é, e julgal-o com segurança. Eis aqui uma galhardia: „É impossivel negar á alma a propriedade de reflectir, *de voltar-se sobre si mesma*. Ora, si a alma não é espiritual, mas extensa, não poderá reflectir, porque aquillo que é extenso *não pode perfeitamente voltar-se sobre si mesmo*. Supponhamos uma folha de papel. Dobrando-a para formar uma carta, nunca uma mesma parte volta-se sobre si mesma, mas sempre uma sobre outra; de sorte que dobrando-a de novo a primeira forma desapparece para ser substituida por outra, em

virtude da nova disposição que tomam as partes. Pelo que si a folha de papel, por impossivel, tivesse consciencia, no acto de reflectir jámais seria conscia de sua primeira modificação. Ora, a cada qual attesta a propria consciencia que a sua alma póde completa e perfeitamente voltar-se sobre si, e pela reflexão illustrar as suas modificações, as quaes longe de desapparecerem pelo acto da reflexão, tornam-se pelo contrario mais vivazes e constantes. Portanto a alma não póde deixar de ser espiritual.“ *) Eis o que bem se podera chamar uma penca de disparates; não sei o que mais se deve admirar: o chatismo das ideias ou o chulismo da forma. Qualquer espiritualista mediocremente sensato hoje teria recuado diante de uma defesa tão esdruxula de seu systema.

Primeiramente, o garboso thomista é muito ingenuo em suppôr que tem definido a reflexão, dizendo que ella é o poder que tem o espirito de dobrar-se sobre si mesmo....

Não vê que esta linguagem é uma metaphora, e uma metaphora tirada justamente da ordem das cousas materiaes? Da materia é que se pode dizer, sem figura, que volta-se e dobra-se sobre si mesma.

Aquella especiaria da folha de papel, *não deixando os vestigios das dobras que soffrêra*, é no todo original...

Ouvi a um espirituoso chamar aquillo philosophia da *gomma elastica*, porquè esta é a materia que dobra-se sem deixar vestigios, voltando á sua primitiva posição. Ora, o philosophista devia melhor estudar as propriedades dos corpos, e melhor conhecer a sua alma, para não andar a dizer despropositos que servem somente para depreciar o seu paiz.

Que ideia faria do ensino n'este imperio o estrangeiro verdadeiramente illustrado que lêsse aquellas gentilesas? — It is a shame.

Mas ... bôa ventura é ser-se sectario de São Thomaz; aprendem-se cousas, que tornam a gente feliz n'esta terra ....

---

*) *Lições de Philosophia Elementar*, pag. 331.

O nosso professor, defendendo, nas suas *Considerações sobre a Igreja e o Estado*, com toda a pequena força de que dispõe a intolerancia religiosa, attribue a doutrina contraria ao racionalismo subjectivista, cujos sectarios não têm, ao menos, o *merito da novidade*.*) Oh! como é galante o Dr. José de Souza fallando de novidades!.. Deixemol-o em paz.

*) Pag. 117.

VI.*)

Abandonado este espirito arido e intractavel, para quem, como para Theodoro de Beza, a liberdade de consciencia é um dogma do diabo, *libertas conscientiæ diabolicum dogma*, respiremos um ar mais puro nas paginas de *La Science et les Systèmes* do Dr. Pedro Americo. O livro do pintor parahybano, apezar de pouco elevado, é um cimo diante dos escriptos do medico de Pernambuco.**)

O Dr. Pedro Americo gosa, entre nós, da fama de grande pintor. Quero suppor que esta nomeada em parte é bem fundada. Apesar de não ver o seu nome citado e applaudido pelos novissimos criticos da arte, que tenho podido consultar, o que não deixa de gerar certa desconfiança, não me atrevo a aventurar uma palavra siquer sobre o seu merito ou demerito na qualidade de confrade de Raphael. Não é que não tivesse a coragem de arrostar com os resultados do meu juizo, si, porventura, elle houvesse de ser desfavoravel a essa actual gloria do Brasil. O motivo de minha abstinencia é peremptorio: não conheço os trabalhos do nosso pintor; os seus quadros mais elogiados, nunca tive o praser de os vêr.

É como critico e philosopho que vamos aprecial-o. N'este caracter é mui pouco conhecido pelo nosso

---

*) *La Science et les Systèmes*, questions d'Histoire et de Philosophie Naturelle, par Pedro Americo de Figueiredo e Mello, 2me édition, Bruxelles, 1869.

**) Elle é filho do Rio Grande do Norte, mas reside, ha muito, em Pernambuco.

publico. Não é isto uma pécha. O deixar um escriptor de ser conhecido pelo publico brasileiro não é um desfavor; nada importa. Os mais elevados espiritos do seculo actual lhe são quasi totalmente ignorados. É o que se dá pela China.

O pintor parahybano não se deve lastimar por este olvido da parte de seus compatriotas. O seu trabalho, apezar de ser lhes dedicado, é escripto n'uma lingua estrangeira, e para estrangeiros. Foi primeiro publicado, no mesmo anno, sob o titulo: *De la Liberté, de la Méthode et de l'Esprit de Système dans l'Étude de la Nature*, como these para a acquisição do gráo de *docteur agregé* da Universidade livre de Bruxellas.

O illustre auctor parece conhecer o estado de abstenção em que se tem conservado o seu paiz, quanto ás questões agitadas no velho mundo. Logo nas primeiras palavras de sua brochura se lê: „Si ce livre avait été écrit au Brésil, il manquerait certainement de *couleur locale*, car aucune des questions que j'aborde avec quelques développements ne s'y trouve traitée sous un *point de vue nationale;* aussi celui qui le lirait sans penser à ce fait que la situation morale et intellectuelle de l'Europe différe beaucoup de la nôtre, le trouverait, sous bien de rapports, quelque peu vide et depourvu de sens."

Estas expressões significam uma verdade geral: a situação intellectual e moral brasileira differe muito da européa. Mas não vejo que as questões scientificas precisem ser tractadas sob um ponto de vista nacional, nem devam ter uma côr local para não deixarem de ser vazias de sentido. Si a côr local, que tanto preoccupa certa classe de poetas e pintores, pode ser um attributo peculiar á sua arte, o mesmo se não dá com a sciencia, que tem um caracter cosmopolitico e universal. Em 1869, quando o digno doutor pela Universidade livre de Bruxellas se exprimia por aquella forma, alguns dos systemas, que se gladiavam diante do velho publico europeu, já eram conhecidos por poucos adeptos brasileiros. De então para cá, graças á cooperação de alguns espiritos juvenis, as cousas

tem muito mudado de aspecto, e na propria imprensa diaria, e na tribuna das conferencias publicas algumas das ultimas luctas hão sido debatidas ante espectadores nacionaes. Para não citar outros factos além d'aquelles de que me hei de occupar no curso d'este ensaio, ninguem dirá que as *Tres Philosophias* do Dr. Luiz Pereira Barreto, o *Fim da Creação* do Visconde do Rio Grande, as *Funcções do Cerebro* do Dr. Guedes Cabral, e os *Ensaios e Estudos* do Dr. Tobias Barreto não sejam nutridos das ideias *perigosas* que dividem o pensamento europêo, e não revolvam totalmente o velho e pôdre terreno em que dormitava a ignorancia patria.

O auctor regozija-se da candura de seu paiz; para este é felicidade, a seus olhos, seu desconhecimento do que vai pelo antigo continente. „. . . . Grâce à Dieu, diz elle, notre patrie n'a jamais assisté à ces luttes du fanatisme contre la liberté . . . . de même, elle n'a jamais éprouvé l'action dissolvante du *matérialisme positiviste* . . . .“

Estas palavras, que parecem pronunciadas por algum abbade francez, ou belga, inquieto pelo futuro de seu paiz, si contaminal-o o espirito do tempo, não abonam muito a previsão do nosso philosopho.

Tres annos não eram passados, e a corrente das ideias européas nos invadia, e, até na politica, ateava-se a chamada questão religiosa. Eu não cahirei no irrisorio disparate de comparar a grandeza e seriedade das actuaes questões debatidas no velho mundo com as imitações comicas que ellas vão tendo entre nós. Assignalo apenas a ingenuidade do pintor em crer fallar de cousas desconhidas aos seus patricios, e, mais ainda, espanto-me diante de sua alegria por nos não ter ainda visitado o materialismo positivista!

Sim, este paiz não foi ainda, senão em mui diminuta escala, aggredido pelo materialismo positivista, o que é uma felicidade aos olhos do nosso auctor; mas, em desabono seu, vive triturado pelo materialismo moral, o materialismo dos costumes, cuja expressão mais hedionda são as scenas torpes de nossa escravidão;

vive minado pelo materialismo social, o materialismo civil, cuja degradante effigie se estampa nas scenas de piratagem de nossa politica!..

Desde já cumpre apontar os meritos da brochura do auctor da *Carioca.*

O mais eminente é, sem duvida, certo espirito de liberdade, que reçuma d'aquellas paginas. Em um paiz como a Allemanha ou a Inglaterra não importaria este facto uma qualidade assignalavel. O espirito de liberdade é alli endemico á atmosphera intellectual. Todos os bons espiritos commungam no altar das grandes e uteis ideias. É phenomeno ordinario. Em paizes de pouca cultura, como o nosso, assoberbados por caducos e pestilentos prejuizos, onde o pensamento surge curvado, como as frontes d'onde emana, o espirito de liberdade antolha-se-me como uma aureola que abrilhanta a face do escriptor. Pedro Americo, como poeta, sente enthusiasmo pelas nobres conquistas da sciencia, e se pronuncia contra os aférros da fé. Nas paginas d'este opusculo é a primeira vez que tenho de assignalar este digno impulso dos nossos tempos, e rendo-lhe bem alto o preito de que é elle merecedor. Estas palavras devem ser consignadas:

„C'est à tort que l'on attaque encore aujourd'hui la neutralité de la science au nom de la religion ou de la Bible, et le libre enseignement au nom de la foi: La religion aspire à préparer les hommes pour la vie future, la science les prépare pour la vie présente. La Bible enseigne des dogmes que ni l'expérienee ni le raisonnement ne sauraient démontrer; la physique enseigne ce qui est mesurable dans l'espace et dans le temps, ou bien ce que la raison découvre comme certain dans une série de phénomènes. La théologie n'admet pas la discussion et s'impose à la conscience avec une souveraine auctorité; la science, au contraire, suppose le libre examen et la pleine liberté de jugèment. L'Église exige, pour fonder la paix universelle, la soumission absolue de toutes les consciences aux décisions des conciles; pour la science, au contraire, la véritable unanimité est celle que fait naître l'évi-

dence: cette unanimité régnera toujours parmi les hommes qui, dans toute l'indépendance de leur raison et après un mur examen, tombent d'accord sur les mêmes points. Les auctorités ecclésiastiques peuvent s'enquérir des conséquences d'une vérité, et par suite défendre de l'enseigner dans leurs écoles, les universités laïques, au contraire, doivent enseigner sans réserve la solution scientifique d'un problème quelconque, quand même cette solution semblerait s'opposer à nos croyances les plus chères.“ *)

Esta passagem exprime um pensamento hoje vulgar e cem vezes repetido pelos escriptores do tempo. Escripta por um brasileiro, máo grado os seus defeitos de estylo, evidenciados pela impertinente repetição do *au contraire*, merece justos encomios por ser um brado de insurreição.

Outro merito, e n'estes cifram-se quasi todos, do pequeno escripto que analyso vem a ser uma qualidade oriunda da que ficou apontada: certo enthusiasmo pelas artes e pela natureza, que tambem trasborda do conjuncto de todo o trabalho. O auctor, aliás, por outros productos tem revelado tão nobre propensão.

Em *La Science et les Systèmes* nota-se uma certa desharmonia entre o titulo da obra e o seu conteudo. Afigura-se ao leitor que elle tem diante de si uma indagação philosophica sobre a sciencia em geral e os diversos systemas, que a têm trasido dividida. Não é assim; lidas as 166 paginas, quasi nada mais se ha percorrido do que notas biographicas sobre alguns grandes artistas, como Miguel Angelo e Raphael, ou sabios, como Galilêo e Newton. Os traços biographicos consommem quasi todo o trabalho. O auctor dá preponderancia ao que diz dos artistas e das artes; é certo que com o alvo de provar que a liberdade artistica se constituio primeiro, e foi ella que fundou a libertação da sciencia. N'este opinar vae certa dose de engano. Basta lembrar que os fundadores do genuino methodo scientifico, Galilêo e Bacon, não

*) Pag. 164 e 165.

foram artistas. Mas é no fundo mesmo das cousas que deve ser procurada a raiz do engano do nosso pintor. Cheio de enthusiasmo por sua arte, é natural que seus estudos historicos tenham versado de preferencia sobre os annaes d'ella, e de suas congeneres. De tal sorte, vendo o ideial n'aquella esphera ter attingido, desde epocas mui remotas, um gráo elevadissimo de perfeição, ao passo que a sciencia jazia acanhada e incorrecta, não trepida em proclamar que ás artes se deve a fundação do verdadeiro methodo scientifico.

Fallando da Grecia, diz: „Réflechissons à ce fait, étrange et étonnant, que depuis la découverte des admirables monuments de l'art grec, les peintres, les sculpteurs et les anatomistes de tous les pays, d'une voix presque unanime les déclarent inimitables. Mais si la frise du Parthénon, le Jupiter Olympien, et tant d'autres chefs-d'œuvre, sont restés supérieurs à tous les efforts qu'on a faits pour les égaler, tandis que la philosophie naturelle des Grecs, idéale et sublime, semble se réduire de plus en plus, aux yeux des générations modernes, c'est parce que l'art grec avait bâti son idéal sur la nature, tandis que la philosophie avait bâti la nature sur son idéal.“ *)

O motivo dado pelo célebre pintor não me parece cathegorico; poder-se-hia perguntar-lhe: mas porque os Gregos, nas artes, fundaram seu ideial sobre a natureza, e, na philosophia, a natureza sobre o seu ideial? Seu livro não nol-o diz. É mistér descer até ao intimo mesmo das duas espheras de manifestações intellectuaes.

Foi o que o Dr. Pedro Americo esqueceu. A arte se nutre principalmente de sentimento e imaginação, que, para tomarem um vôo sublime e fecundo, basta acharam-se de posse de organisações bem formadas e diante de um céo magestoso. Foi o que se deu na Grecia. Ás qualidades brilhantes de sua raça os Gregos junctaram o espectaculo de seu paiz e de seu céo encantador. A arte brotou e cresceu admiravelmente.

A sciencia não é assim; exige observações e ex-

---

*) Pag. 29 e 30.

periencias aturadas e rigorosas. Nutrindo-se principalmente de raciocinio, precisa de tempo e do labor de muitas gerações. Eis porque a arte grega foi tão profunda e sua philosophia mais acanhada; eis porque uma se constituio primeiro, e outra ainda hoje está em caminho de formação. Ainda assim, não é possivel contestar aos Gregos a gloria de lançadores dos primeiros fundamentos das sciencias. Basta lembrar o nome, nunca assaz applaudido, de Aristoteles.

Entremos na parte mais seria do livro. Qual a philosophia do nosso auctor? Elle pertence á parte liberal do eclectismo francez, é espiritualista, sectario da razão ine[illegible]ravel, um pouco refractario á theologia. Suas vistas historicas são tiradas de Michelet e Quinet, estes dous fundadores da escola historica franceza da sym[illegible]ria e da declamação.

Depois de Mommsen e Gervinus, Lazarus e Buckle; depois mesmo de Thierry e Laurent, é muita ingenuidade andar a repetir os palavrões de Michelet e Quinet, como demonstração dos acontecimentos humanos. Quem não percebe a grande transformação porque hão passado, nos ultimos trinta annos, os estudos historicos, depois da vulgarisação da parte critica do socialismo e do positivismo, e, sobre tudo, depois do triumpho definitivo da sciencia religiosa allemã e da doutrina de Darwin?

O Dr. Pedro Americo ainda nos vem citar d'estas gentilezas pedantescas de Quinet: „Semelhante a Jehovah (fallando de Raphael) que desenha com o dêdo sobre o globo as praias dos oceanos, elle traça igualmente o desenho da historia no — oceano dos tempos: a figura encantadora do demonio enrolado na arvore da sciencia, as migrações dos povos, o sonho de José, as primeiras scenas do Evangelho, os poetas de todas as escolas reunidos de todos os pontos do tempo á sombra da arvore do Parnaso; os philosophos sob o portico de Athenas; em sua face a disputa dos doutores da Igreja e o dogma que brota da hostia. Esta consagração de todos os tempos, de todas as sociedades no fundo do sanctuario, é a cidade de Deus mais vasta, mais tolerante do que a de Santo Agos-

foram artistas. Mas é no fundo mesmo das cousas que deve ser procurada a raiz do engano do nosso pintor. Cheio de enthusiasmo por sua arte, é natural que seus estudos historicos tenham versado de preferencia sobre os annaes d'ella, e de suas congeneres. De tal sorte, vendo o ideial n'aquella esphera ter attingido, desde epocas mui remotas, um gráo elevadissimo de perfeição, ao passo que a sciencia jazia acanhada e incorrecta, não trepida em proclamar que ás artes se deve a fundação do verdadeiro methodo scientifi...

Fallando da Grecia, diz: „Réflechissons à ce ...*eza ph*...
étrange et étonnant, que depuis la découverte de... *ma Intro-*
mirables monuments de l'art grec, les peintres, le... *za, probabi-*
... anatomistes de tous les pays, d'r... *Não fez*
mais do que dar a millesima edição das ... *garidades*
da philosophia do *senso commum* bebidas nos compendios francezes e belgas. Todo aquelle trabalho sobre factos e ideias, *très-triturées en ces derniers temps*, como nol-o declara, é para affirmar que: „l'évidence est donc le critérium de la vérité; sans évidence point de certitude, et sans la certitude la science serait à jamais impossible . . ." **)

Sentem-se impetos de retrucar ao digno pintor: „Eh! Monsieur, pourquoi tant de travail? Ça n'en váut pas la peine!"

É sobre a *inducção* e o *methodo* em geral que se revela todo o atraso e incompetencia do insigne esthéta brasileiro. Nem, ao menos, dá indicios de conhecer o *System of Logic* de Mill, publicado desde 1843. É sabido que este distincto positivista inglez prestou o grande serviço á sciencia de revelar o laço que une a inducção á deducção, e produzir, assim, a harmonia entre o methodo dos antigos e o dos modernos. S. Mill explicou a difficuldade caracteristica do syllogismo, provando que, no fundo, toda deducção é uma inducção, pois que não passa do desenvolvimento da operação inductiva, ou, por outros termos, não é mais do que

---

*) *Rév. d'Italie.*
**) Pag. 7.

periencias aturadas e rigorosas. Nutrindo-se principalmente de raciocinio, precisa de tempo e do labor de muitas gerações. Eis porque a arte grega foi tão profunda e sua philosophia mais acanhada; eis porque uma se constituio primeiro, e outra ainda hoje está em caminho de formação. Ainda assim, não é possivel contestar aos Gregos a gloria de lançadores dos primeiros fundamentos das sciencias. Basta lembrar o nome, nunca assaz applaudido, de Aristoteles.

Entremos na parte mais seria do livro. Qual a [illegible]hia do nosso auctor? Elle pertence á parte [illegible] eclectismo francez, é espiritualista, sectario [illegible]ravel, um pouco refractario á theologia. [illegible] historicas são tiradas de Michelet e Quinet [illegible] nada tem [illegible] a sciencia empirica. [illegible] dos [illegible] las inglesa e allemã.

Ficava bem a um Cousin o accusar a Lamettrie, ou a Helvecio levianamente d'aquelle defeito. Mas vir o Dr. Pedro Americo dizer-nos seriamente que Comte, Littré, Büchner e toda a cohorte de sabios e philosophos, que illustraram os ultimos tempos, não hão praticado um exacto e verdadeiro methodo . . . é singular! Uma das glorias até d'estes grandes pensadores é terem cumprido as regras de Stuart Mill, e consagrado o accordo do methodo de Bacon com o de Aristoteles. A philosophia, por elles tractada, não offerece mais d'aquellas scenas que tanto a atormentaram em algumas das epocas de sua historia. As controversias sobre o predominio d'este ou d'aquelle processo não nos preoccupam mais, ou o não devem, pelo menos.

Inducção e deducção são ambas indispensaveis e applicadas com criterio. É o que se dá com o methodo chamado *racional*, e o experimental. Não ha mais espirito algum, por pouco que seja versado em assumptos scientificos, que recuse estes dous processos. Formam uma só e mesma cousa. Temos chegado a

*) Alex. Bain, *Logique*, 1o volume, pag. 302 da traducção de G. Compayré.

esta formula: „experiencia sem raciocinio e raciocinio sem experiencia nada são, para nada valem.“

No primeiro caso, a sciencia se reduz a um empirismo chato e detestavel, e no segundo, perde-se nos achaques estericos do *apriori*.

A que se applica o methodo racional exclusivo? Si é ás verdades ditas contingentes e relativas, então se confunde com o experimental, porque para outra cousa não serve este; si ás verdades chamadas primeiras e axiomaticas, então é inutil, visto que estas são intuitivas e evidentes. Não precisam de um methodo para serem descobertas.

Allega-se a mathematica e a astronomia como o dominio exclusivo do methodo racional. Quanto á primeira, o seu regimen nada tem de absoluto, bastando recordar os trabalhos de Gauss, Bolyay e Lobatschewski, que despiram-no de tal caracter, construindo uma geometria fundada em supposições contrarias ás de Euclides. Quanto á outra, a experiencia não pode ser d'ella banida, e a isto se devem as brechas por Bouche-porn e Tremaux abertas no systema de Newton.

A que se dirige a pura experiencia empirica? Percebe-se que ella nada pode, fraccionando a intelligencia humana, e aleijando-a na indagação da verdade.

Nem pode-se, em rigor, conceber e levar a effeito experiencia alguma sem, ao mesmo tempo, raciocinar.

O Dr. Pedro Americo perdeu seu alvo; o empirismo de homens como Comte, Darwin . . . só existe em sua imaginação. Mas eu bem percebo o alcance de considerar-se a experiencia como empirica e grosseira, e imaginar-se um processo que receba o bello nome de racional.

O auctor deve, sem duvida, ter ouvido o belga e impertinente Tiberghien. Este senhor entende que a sciencia humana ficou enclausurada nos trabalhos de Krause; como Ahrens, seu mestre, não dá um só passo sem resuscitar uma passagem do velho e esquecido allemão. Esta gente é, como os espiritualistas de França, toda enamorada das excellencias e prerogativas da razão. O nosso ahi se inscreve.

Para elle e companheiros a intelligencia humana é uma cousa curiosa de estudar e contemplar. É um reino encantado, como os dos contos populares, onde uma fada prodigiosa decide, em ultima instancia, das questões pendentes. Abaixo d'ella jazem prostrados pobres e diminutos vassalos que nada podem fazer sem seu socorro e protecção. É o ultimo requinte do dualismo!

Além de uma alma e um corpo, de uma força vital e outra intellectual, de uma vida vegetativa e outra consciente, temos nós outros, no entendimento, a intelligencia propriamente dita, e a razão!..

Esta ultima tem privilegios extraordinarios. O Dr. Pedro Americo é cathegorico: „On proclame, diz elle, les hommes spéciaux les seuls compétants pour décider les questious de certitude. Et celle-ci sur quoi reposera-t-elle? Que croirons-nous, et qui désormais soutiendra le monde?

La Raison seule.

Sa force, sa souveraine puissance, son infallibilité dès qu'elle est en présence de tous les faits nécessaires pour prononcer les arrêts, voilà la plus grande découverte de tous les temps, la seule dont l'homme ne puisse plus se passer." *)

Nada ahi falta para a apotheose da fada sublime, nem a lettra maiuscula no principio de seu nome!

A maior das descobertas de todos os tempos um abusão que tem feito andar ás quedas a philosophia com todas as extravagancias dos aprioristas!..

Em 1869, justamente no anno em que o nosso philosopho proclamava a infallibilidade da razão e a chamava a maior descoberta de todos os tempos, como si a razão fosse cousa para ser descoberta, qual uma ilha ou uma cadeia de montanhas, n'aquelle tempo o auctor d'este ensaio escrevia e publicava as palavras seguintes:

„A razão é, como o christianismo, uma especie de Prothêo; é tudo, tudo justifica e tudo combate. É um

---

*) Pag. 61.

principio, uma força com suas concepções *puras*, o *senso do absoluto* para uns; não é autonoma e independente, mas uma simples *face do entendimento* para outros.

Tida por *impessoal* e eterna, o é tambem por mutavel e *personalissima.*

Dir-se-hia que os philosophos não conhecem a arma com que jogam; são como luctadores que se chocam em noute escura com frageis achas, julgando brandir heroicas espadas.

Nada ha que mais revele o tom rethorico do eclectismo francez do que a sua concepção da razão impessoal.

Fallais em nome de uma auctoridade, de um principio, que o *infinito* imprimiu na alma de todos eterno e luminoso, e como tanto errais?... Como tantas são as contradicções da metaphysica que a trazem confusa e desacreditada? É preciso um pouco menos de orgulho e de contrasenso; a philosophia é uma sciencia de vituperio; as sciencias naturaes são mais sinceras.

Deixem tombar na poeira esses canticos de divinisação humana, esses idyllios louvaminheiros de razão immortal que exhala bem pesado ridiculo. Convencido de sua dignidade natural, o homem não quer mais supportar phantasmas que sua intelligencia repelle.

Não possue essa razão de luzes infinitas, porque *infinito* é cousa que elle não sabe o que seja; não acredita n'essa bajulação methaphysica, não se julga divino, porque, si em nome dessa mesma razão negais tantas vezes a Deus, como lhe quereis conferir este titulo?

Toquemos a realidade.

Temos sim o poder de conhecer as cousas; podemos exigir da natureza que nos revele os segredos, e da historia que nos ensine a pensar; podemos interrogar o intimo nosso porque se agita..., mas não passa d'ahi:

A razão, esse Deus que alguns tem adorado, parece, no exagero em que o empregam, um nome pomposo com que o amor proprio se decorou. Não passa

da simples aptidão do homem para conhecer; não é mais do que a intelligencia humana com todos os seus enganos e vacillações, com todas as suas duvidas e desatinos.

Si pretendem agora dar esse nome nem mais nem menos do que a esta intelligencia, sabe-se então o que elle exprime e pode ser bem applicado. Si continuam a concedel-o á faculdade de julgar das cousas primeiras e ultimas, é absurdo, porque estas cousas nos escapam e tal faculdade não existe.“ *)

Ha oito annos, assim me expressava totalmente em desharmonia com o nobre parahybano, que não conhecia, e com os sectarios, como elle, da infallibilidade individual de cada homem.

Tractando-se do desenvolvimento da philosophia n'este paiz, não pareceu-me fóra de proposito esta citação pessoal, restando-me pedir ao leitor perdão por este facto não muito de accordo com os habitos publicos dos escriptores. Como se vê, aquillo é um echo da queda do velho *erro anthropocentrico;* echo que me retumbou no espirito pelas doutrinas de Comte de que eu era então sectario decidido. Não conhecia Darwin; este conhecimento ainda mais confirmou-me n'aquelle modo de julgar.

Continuemos.

É, como ficou mostrado, n'uma ideia falsissima do que seja a razão que o nosso escriptor vai buscar as bases para os seus ditos sobre o methodo.

É ainda uma consequencia d'ella o modo ligeiro e pouco serio porque tracta o materialismo.

Esta palavra tem o grande inconveniente de prestar-se a um máo sentido; por isso os sabios allemães, como Büchner e Haeckel, por exemplo, propoem o nome de realismo scientifico, ou monismo philosophico.**)

---

*) Publicado em um periodico da cidade do Recife, quando o auctor era ainda estudante da Faculdade de Direito. Faz parte da monographia *A Poesia Contemporanea*, que tambem pertence, como este ensaio, á serie *Oito Annos de Jornalismo.*

**) Büchner, *Kraft und Stoff;* Haeckel, *Natürliche Schöpfungsgeschichte.* Tambem Ed. von Hartmann nos seus escriptos,

Como quer, porém, que se adopte a velha e classica expressão, deve convir-se que ella não tem o sentido que se lhe dava no seculo passado, e muito menos se confunde com o materialismo moral. Muito ao longe. Só os estupidos e os ignorantes de tudo quanto se tem escripto no mundo da sciencia poderão tal acreditar.

O auctor nos falla de *severidades posthumas* que, com um pouco de prudencia, se poderiam evitar, e que são o justo castigo das opiniões exclusivas que rejeitam os factos sem aprofundal-os.*)

É justamente a sua posição diante dos nobres propugnadores do monismo actual. Si elle, como philosopho, houvesse de chegar á uma mui remota posteridade, teria de soffrer das mesmas severidades posthumas que soffreu Leibnitz, repellindo o systema de Newton.

Não adduz um só novo argumento contra a ordem de ideias hoje mais defendidas. Tudo quanto apresenta já foi mil vezes repellido como insignificante, ou como nullo. Eil-o que nos diz: „S'il y a dans le monde une situation contradictoire de la pensée, un état inexplicable de la conscience, c'est celui du savant qui se croit juge des opinions des autres, tout en niant la raison. Aucune désharmonie ne me parait plus complète, aucune discorde plus profonde, plus étrange, plus douloureuse.“ **)

Ora, ahi está a refutação da sombra, do nada, si é que o nada merece uma refutação.

Quem disse ao nosso doutor que alguem nega a razão? O que fazem os pensadores, a quem elle se dirige, é contestar áquella faculdade o caracter de independencia e infallibilidade, a attitude de poder suprahumano que os partidarios de nosso pintor lhe querem

---

como *Wahrheit und Irrthum in dem Darwinismus*, *Die Selbstzersetzung des Christenthums und die Religion der Zukunft*, apezar de condemnar a intuição mecanica do mundo, consigna as modernas expressões.

*) Pag. 109.

**) Pag. 111.

attribuir. Aquelles até conservam o nome; para dal-o, porém, a uma cousa um pouco differente; a verdadeira, com tudo.

N'este terreno o nosso philosopho pouco mais produz do que declamações. Ahi temos uma: „Eh! quoi! vous qui avez dévoilé les secrets du monde sensible, en vous élevant des faits passagers, contingents et fugitifs, les phénomènes, au fait immobile et nécessaire, la loi, vous n'avez que des sens!" *)

O leitor poderia exclamar, si elle tambem tivesse tentações de fallar em francez: „Bah! il s'adresse à des fantômes! Qui a dit jamais que l'homme n'a que des sens? Personne, à n'être le faux philosophe matérialiste que Monsieur le peintre de Figueiredo e Mello s'imagine pour le bien réfuter . . ."

O auctor não abraça o materialismo por duas razões capitaes: 1ª „jamais il n'a réussi à formuler contre le libre arbitre aucune démonstration évidente et complète"; 2ª „il y a certains faits, décisifs selon nous, certains caractères éminents de la pensée qui paraissent absolument inexplicables dans l'hypothèse matérialiste; tels sont par exemple l'identité personnelle, attestée par le fait du raisonnement, de la mémoire et de la responsabilité, et l'unité de la pensée, attestée par le jugement et la comparaison." **)

É evidente que o Dr. Pedro Americo não é bastante lido no que, já no tempo em que escreveu sua these, circulava na Inglaterra e na Allemanha sobre philosophia. Elle não conhecia então Spencer e Bain, por exemplo, cujos principaes trabalhos já eram de vulgar noticia na França e na Belgica, onde o nosso patricio tem, por vezes, residido. Diz que nunca se formulou nada de positivo contra o livre-arbitrio . . . Primeiramente, cumpre ponderar-lhe que não é um attributo especial do materialismo scientifico a negação em absoluto da vontade livre; depois, para não citar outro nome a não ser o de um grande espirito do paiz

---

*) Pag. 111.
**) Pag. 117 e 118.

onde o Dr. Americo defendeu thezes, e que era de suppor que conhecesse, eu o envio para a *Physica Social* de Quêtelet.

É verdadeiramente espantoso que o nosso digno patricio tenha vivido na Belgica, e, na qualidade de naturalista, qual declara sêl-o, não tenha noticia dos trabalhos de Quêtelet, um homem que com Laurent são os unicos d'aquella nação que merecem uma justa nomeada européa.

Quanto ao segundo motivo formulado contra a verdade, e tomado ao pobre livrinho de Janet sobre o *materialismo contemporaneo*, a identidade pessoal, eu o julgo tão nullo que só faço ao escriptor duas ligeiras perguntas: — Estará bem certo o digno brasileiro, que nos factos intellectuaes que se succedem no homem, e constituem a sua personalidade, ha perfeita identidade, ou simples permanencia dos caracteres essenciaes?

Por outro lado, esta permanencia não será tambem uma verdade applicavel ás qualidades primordiaes da materia que o constitue? *Es ist wahr die Schwierigkeit.*

Não me quero despedir do digno escriptor, que, por seu pincel, é, na hora actual, uma das celebradas glorias do Brasil, sem dar-lhe toda a attenção que nos merece. O seu estylo reclama uma nota. É bem verdade o dizer-se que raramente dous grandes talentos nas artes se acham reunidos. Este cultor da plastica é um máo prosaista; seu estylo é frouxo e palavroso. O leitor intelligente julgal-o-ha por uma só passagem. Fallando de certa classe de philosophos, exclama:

„La nature a jeté à vos pieds ses incomparables trésors, ses créations sans nombre, le tout pêle-mêle, sans ordre, sans harmonie, sans unité: vous avez séparé, groupé, classé, rejeté, choisi, jugé, et vous niez la faculté souveraine qui sépare, classe, juge et choisit! Bien plus: la vérité était cachée et vous l'avez saisi et rendue palpable au moyen de la démonstration; enchaîné sur la terre, goutte refroidie qui tourne autour

d'une étincelle, chétif comme un point, vous avez créé le télescope et promené vos regards, avides de science, dans la profondeur des espaces illimités; victime de l'illusion de vos yeux, vous avez créé la mathématique, science de la certitude, et calculé votre illusion; spectateurs d'un instant, vous supprimez les siècles, démentez la succession des faits et allez contempler, par l'imagination, la formation des systèmes et la ruine des mondes, la combinaison et le mouvement primitif des atomes, la séparation des globes, le soulévement des montagnes, l'apparition de la vie et la transformation des organismes! En verité vous n'êtes pas moins incompréhensibles que Phidias ou Milton, s'ils avaient soutenu que l'homme n'a pas d'imagination; vous ne l'êtes pas moins qu'un juge qui nierait sa propre conscience."*)

As observações que ahi ficam sobre o Dr. Pedro Americo, na sua qualidade de philosopho e escriptor, não affectam a sua reputação de rei do pincel, si realmente elle o é. Si o nome do magno pintor, por seus trabalhos, que não tenho a felicidade de conhecer, como já o disse, chegar a uma mui remota posteridade, parece-me certo que nos raios de sua gloria não se contará um só devido ao seu merito como pensador.

Ora, é por este lado que o tenho apreciado. Raphael tambem deixou escriptos; mas ninguem d'elles hoje se lembra diante de seus quadros.

*) Pag. 111 e 112.

VII.*)

Falta-nos agora apreciar os quatro espiritos brasileiros de mais saliente cunho n'este seculo. Estamos em bôa companhia; minha penna não deve mais agitar-se tremula sobre o papel; ideias amigas lhe darão suave curso.

O Dr. Luiz Pereira Barreto, medico paulistano, é o primeiro que o leitor vai ver passar ante olhos. Sua obra, a julgar pela data do primeiro volume, deve ser estudada antes dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica* do Dr. Tobias Barreto de Meneses, divulgados um anno após. Esta não é, porém, a razão da antecedencia que lhe é dada. O motivo da epoca desappareceria, ponderando-se que os ensaios philosophicos do ultimo escriptor, antes da tentativa de reunil-os em volume, sahiram impressos em jornaes e periodicos de Pernambuco desde 1868.

Na ordem chronologica o Dr. Tobias, como escriptor, é de facto anterior ao Dr. Pereira Barreto, ao Sñr. Visconde do Rio Grande, e ao Dr. Guedes Cabral. Devia vir antes. Como, entretanto, a evolução do sergipano tem sido complicada e longa, e como, sobretudo, na ordem do desenvolvimento das ideias, acha-se actualmente alem dos tres apontados, não deixa de ter fundamento deixal-o para o fim.

---

*) *As Tres Philosophias*, pelo Dr. Luiz Pereira Barreto, 1º volume, Rio de Janeiro, 1874; 2º volume, Jacarehy, provincia de S. Paulo, 1877. Depois de escripto este trabalho, é que appareceu o 2º volume; este capitulo foi, por isso, reformado.

O Dr. Pereira Barreto é um *comtista* ferrenho que, com o mestre, quer até reformar o calendario.*) O Dr. Guedes Cabral e o Sñr. Visconde do Rio Grande são *darwinistas* pronunciados, que suppõem, talvez, para sempre encadeiada a verdade nas dobras do seu systema.

Não serei eu que venha desdenhar das inapreciaveis vantagens que trouxe á philosophia a doutrina de Auguste Comte, o primeiro espirito francez d'este seculo. Ha, porém, na grande obra do insigne pensador ideias completamente inaceitaveis e perigosas para a sciencia.

Outrotanto, não serei eu que desconheça as nobres e salutarissimas verdades que Darwin e Haeckel atiraram ao mundo; antes lhes rendo inteiro culto. Mas, em todo caso, o darwinismo tem ainda um pequeno lado systematico, e contra os *systemas*, isto é, contra a prisão *symetrica* da verdade deve a sciencia premunir-se.

Valiosissimos foram os verviços prestados por tão notaveis escriptores do velho mundo, apreciaveis são os trabalhos dos seus adeptos brasileiros; mas comprehendo, em prol da philosophia, um modo de ver e de julgar superior aos systemas, um espirito critico e scientifico, que, aceitos os factos demonstrados por Comte, por Darwin, por Pouchet e por outros, os utilise, rejeitando as hypotheses improvadas e a *regularisação caprichosa* da verdade.

O Dr. Tobias Barreto parece tender para este escôpo; eis porque, na ordem logica, deve ser collocado n'um ponto superior da escala da evolução.

Peguemos o livro do distincto paulistano.

As Tres Philosophias devem ter tres volumes; possuimos os dous primeiros: *philosophia theologica*, e *philosophia metaphysica*.

O seu auctor, ao que parece, não quiz fazer mais do que um trabalho de popularisação; os volumes,

---

*) O seu primeiro livro é datado de Jacarehy em *18 de Cesar de 86* (10 de Maio de 1874).

que temos, são um apanhado da doutrina positiva; são claros e regulares. Ali, porém, não ha originalidade alguma; o medico brasileiro cingiu-se por de mais aos seus mestres, e copiou-lhes até bons pedaços, como, com razão, já lhe foi censurado.

Existe, em compensação, grande copia de vistas e juizos seguros e aproveitaveis no modo de encarar o auctor as cousas do Brasil, o que é assaz meritorio.

Por este lado é que pode ser estudado; a analyse deve ir tocar no que é proprio, no que é individual ao auctor. Não quer isto dizer que inauferiveis e estupendas descobertas fossem agora, pela vez primeira, desvendadas ao publico brasileiro sobre a nossa historia intellectual e politica. Deve ali de preferencia ser meditado, repito, por ser aquella a parte especial do livro, cuja face geral é melhor ser consultada nos grandes mestres da escola, e n'elles ser julgada. Esta ultima parte obriga, porém, a attenção, antes de passar-se á outra.

Eu disse, algumas linhas atraz, que a doutrina de Auguste Comte trouxe inapreciaveis vantagens á philosophia, mas que no grande todo depara-se com ideias inaceitaveis e perigosas para a sciencia.

Tal é. O positivismo é um fecundo systema, no caso de alguns outros que têm havido. Por mais que se esforcem os seus discipulos, na hora actual, para collocal-o ao nivel dos ultimos avanços do espirito, é sempre verdade que o grande edificio já nos fica pelas costas. Vamos para adiante. Julgo-me, seja dito de passagem, com plena isenção de espirito para aprecial-o; outr'ora seu sectario, na ramificação dirigida por E. Littré, só o deixei quando livros mais desprevenidos e fecundos me chegaram ás mãos. Comte só foi largado por amor a Spencer, a Darwin, a Haeckel, a Büchner, a Vogt, a Moleschott, a Huxley, e ainda hoje o lado inatacavel, aquillo que sempre restará de sua brilhante organisação philosophica, me prende completamente.

O positivismo é um dos grandes systemas de philosophia que, n'este seculo, têm soffrido mais desajuizadas censuras. As criticas infundadas, os escon-

juros e anathemas lhe têm vindo de muitos lados. Em regra, porém, é possivel dividir-lhe os adversarios em duas cathegorias: os oriundos da ignorancia e dos prejuizos theologicos e metaphysicos, e os firmados na sciencia despreoccupada. Entre os primeiros contam-se E. Poitou, Ad. Franck, Guizot, Secrétan, L. Reybaud . . . .; em o numero dos segundos avistam-se os sete sabios ácima lembrados.

Esta distincção é capital.

Si d'aquelles os golpes não são muito para temer, não sêl-o-hão igualmente os ataques dos ultimos? É o que uma analyse sincera, ainda que rapida, pode bem demonstrar.

Dizia Stuart Mill que dous modos capitaes têm havido de julgar-se a obra de Auguste Comte: achar bôa a organisação e máos os detalhes, ou, vice-versa, reconhecer um grande numero de ideias de detalhe como profundas e como máo julgar o grande todo.*)

O insigne pensador inglez inclina-se para este ultimo modo de pensar. Não me parece bem acertada semelhante distincção; no magestoso *Cours de Philosophie Positive* ha defeitos e acertos no plano geral; ha defeitos e acertos nos detalhes.

Entre os uteis serviços prestados por Comte á philosophia destacam-se, a meu ver, os seguintes:

A excellente classificação das sciencias, superior ás propostas por Ampère e por Spencer. O grande pensador classificou-as pela ordem natural, a ordem do desenvolvimento. Tres são os principios fundamentaes de tal trabalho: 1º os phenomenos se desenvolvem na ordem de sua complexidade crescente, e de sua generalidade decrescente; 2º cada ordem de phenomenos, exigindo inducções que lhe são proprias, só pode tornar-se systematica sob o impulso deductivo resultante de todas as ordens menos complicadas; 3º as sciencias mais especiaes e mais complexas requerem não só as verdades das sciencias mas simplices, como

*) Mill, *Auguste Comte et le Positivisme*, traducção franceza, prologo.

tambem seus methodos.*) Firmado nestas bases, o sabio francez classificou as sciencias em mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia e sociologia. Tudo é bem deduzido; ha porém, ahi um pequeno defeito de detalhe. Comte desdenhou inteiramente dos trabalhos psychologicos e estabeleceu um hiato entre a biologia, como elle a encarava, e os estudos sociologicos. Foi levado a este passo pelo modo anti-scientifico porque foi tractada até seu tempo a sciencia dos phenomenos cerebraes.**)

De igual anathema feriu elle a logica, a economia politica e a medicina. Entretanto, estas sciencias, evitando, cada vez mais, os processos e aberrações metaphysicas, vão tocando no terreno dos factos positivos e se constituindo em aproveitaveis estudos. Pelo que toca á psychologia em particular, os progressos da psycho-physica não permittem mais um semelhante abuso.***)

A ideia de sujeitar a philosophia aos factos demonstrados pelas outras sciencias, elevando-a ao caracter de sciencia geral, incumbida de preparar a intuição do mundo, o que é um resultado da classificação, que o leitor já conhece, é um não menor titulo dó systema que analysamos. Ficaram, assim d'uma vez por terra os methodos *á priori*, os factos improvados, as conclusões arbitrarias, e a philosophia, sob a tutela das sciencias de observação, pisou no solo das verdades demonstraveis.

A declaração dèvia, porém, ter sido mais formal e completa, indicando como alvo supremo, para onde vamos caminhando, a suppressão futura de semelhante

---

*) Zaborowski-Moindron, *De L'Ancienneté de L'Homme*, préface, pag. XXXIV e XXXV.

**) *Idem, ibid.*, pag. XLIII.

***) Veja-se sobre a *classificação* das sciencias de Comte e a de Spencer: Alex. Bain, *Logique Déductive et Inductive*, traducção de G. Compayré, vol. 1º *appendice* A; o já citado Z. Moindron, *De L'Ancienneté de L'Homme*, Préface. Sobre a *psycho-physica*, J. Delboeuf, *La Psychologie comme Science Naturelle*.

sciencia, por inutil. O estado actual de fraccionamento de nossos conhecimentos exige esta recapitulação de todos elles, como um estudo á parte. É de esperar que o progresso permitta esta synthese sem as difficuldades, hoje existentes, e sem o recurso indebito a uma organisação scientifica particular.

É tambem um grande merito do positivismo o ter abraçado, e ajudado a desenvolver e a propagar, os quatro principios fundamentaes do monismo contemporaneo: a relatividade, a immanencia, a evolução, e a unidade dos sêres. Estes elementos indispensaveis á sciencia de nossos dias não foram descobertos por Comte. Elle os aceitou e é, por isso, um benemerito do pensamento livre. *)

Mas o que é altamente duradouro e inapreciavel na obra do reformador vem a ser a sua lei da historia, a lei dos tres estados, theologico, metaphysico e positivo.

Esta classificação é de todo o ponto superior á de seu mestre S. Simon e á proposta por seu discipulo E. Littré.

Têm-lhe feito criticas que, em geral, peccam pela base, e se acham de antemão refutadas no grande *Curso*. As duas principaes são: que os tres estados ainda hoje coexistem, e não são, portanto, successivos; tambem que, sobretudo, álguns paizes não se pode applicar a triade historica.

Guizot, o historiador e parlamentar francez, patrocinou com incrivel leviandade a primeira d'estas censuras. **)

O proprio Comte estragou semelhante disparate. O facto da coexistencia limitada desapparece diante da verdade do predominio d'este ou d'aquelle estado.

A outra objecção vemol-a repetida pelo proprio Wyrouboff, collaborador de E. Littré.

---

*) Veja-se sobre os principios fundamentaes da sciencia de hoje, F. Huet, *La Révolution Philosophique au XIXme Siècle.*

**) *Méditations et Études Morales*, artigo sobre o *positivismo.*

Segundo o illustre russo, aquella grande lei historica não tem applicação para alguns povos, como os orientaes, e a sua propria nação.*)

Parece-me que o moscovita errou seu tiro; as considerações historicas de Comte se referem ao que elle chamava *a nossa civilisação occidental.* Um exame, alem disto, aprofundado das sociedades orientaes não se recusa a provar que ellas hão vivido em pleno estado theologico, apenas perturbado por algumas tendencias evidentemente metaphysicas.

Da lei dos tres estados se deduz logicamente a guerra, respeitosa aliás, que é aberta contra os processos das duas philosophias anteriores, e a preconisação, nunca assáz applaudida, do methodo e tendencias positivas.

Estas qualidades constituem o lado inatacavel do systema; por ahi elle se prende e se confunde com o realismo scientifico contemporaneo, e é plenamente aceito pelos ultimos coryphêos do pensamento.

Tem, porém, graves peccados, que agora cumpre desnudar. No que possue de fecundo, vemol-o patrocinado por Mill, Buckle, Spencer, Bain e Büchner, nobres pensadores a quem os fanaticos e máos discipulos de Comte, em sua degeneração, ousam, não poucas vezes, taxar de *metaphysicos*!

Ouçamos o Dr. Luiz Büchner. Depois de fallar dos desvarios da theologia, diz-nos: „A metaphysica é, sobretudo, falsa e má nas applicações á religião, á philosophia, á sciencia, e aos actos ordinarios da vida. O emprêgo que d'ella se fez outr'ora pode ser explicado e justificado pelo facto de corresponder a um estado infantil e embryonario da intelligencia humana. Esta phase está hoje completa. N'este sentido pode-se, como praticou o philosopho francez Auguste Comte, designar os tempos passados como estados da sciencia theologica e metaphysica, que devem ser considerados

---

*) *Revue de Philosophie Positive*, Julho a Agosto de 1873. Citada por Z. Moindron, *loco cit.*

como epocas de transição para chegar ao nosso tempo de philosophia positiva.“ *)

Entre os erros do positivismo, a meus olhos, destacam-se dous capitaes; duas falsas apreciações, que importam, ao mesmo tempo, duas graves injustiças: o considerar o espirito critico como um dado da metaphysica e o perdurar em taxar o materialismo de erroneo e igualmente pertencente á esta phase anterior.

O primeiro d'estes enganos é facil de mostrar. O espirito critico não é uma doutrina, nem uma philosophia. Elle coexiste sempre ao lado do systema predominante de sciencia em um tempo dado. É assim que, junto ao polytheismo derrotou o fetichismo, incorporado ao monotheismo matou a doutrina polytheica. Junto á metaphysica bateu a theologia; alliado ao positivismo destroçou a metaphysica. O espirito critico é uma necessidade permanente e fundamental do pensamento, é uma condição da lucta pela vida na esphéra das ideias.

É elle que, na hora actual, appenso ao materialismo, despede serios golpes á orthodoxia comtesca. Sem duvida, houve uma critica, e ainda ella existe, puramente metaphysica, do mesmo modo que houve uma totalmente theologica. Mas é preciso distinguir entre a critica e o espirito critico; este permanente, indispensavel e indestructivel, e aquella sujeita, por sua vez, á lei dos tres estados.

Hoje a critica deve ter um caracter positivo, e todo o trabalho de Comte o prova de sobéjo. Sem o espirito critico não poderia elle ter feito uma tão notavel revolução no modo de considerar a historia.

D'este erro capital apontado se deduz a falsa ideia do philosopho sobre a *lucta* na vida; seu sonho da crêação de uma auctoridade central do pensamento moderno, que lhe trouxesse a *paz*.

Como auctor de um systema de reacção contra os desmandos e dissenções metaphysicas existentes em

---

*) *Kraft und Stoff*, Prefacio da nona edição, carta ao director do *Libero Pensiero*.

seu tempo, o francez quiz podar a sciencia, declarando fóra de seu alcance bom numero de questões. Foi levado tambem a pretenções gratuitas.*)

De seu falso modo de julgar o espirito critico decorre tambem evidentemente o modo leviano porque seus discipulos fallam da critica historica e religiosa allemã. Para elles, com o nosso Pereira Barreto no centro, foi o mestre que instituio o modo honroso de tractar o passado na historia!

Cumpre que se desconheça totalmente a sciencia critica de alem Rheno para avançar juizos d'aquella ordem. Os homens de cultura sabem todos, excepto os positivistas, que a sciencia mythologica, religiosa, e historica nas mãos dos Creuser, dos Bauer, dos Ottfried Müller, dos Ewald, dos Strauss e dos Mommsen era toda respeitosa e admiradora do passado, muito antes de lhe haver chegado aos ouvidos o nome de Auguste Comte. O *voltairianismo* do seculo XVIII, havia muito, estava batido e reformado, quando o comtismo appareceu.

O outro, e mais terrivel, erro do systema está em repellir o materialismo, sob o pretexto de metaphysica!

Não deixa de causar certa impressão fortemente comica vêr um epygono, como o Dr. Luiz Pereira, chamar a homens como Darwin, Haeckel, Moleschott... os mestres da sciencia européa, de *metaphysicos!*

Este epitheto, aliás, nada exprime, sendo por elles proprios atirado de uns contra os outros. O positivismo está muito longe de ser uma doutrina compacta e, por seus adeptos, seguida sem contestação. Ha entre estes profundas e insanaveis divergencias.

P. Laffite, que dirige o grupo dito orthodoxo, chama a Littré e consocios de metaphysicos . . . A final os discipulos de Comte não sabem mais o que significa tal palavra.**) Elles se estão dilacerando.

---

*) Veja-se N. Marselli, *La Scienza della Storia*, no bello capitulo sobre Comte.

**) Sobre o estado de dissidencia e a falsa posição do positivismo em face do realismo monistico, pode ser consultado o magnifico *prefacio*, já citado, de Z. Moindron.

Um facto é para assignalar-se: ao passo que a doutrina darwinica e o materialismo em geral contam tantos e tão grandes vultos na actualidade, o positivismo, systema truncado que degenerou em theologia com a sua *Religião da Humanidade* só um espirito de primeira ordem até hoje conta: o proprio Auguste Comte.

É verdade que, ás vezes, os sectarios do decahido systema pretendem chamar para seu lado a Spencer, Hoocker e Huxley, além de Mill, Buckle e Bain, que, n'outras occasiões, repellem como *des demi-positivistes.**) Mas é uma leviandade. Cumpre não conhecer a fundo os trabalhos de taes auctores para nutrir semelhante illusão. É sabido o celebre dito de Huxley sobre o systema: „é um catholicismo, sem o elemento christão.“

Ouçamos mais de perto as accusações formuladas pelos comtistas contra o materialismo. Para isto abramos o livro do Dr. Pereira Barreto, que tem estado até agora fechado.

Disse Michelet uma vez que pelos livrinhos de Littré não se conhecia bem o vulto respeitavel de seu mestre. Ainda menos ficamos a conhecer o grande homem pelas compilações do medico de Jacarehy. Em todo o caso, escutemol-o. Diz elle, fallando do systema que repelle: „A sua materia eterna, principio de todas as cousas, é uma hypothese tão indemonstravel como a da existencia de Deus; a sciencia não possue meio algum de saber o que é essa materia e confessa simplesmente a sua ignorancia em tudo quanto diz respeito á esphera extra-experimental.“ **)

Primeiramente é espantoso ouvir da parte de um positivista a condemnação do emprego de hypotheses, quando Comte escreveu uma tão bella pagina sobre o uso das hypotheses plausiveis.***) Ora, que a materia é indestructivel, é uma hypothese não só plausivel, como

---

*) Em *La Science au point de vue Philosophique* M. Littré diz que *ne fait pas fi du demi-positivisme* de Buckle.

**) Vol. 2º, pag. 212.

***) *Cours de philosophie positive,* tomo II.

demonstravel. Basta lembrar que em suas indefinidas manifestações, que estão ao alcance do estudo humano, ella sempre se transforma; nunca se aniquila. Não creio que o nobre medico ignore a lei da transformação e da persistencia das forças. Em segundo logar, ainda mais espantoso é vir-nos repetir que „a sciencia não possue meio algum de saber o que é a materia!" N'este caso, queimem-se todos os tractados de physica e chimica, de que Comte fazia tanto apreço, e não fallemos mais em classificação de sciencias,

A observação e a experiencia ficam sem base e sem alcance, condemnadas, como estão, *á priori*, e irremediavelmente, a nada revelar da materia. Os positivistas, n'este ponto, são muito ingenuos. Inimigos do *a priori*, têm tambem o seu. De antemão já se sabe que com a materia é perder tempo . . . Ora, deixem-se d'isto!

Ás vezes, mudam de linguagem e declaram que a materia se pode conhecer, mas não a *materia em si*. N'este caso, recorrem a Kant, e empregam uma de suas subtilezas metaphysicas. A isto já se respondeu victoriosamente. Está hoje provado que a *cousa em si*, das Ding an sich, é um contra-senso. Diz-nos o illustre Moindron, tractando d'esta objecção: „Jamais pareille objection n'a pu légitimement être faite. Moleschott, Büchner . . ., qui ignoraient encore Auguste Comte, ont dit le cas qu'ils faisaient de la *matière en soi*, et le principe du matérialisme et de la science actuelle, l'indissoluble union de la force et de la matière ainsi que leur persistence, en impliquerait la négation, s'il ne faisait tout d'abord ressortir combien ce terme de *matière en soi* est vide de tout sens." *)

A pretenção de que o conhecimento da materia é extra-experimental nada é menos do que uma extravagancia.

Dado mesmo que fosse verdade semelhante allegação, o proprio positivismo poder-se-ha vangloriar de não admittir um só dado extra-experimental?

---

*) Z. Moindron, *loco cit.*, pag. IX.

Parece que não; bastando ponderar que elle aceita a bella hypothese de Laplace sobre a formação de nosso systema solar, hypothese não verificada experimentalmente. *)

Auguste Comte, como Schopenhauer, foi victima de indisposições filhas de sua má fortuna social. D'ahi certas avançadas contra a medicina, contra os estudos que têm por objecto o pensamento, e seu rancor ao espirito critico e ao materialismo. Elle não pôde vêr que si é verdade que existiu já, e ainda existia em seu tempo, um materialismo superficial e metaphysico, semelhante forma de pensar ia, de dia em dia, adquirindo novas forças e tornando-se puramente positiva. Para este grande resultado foram tendendo constantemente as ideias e os trabalhos philosophicos desde os fins do seculo passado. Na Allemanha, Inglaterra e França o movimento das opiniões scientificas veio caminhando para o estabelecimento do realismo materialistico de nossos dias. Hume e Kant, que são os primeiros abaladores do velho edificio metaphysico, Bichat e Broussais, por seus trabalhos de physiologia, Hamilton, Comte e Mill, por seus esforços para rechaçar o absoluto do homem e do universo, têm os primeiros assentos entre os factores do grande resultado.

D'est'arte, o positivismo, tal qual nol-o ensinam os seus proprios adeptos, longe de ser, como pretendem, a philosophia definitiva, não passa de um estado preparatorio da verdadeira phase materialistico-positiva. Não é sem razão que já se lhe tem, por vezes, notado esta contradicção: professar a doutrina da evolução e do progresso e julgar-se, todavia, a *ultima* palavra da sciencia humana!

Ouçamos ainda o Dr. Pereira Barreto.

Fazendo a apotheose do seu systema, diz-nos isto: „Não tendo por methodo senão o methodo das sciencias particulares, e, como estas sciencias, não indagando senão a lei, o *como* e jamais o *porque* das

---

*) Moindron, *loco cit.*, pag. XXX.

cousas, não pode senão sorrir quando vê os materialistas, acossados pelos espiritualistas, procurando penivelmente explicar a razão porque a materia, arranjada em substancia cerebral, produz o pensamento.“ *) Eis ahi alguma cousa de que o materialismo não se ri, porque sinceramente lastima, sinceramente tem dó de semelhante cegueira. Quem disse ao Dr. Pereira de Jacarehy que o materialismo busca o *porque* das cousas? Abra o digno dilettanti philosopho a mais popular das obras do Dr. Büchner, o grande *renegado* materialista, e traduza commigo algumas de suas palavras. O illustre medico allemão, bem como Haeckel, como já o disse, repelle a denominação ambigua e caustica de materialismo, que pode ser tomada n'um sentido metaphysico e inconveniente e busca substituil-a pelo nome de *realismo*, que se limita a procurar a verdade *relativa*, e a conhecer simplesmente os phenomenos sensiveis. „Em razão d'esta tendencia, escreve elle, nós não podemos conhecer o *porque*, mas tão sómente o *como* das cousas; as leis descobertas por taes meios são as unicas que nos revelam a explicação dos phenomenos. Tudo isto basta para mostrar quanto é falso e superficial o juizo d'aquelles que designam summariamente toda a tendencia, que hoje preside á sciencia e á philosophia, pelo nome de *materialismo*, expressão de despreso, de sentido vago e diversamente iuterpretado. Cada auctor anti-materialista liga-lhe um sentido, e suppõe tudo haver dito quando o emprega. A sciencia, em philosophia *positiva*, não é nem *idealista*, nem *materialista*, porém *realista*; estuda os factos e busca conhecer-lhes as relações, sem importar-se com um systema qualquer preconcebido e invariavel, nem com esta ou aquella tendencia. Os systemas, em geral, não podem conter toda a verdade, mas sómente metade d'ella, e, pois, prejudicam ás investigações, impondo-lhes um alvo fixado de antemão.“ **)

São palavras para desorientar um positivista, como

---

*) Vol. 2º, pag 213.
**) Büchner, *Prefacio* da 9ª edição.

o Dr. Barreto. Ellas revelam tres factos capitaes: que existe um modo de crer na philosophia *positiva* muito diverso do da seita comtesca; que a sciencia de hoje foge dos systemas, rejeitando a expressão *materialismo*, não porque abandone as suas doutrinas, mas porque o termo pode ser explorado, como o foi pelo medico de São Paulo, e, finalmente, que o realismo monistico, ou philosophia positivo-naturalista de Büchner só inquire do *como* e não do *porque* das cousas.

O nosso auctor devia ser um pouco mais ponderado e indagar do estado actual das questões para não se expôr tão facilmente. Uma cousa é para notar, que tem sido bastante descuidada pelos positivistas do Brasil. Logo que divulgou-se o systema de Comte no grande mundo europêo, maxime na Inglaterra e na Allemanha, todas as cabeças avidas de luz, e influenciadas pelo realismo scientifico, o examinaram e aceitaram francamente tudo que lhes poderia auxiliar na grande obra. Foi o que fizeram Mill, Buckle, Spencer, Büchner e Vogt, n'aquelles dois paizes, e Gabelli, Villari e Marselli, na Italia, os quaes são tão unisonos em celebrar as eminentes qualidades do philosopho francez, quão firmes em repellir-lhe os desacertos. D'est'arte, o novo modo de pensar teve no positivismo um poderoso auxiliar. Na lucta pela vida assimilou-se os bons germens do *Cours de Philosophie Positive*, e caminhou adiante, despresando as pêas systematicas. Não assim os sectarios obcecados, como o Dr. Barreto. Estes permanecem terriveis, intractaveis, irreconciliaveis no meio do alheio triumpho, e apenas, de pèrto em perto, deixam ouvir o ridiculo esconjuro: *são metaphysicos!!*.. Não póde haver mais ingloria posição do que a d'estes fanaticos de nova especie, que só devem ser rechaçados pelo riso de Molière.

Um exemplo frisante da anomalia em que se collocaram presenciou, não ha muito, a sciencia européa. É sabido por todos os bons espiritos que as sciencias particulares, com o seu constante progresso, vão tomando o terreno da velha philosophia, que não passa hoje de uma generalisação.

É sabido mais que a força e segurança das genuinas sciencias está na ausencia de *systemas*. Em mathematica, por exemplo, não ha duas doutrinas sobre as theses demonstradas. Para um ideial approximado vão tendendo todas as mais organisações de conhecimentos humanos. Foi no meio de tão salutares influxos que appareceu a fecundissima doutrina de Darwin no horisonte do pensamento como um astro bemfazêjo. Nomes já feitos, reputações já firmadas na Inglaterra e na Allemanha, os dous paizes privilegiados da vasta cultura, não duvidaram em aceitar a nova theoria. O mais gigantesco dos movimentos scientificos d'este seculo, sabe o leitor como o positivismo francez o recebeu? Desenterrou a velha praga da metaphysica e jogou-a na face do pensador britannico!

Eis a linguagem inconveniente do Dr. Pereira Barreto: „A philosophia positiva ha muito que se pronunciou sobre a ideia primeira de Lamarck, e não aceita senão a escala *abstracta* dos sêres; assim encarado, o darwinismo é uma *hypothese* scientifica perfeitamente legitima, que recebe uma esplendida confirmação por parte dos testemunhos historicos. E, mesmo sob o ponto de vista concreto, encontra igualmente o mais solido apoio na medicina e, com particularidade, na cirurgia. Mas o darwinismo ultrapassa os limites da investigação natural e procura a causa primeira da vida: desde então torna-se *um vão systema de philosophia metaphysica*, como exuberantemente o demonstrou o seu illustre rival, Agassiz.“ *)

Este pedaço é tentador.

„O positivismo, ha muito, se pronunciou . . . .“ Está parecendo com o palavreado dos padres: a Igreja se pronunciou, *Roma locuta est*.

„Aceita somente a serie abstracta dos sêres . . . .“ E porque tambem não a concreta? Fôra bom que o nosso auctor fosse um pouco mais explicito, para se lhe dizer que o darwinismo, ha muito, tambem já se pronunciou sobre as ideias ultimas do positivismo, e

*) Vol. 2º, pag. 49, 50 e 51, nota.

declara-lhe que, n'uma sciencia concreta, como é a biologia, o vir-se fallar em *serie abstracta* é, pouco mais ou menos, um contrasenso.

„Mas o darwinismo ultrapassa as condições da investigação natural e procura a causa primeira da vida....“ Aqui se occulta um pouco de ignorancia e não pequena.

É falso que a doutrina transformista procure a causa primeira da vida, no sentido que lhe dá o nosso medico. Si este leu Darwin, ha de ter visto que o profundo naturalista-philosopho aceita o facto da vida sobre a terra, sem se pronunciar sobre a sua origem. O sabio inglez foi de uma prudencia á toda a prova. Não é este, porém, o lado mais palpitante da insciencia de que fallei. Está no proprio conceito do que seja uma *causa primeira.*

Os positivistas tem um espantalho; a todo o proposito estão a bradar: *isto é uma causa primeira; é uma causa final!..* E responde então o côro unisono com o conhecido estribilho: *é metaphysica!....*

Si o nosso doutor leu Haeckel deve ter visto na soberba lição 13ª da *Natürliche Schöpfungsgeschichte* que este insigne pensador, que, aliás não guarda a prudencia de seu mestre n'este ponto, não procura a causa primeira da vida, no sentido metaphysico d'esta expressão. Recolha-se o nobre positivista e reconheça que as causas primeiras, que estão alem da investigação humana, são as transcendentaes, ou *teleologicas*, e não as immanentes ou *monisticas*. Esta distincção é essencial. Contra as primeiras é que Comte fulminou o seu anathema, que o Dr. Luiz Pereira quer estender, talvez, até ás segundas, e com que razão? Qual o motivo porque não havemos de indagar das causas dos phenomenos, quaudo estes são exprimentaveis, e suas causas são n'elles procuradas, e não no mundo das phantasmagorias?

„O darwinismo é um vão systema de metaphysica...“ Palavreados d'esta ordem, de que, todavia, o Dr. Barreto não tem a responsabilidade, porque os achou feitos em Littré e confrades, perturbam a se-

renidade do critico . . . O que é verdade felizmente é que elles proprios não se entendem sobre o que seja a metaphysica. O joven escriptor francez, por vezes citado, Z. Moindron, tirou a limpo este ponto. Ouçamol-o em parte: „Mas o que entendem pela metaphysica? M. Littré, adoptando a definição de M. Janet, — *quem quer que pensa e reflecte sobre as origens das cousas é metaphysico* —, escreve algures: „A metaphysica pede á psychologia a construcção de ideias *ápriori* sobre a constituição primeira e ultima das cousas; o valor d'estas ideias *ápriori* repousa sobre a hypothese de que o que foi concebido no espirito existe effectivamente nas cousas, e tem, para fallar a linguagem da escola, uma realidade objectiva.“ Sendo isto dado, continua Moindron, é difficil acreditar-se que M. Littré tenha podido confundir os materialistas com os metaphysicos, quando elle proprio os accusa, n'outros lugares, por haverem introduzido nas sciencias superiores o methodo empregado nas inferiores, e por usar, por exemplo, dos dados physico-chimicos para destruir as entidades ainda existentes na biologia.“ *)

Outrotanto, custa a crer que venham agora confundir os transformistas com os metaphysicos sob o futil pretexto, oriundo da confusão das ideias, de que elles procuram a causa primeira da vida!

Os positivistas fazem muito alarde de haverem, elles sós, deitado por terra as concepções *ápriori*, onde gostam de comprehender todos aquelles que os desagradam. Entretanto, um olhar lançado na historia vae descortinar a morte d'aquellas ideias iniciada em Hume e Kant, adiantada em Comte, mas irremediavel justamente n'este salutar systema de Darwin de que os ferrenhos discipulos do grande francez tanto desdenham. O Dr. Tobias Barreto, que tem em muito maior escala do que o medico de Jacarehy o justo conhecimento dos systemas philosophicos dos tempos modernos, assim se exprime nos concisos e bellos periodos seguintes escriptos em lingua allemã:

*) *Prefacio*, citado, pag. VIII e IX.

„Darf kein Gebildeter heut zu Tage verkennen, dass der Dogmatismus der neueren Philosophie, also die Metaphysik durch Hume gebrochen wurde, dessen unerbittliche Kritik Kant in noch weiterem Umfange und grösserer Tiefe durchführte: so ist es wunderbar, wie grosses Staunen diese trivialen Wahrheiten bei uns zu erregen vermögen.

„In der That, schon lange bevor Auguste Comte, der Gründer des Positivismus in Frankreich, das Unbedingte aus dessen Posten ins Land der Chimären vertrieb, hatte Hume alle metaphysischen Gebäude .... *Turrim in præcipiti stantem, omnisque sub astra eductam tectis* ... über den Haufen geworfen.

„Und seit dieser Zeit, wie Hermann Hettner sagt, ist allgemein anerkannt, dass die Geistesthat Hume's eine der entscheidendsten Wendungen des menschlichen Denkens ist, so war es der Zweifel des grossen schottischen Philosophen an der Berechtigung der synthetischen Urtheile überhaupt, welcher die Anregung und der Anknüpfungspunkt für Kant's tiefsinnige Untersuchungen wurde. Kant selbst gestand, dass die Erinnerung Hume's eben dasjenige gewesen, was ihm zuerst den dogmatischen Schlummer unterbrochen hatte. Zwar eindringlich sind immer noch die ernsten, wie in Marmor gehauenen Worte, mit denen der schreckliche Skeptiker seinen Versuch über den menschlichen Verstand schliesst. Er sagt: „Wenn wir, überzeugt von den hier vorgetragenen Lehren, Bibliotheken durchsuchen wollten, welche Zerstörung müssten wir anrichten? Nähmen wir ein Buch von der *Theologie* oder *Metaphysik* in die Hand, so müssten wir fragen: enthält das Buch Untersuchungen über Grösse und Zahl? Nein. Oder Darlegungen der Erfahrung über Thatsachen und vorhandene Dinge? Nein. Nun so werft das Buch ins Feuer, denn es kann nichts als Sophistereien und Täuschungen enthalten.“ Das ist gründlich und wunderschön gesagt.“ *)

---

*) *Deutscher Kämpfer*, nº 1, de 2 de Agosto de 1875, Recife.

São palavras de um cultor do realismo scientifico, tão inimigo da theosophia e da metaphysica, quanto das impossibilidades fanaticas que combato.

Destruamos mais algumas d'estas; temos aqui uma: „Ao passo que o espiritualismo, diz o Dr. Pereira, está condemnado, para ser logico, a não conceder senão uma mui exigua influencia ao papel da educação, o materialismo, pelo contrario, transpondo a verdade dos factos de observação, ousa proclamar que toda a conducta do homem é mero e inevitavel resultado da educação que recebeu. Este é incontestavelmente o mais alto ideial a que a sociedade possa aspirar; a philosophia positiva o aceita, sem com tudo deixar de reconhecer que ha nelle grande exageração...... O materialismo não toma em consideração as predisposições naturaes, congenitas ou adqueridas, não attende á pressão do passado nem ás mil circumstancias biologicas e sociaes, que podem influir de um modo deploravel sobre o caracter moral do individuo.“ *)

Semelhantes palavras affirmam dous factos: que o materialismo contribuio por sua influencia para proclamar-se a excellencia da educação, a efficacia que d'ella pode auferir a sociedade; que vai n'isto grande exagêro, porque elle não attende ás influencias do passado e ás da natureza. Difficilmente se encontrará consignada com maior segurança a incapacidade positivista. Para ter ganho de causa contra o naturalismo materialista, phantasia que este não attende ás predisposições congenitas ou adquiridas dos individuos.

Não ha maior engano. O leitor *au courant* dos avanços da sciencia, já deve ter notado a inverdade alli contida. Ignora, por acaso, o auctor das *Tres Philosophias* que a doutrina da selecção tem duas ramificações: a selecção *natural* e a *artificial?* Não sabe que a primeira attende a todas as inclinações da natureza, sendo só a segunda que se dirige á educação?

Ser-lhe-ha desconhecido que uma das grandes leis do transformismo é a *hereditariedade*, não passando

*) Pag. 215 do 2º vol.

a adaptação ás circumstancias de lei auxiliadora da lucta pela existencia?

Pelo contexto de seu livro o nobre escriptor revela andar um pouco alheio ás investigações da escola de Darwin. De outro modo, não viria galantear-nos com a triste lembrança de que o materialismo não attende ás impressões da natureza. É até uma das melhores glorias da doutrina da selecção o ter dado toda a importancia ás influencias de tal ordem.

N'este ponto não creio que deva estender a minha demonstração. Qualquer dos tractados dos grandes mestres da escola é abundantissimo em factos demonstrativos do muito que o Dr. Luiz Barreto anda illudido. Elle, ao que parece, conhece e julga o systema pela lacunosa exposição que d'elle fez Quatrefages, bem como conhece Schopenhauer pelo livrinho de Dumont!

Mais um traço caracteristico: „Comprehende-se d'este modo, diz o nosso escriptor, que para o materialismo a questão cifrando-se apenas em uma simples insufficiencia de instrucção scientifica, (?) é lhe facil preencher a lacuna e incorporar-se no positivismo." *)

Ninguem os entende. Ao principio o auctor das *Tres Philosophias*, repetindo pedaços já muito conhecidos de seus mestres, dizia que o magno engano do materialismo era querer *saber demais*, indo alem da experiencia; agora já lhe falta instrucção scientifica! Isto é caracterisco, sendo dito pelo pequeno circulo d'onde parte. O materialismo, com as profundissimas alterações que soffreu em seu methodo e resultados, não precisa de incorporar-se ao cadaver do positivismo. A parte viva e immorredoura d'este systema, ha muito, elle se lh'a encorporou, e não faz d'isto mysterio. Como doutrina despreoccupada e san, não repelle os auxilios que lhe possam vir d'este ou d'aquelle lado. Não tendo em vista constituir-se em systema e mostrar-se adversario do progresso, não trepidou em apoderar-se das luzes que lhe trouxe o insigne Comte. Mas

*) Vol. 2º, pag. 222.

renegar os seus principios essenciaes para voltar atraz, parece uma ingenuidade o exigir-se-lhe. Si eu não temesse cahir em igual descuido, aconselharia ao positivismo que, si não quer definitivamente morrer, compromettendo o seu fundo de verdade, deixe a sua teimosia e volva-se para o realismo. Só isto o pode salvar. De seu falso modo de encarar a este ultimo nasce um de seus maiores erros: o perdurar em repellir a verdade de que a vida seja um resultado da combinação das leis physico-chimicas.

Ainda elle tem, por outro lado, certas velleidades theomanas, instituindo uma *religião da humanidade.*

Moindron o desculpa n'este ponto; julgo, porém, que deve ahi ser feita uma reducção, ensinando-se apenas o respeito aos grandes bemfeitores do genero humano, sem haver, todavia, n'isso a mais leve sombra de religiosidade. É este respeito é o que de facto já existe praticado por todos os espiritos esclarecidos. O Darwinismo, destruindo o velho erro *anthropocentrico*, andou muito mais bem avisado do que o comtismo com a sua criação religiosa, tendo o homem por alvo.

De tudo o que fica dito perceberá o leitor que me não anima o mais leve sentimento de opposição ao velho systema que em outros tempos professei. Por amor da verdade, fui levado a abandonal-o; vejo, porém, que, deixados certos prejuizos, elle é a verdadeira philosophia. Suas leis da historia são immorredouras. O que lhe cumpre, é alijar-se da má bagagem que o desvirtua, e não contrariar a marcha do pensamento contemporaneo de que foi um dos mais poderosos instituidores.

Antes de passarmos á parte especial da obra do Dr. Barreto, não deixo de notar um pequeno equivoco que commette á proposito de Strauss. O moço philosopho rende profunda homenagem ao genio incomparavel do celebre critico. Não saberei assaz applaudir á tão sincera manifestação, e deixo-a consignada por ser altamente meritoria para o nosso auctor.

David Strauss é realmente um dos maiores apostolos da verdade; seu nome deve figurar entre os de

Comte e Darwin, formando o bello triumvirato do seculo XIX. Mas aqui mesmo eu vejo uma prova brilhante do lado fraco da doutrina positiva. O distincto exegeta allemão, que colloco na companhia dos dous chefes dos maiores systemas de nossos tempos, em sua velhice, quando despediu-se de seus sonhos, de suas *vacuidades metaphysicas*, foi para inclinar-se para o seu companheiro da direita, foi para render homenagem ao darwinismo. Era a maior gloria a que podia aspirar o sabio inglez!

Porque o mesmo não fazem os sectarios de Comte?

O Dr. Pereira Barreto diz que o auctor da *Vida de Jesus* se fez positivista.... Sim; mas pelo modo porque o são Haeckel e Moleschott, pela adopção do materialismo scientifico. É prova d'isto o bello livro: *Der alte und der neue Glaube.*

Cheguemos agora á parte mais original das *Tres Philosophias:* as applicações aos acontecimentos do Brasil. Poucas linhas serão bastantes para revelar o enorme serviço que ao nosso paiz fez o digno escriptor. Recommendo instantemente a leitura das suas paginas relativas a nós. São, no 1º volume: a *Carta aos Sñrs. Senadores Jobim e Godoy*, e o artigo *Uma Palavra aos Politicos;* no 2º: o *Prefacio* e o artigo *Aos Legistas.*

O auctor ensina que o Brasil tem atravessado uma penivel idade-media, e tem vivido atufado n'um pelago de theologismo; agora é que vai passando á phase metaphysica. Nossa historia, á seu ver, é nenhuma; começou na guerra com o Paraguay, e só tem produzido dous factos de algum interesse: a libertação do ventre escravo, e o conflicto religioso. Sobretudo elle se insurge contra a inclinação de nossos homens de lettras em geral, quando na opposição, ou quando de cima, a attribuir os nossos males ao Governo, sem conhecer que este é sempre uma dadiva da nação, que deve ser a primeira a regenerar-se pela sciencia, emergindo da ignorancia em que tem estado afogada. N'este sentido suas notas e conclusões são excellentes. É um dos lados fecundos do positivismo o de suas applicações á historia. Empregado com criterio pode

produzir trabalhos da força da *History of Civilisation in England* de Thomaz Buckle, apezar de M. Littré chamar a este, com visivel menospreço, um *demi-positiviste*, como já ficou notado.*)

O immortal Buckle professa que o Governo é, quasi sempre, uma força de conservação, e de difficuldade ao progresso social, é verdade; mas que está sempre em equação com a indole e as qualidades do povo. Sem este reformar-se, impossivel é áquelle mudar de rumo.**)

O Dr. Pereira Barreto é franco com os seus patricios; ahi vão algumas de suas palavras: „Não temos tradições, não podemos ter senão momices dos partidos europeos. A historia patria começa de hontem: é a sua primeira pagina a emancipação do ventre proletario; a questão clerical a segunda; e a guerra do Paraguay o seu sombrio discurso preliminar. Podemos dizer portanto:

„Ambicionar avidamente o Poder; conquistal-o; perdêl-o; retomal-o; *faser leis*, quando a sciencia não as faz, mas sim as descobre; tecer louvores eternos a uma Constituição fossilea; remendar, e traçar circulos na areia como o paisano do Danubio, não é por certo *conservar*; é simplesmente sorprender a boa fé da nação.

„Por outro lado, indignar-se, insurgir-se contra os retrogrados, amaldiçoar tudo quanto nos legou o passado, fazer fogo de pelotão sobre os aulicos da monarchia, para no dia seguinte ir deitar-se aos pés do mesmo amo, não é por certo *progredir*, é confessar-se impotente, é tão somente deixar transluzir o despeito.

. . . .

„Já estamos fartos de diplomas, e o que precisamos hoje, é menos ouropel na phrase e mais positividade de methodo na doutrina. Os nossos avós res-

---

*) *La Science.*

**) Veja-se o vol. 1º, capitulo 5º, *Inquiry into the influence exercised by Religion, Literature, and Government,* new edition, London, 1872.

gataram com a vida as liberdades, que nos legaram; e o feudalismo resurge disfarçado sob uma pelle de carneiro. Está já, ou vai ser breve, eliminada a Igreja; resta a Academia com seu hirsuto aspecto de emperrado machinismo.

„Das Pergament, ist das der heiligen Bronnen,
Woraus ein Trunk den Durst auf ewig stillt?
Erquickung hast du nicht gewonnen,
Wenn sie dir nicht aus eigner Seele quillt.

(Goethe's *Faust.*)

„O ensino official constitue e constituirá sempre, ao mesmo tempo, uma sementeira de thuriferarios, que com o excesso de incenso asphyxiam a alta admiministração do Estado, e de descontentes incuraveis, que, incapazes de renderem opportunamente o devido preito ao merito real, dilaceram a sociedade e perpetuam a anarchia. O officio social das Academias limita-se, salvando apenas as legaes apparencias mentaes, a vender, só áquelles que os podem comprar, esses diplomas bastardos, que servem de carta de entrada aos lucrativos empregos e ás funcções de ostentação . . . .

„Apezar do Brasil ter visto brotar no seu solo uma escola de progressismo, é prudente por em quanto não nos jactarmos ainda muito do progresso; deixemos a outros paizes os sonoros substantivos, e cuidemos em atravessar, o mais rapidamente possivel, a nossa pesada idade media . . . .

„Em politica, a metaphysica brasileira attingio o seu ápice, quando pelo seu orgão, o mais auctorisado, formulou o *Libello do Povo.* Os acontecimentos subsequentes não tardaram a demonstrar que esse apocalypse do desespero social, não só não fez adiantar um passo á questão, como ainda poderosamente concorreu para o desequilibrio mental e moral das novas gerações, que se acharam em frente de um exemplo da mais inaudita deserção. Que os verdadeiros crentes na marcha do progresso nada percam, entretanto, de sua fé perante abortos d'esta ordem. Não é um unico individuo que é o responsavel moral pelo exemplo

indicado; é uma doutrina, é uma escola inteira, é todo um systema de concepções, que, desconhecendo profundamente o caracter social dos nossos tempos, não possue outra solução para os males do povo senão o absoluto dos seus remedios politicos . . . .
Não precisamos declarar que não culpamos partido algum em especial por este estado de cousas; não fazemos mais do que recusar o nosso *placet* ao titulo de progressistas que assumiram particularmente os liberaes brasileiros, quando, ainda ha pouco, desconheceram totalmente o verdadeiro caracter da evolução humana, negando-se ostensivamente a subscrever em favor da raça que nos serve.“ *)

Todos estes trechos são do primeiro volume das *Tres Philosophias* nos lugares indicados. O segundo nos offerece tambem algumas passagens caracteristicas. Eil-as:

„A metaphysica brasileira ainda se acha no primeiro gráo da escala evolutiva do espirito; resta-lhe franquear muitas barreiras difficeis e successivas para se approximar do terreno scientifico . . . .

„Toda a nossa agitação social se reduz a um perpetuo ataque contra as pessoas . . . .

„Por um resto de adherencia ás crenças sobrenaturaes, ao indefinido das convicções, ao maravilhoso, todos esperam que, mudando-se as pessoas, as cousas mudarão, como por encanto, para melhor . . . .

„O conflicto religioso, que de novo se levanta candente e pejado de sinistras consequencias, ameaçando a nossa paz interna, compromettendo a vitalidade de nosso credito e invalidando aos olhos do estrangeiro os nossos titulos de povo civilisado, não pode esperar só do Governo a sua solução. O Governo não tem competencia para tomar a iniciativa em problemas d'esta ordem. É seu dever sagrado, si quer ser probo e honesto, limitar sua acção á estricta observancia da

*) O senador Zacarias de Vasconcellos, dito chefe *liberal*, é tambem o chefe dos *ultramontanos (!)*, e votou contra o *ventre proletario!!!*

marcha da opinião nas camadas mais cultas da sociedade, o sancionar com firmeza a tendencia preponderante indicada pela fria observação dos factos. Não pode entrar em seu papel a tarefa de reformar as opiniões. Esta augusta e solemne missão só cabe inteira e exclusivamente á philosophia . . . .

„Esperar que um povo ignorante e fanatisado nos dê suas sympathias, quando se tracta dos interesses da outra vida, não é só uma utopia, é uma exorbitancia de psychologia. O povo não se move, porque elle está com Fr. Caetano, e não comnosco. Quanto a nós, não temos esperança senão na geração que hoje nasce, e, isso mesmo, si soubermos desde já aproveitar as duras lições do presente.“

Subscrevo todas estas palavras, que não poderia por demais elogiar, salvo um pequeno descuido do illustre nacional. É quando elle diz que a patria metaphysica tocou ao seu *apice* no pobre pamphleto — o *Libello do Povo*, e, n'outro logar, declara que ella deu apenas o seu *primeiro passo*. Ahi vai uma pequenina contradicção. A verdade é que este paiz está ainda mergulhado no mais pavoroso theologismo, apenas perturbado por algumas arrancadas metaphysicas de pura imitação, de pura copia do que vai pela Europa. D'est'arte, a sua *Constituição Politica*, o seu *Codigo Criminal*, e suas leis *organicas*, por parte do governo; seu *Libello do Povo*, suas *Cartas de Um Solitario*, suas *Cartas de Erasmo*, o seu *Estado e a Igreja de Ganganelli*, por parte de alguns espiritos da opposição, são suas avançadas no dominio da metaphysica, alem de alguns dos pequenos escriptos philosophicos que tenho apreciado no correr d'este trabalho.

O que ha de mais exacto nos pedaços escriptos pelo Dr. Pereira Barreto, em um estylo um pouco vivace, e que expuz aos olhos de meus leitores, vem a ser a segurança com que elle absolve em parte o nosso máo governo, inculpando tambem o triste povo, e as classes ditas illustradas do paiz pelas miserias que nos deprimem. São verdades que nossa imprensa opposicionista de todo desconhece, ou finge ignorar.

Seu proceder não dá aqui lugar a duvidas. Entretanto, alguns espiritos desabusados, por vezes, tem condemnado tão terrivel cegueira. A 7 de Junho de 1874, antes de divulgadas as *Tres Philosophias*, em um pequeno periodico da provincia de Sergipe, no fervoroso da lide religiosa, tão desfructavel em algumas de suas phases, eu publicava estas palavras, que servem para mostrar que das provincias é que poderemos esperar qualquer tentamen proveitoso de emancipação, e não da asphyxiante e mortifera atmosphera da nossa tão desprestigiada *Côrte:*

„Sempre é um falso e injusto empenho o attribuir todos os achaques de uma nação á conta de seu governo.

Ha sido este, entre nós, o methodo empregado, aquelle que reune os applausos frequentes dos rotineiros do dia.

Entretanto, é o seu erro volumoso e bem exposto aos olhares de todos. É uma dadiva das ideias *doutrinarias* de que a politica de uma nacionalidade é cousa que se fabrica a sabor de experimentadores. Este absurdo está, ha muito, inutilisado pela sciencia dos competentes.

Os estragos de um paiz não podem correr sómente por conta dos que o dirigem; bem como a vida nacional, em todas as suas manifestações — politicas ou sociaes —, não é só um producto d'aquelles, e sim um resultado de suas proprias aptidões immanentes.

Não é que, como alguns, neguemos todo o valor á iniciativa que possa vir do alto. Estes são uma nova especie de *aprioristas* para quem todos os phenomenos da existencia de um povo estão, de antemão, marcados por sua natureza mental.

Para nós parece ser um achado, estabelecido pelos debates d'estes e de seus adversarios, que a politica em algumas de suas linhas, em alguns de seus traços mais geraes é materia amoldavel em mãos de estadistas habeis; mas que o lado particular, intimo, e, por assim dizer, pessoal da vida publica só é determinado pelas forças que ella mesma conta para sua evolução.

Todos os desenganos, pois, e é este o ponto a que anhelavamos chegar, todas as decepções que haja o paiz de saborear no correr da lide que atravessa, elle não deve por á conta de seus agentes, eliminando-se, d'est'arte, da porção de responsabilidade que lhe cabe.

Lembra-nos a expressão do hegeliano Vera, criticando de Strauss: „não quero ser o censor de meu tempo, porque eu tambem sou de meu tempo."

Sem receio da applicação que possam ter as palavras do philosopho áquelles que dizem mal de seu paiz, *sendo elles tambem de seu paiz*, julgamos que o italiano enganou-se algum tanto.

É uma razão de mais para sermos acoimados de veracidade quando profligamos nosso tempo ou nossa patria, porque não podemos ser tomados por suspeitos. Fallamos contra nós mesmos pela força suprema da verdade.

Digamol-o, portanto, francamente: o povo brasileiro, por seu viver historico, e por todas as maculas que actualmente desfiguram-lhe o semblante, é um povo mediocre, sem alto arroubamento moral, que não deve ter a pretenção esteril e infantil, de exigir o impossivel para si. É uma nação sem cultura, eivada de caducos prejuizos, que tem a habilidade de crear problemas *epygonos* justamente proprios para serem resolvidos por seus estadistas *pygmeus*. Uns e outros se comprehendem e se completam. O paiz está envolto em sombras. Pode-se-lhe applicar o estygma theologico de Job: *Et circumdedit eum Deus tenebris.* Estadistas e povo estão em equação adequadissima." *)

É ainda uma ligeira citação pessoal reclamada pela natureza d'este escripto.

Para assignalar, porém, e estygmatisar, como merece, a profunda miseria de nosso abatimento theologico, a ignorancia, sem nome, que nos estraga e deprime, vou cumprir o penoso encargo de denunciar aos

---

*) Da *Tribuna do Povo*, pequeno periodico outr'ora existente na cidade da Estancia.

pouquissimos espiritos independentes e illustrados, que mourejam desconhecidos no vasto corpo d'este paiz, os seguintes factos, que todos se resumem n'um só, isto é, em nossa profunda ineptidão actual:

O Dr. Pereira Barreto, com a publicação de sua obra, recebeu da imprensa e de grande parte do publico brasileiro os mais grosseiros e injuriosos epithetos, si é que com alguma cousa de peior não foi mimosiado. O Dr. Guedes Cabral, da Bahia, com a apparição das *Funcções do Cerebro*, foi religiosa e patrioticamente atassalhado pela imprensa fradesca, foi pateado nas ruas pela canalha assalariada, segundo sou informado, e viu-se compellido a retirar-se para uma povoação de Sergipe, por lhe não ser possivel obter, na sua capital de provincia, a clientela que, na qualidade de medico illustrado, tinha direito de esperar.

O Dr. Tobias Barreto, por causa dos seus *Ensaios e Estudos*, foi publica e particularmente insultado por alguns malsins que teve de chamar á responsabilidade, alem de innumeras descomposturas e caricaturas infames que soffreu pela imprensa.

O pequenino auctor d'este opusculo já foi mettido em processo por uma *Faculdade de Direito*, por declarar, em uma defesa de theses, ser uma ignorancia o desconhecer-se que, nas altas camadas da sciencia actual, — *a metaphysica está morta!* e, por este facto, preterido, duas vezes, de tirar uma cadeira de philosophia, que foi dada a um pobre anonymo.

Por estes factos, ajuize-se do grão de cultura que dirige o nosso governo, nossa imprensa, e nossas academias . . . . e do immenso serviço prestado a este paiz pelo benemerito Luiz Pereira Barreto.

VIII.*)

O volume inscripto abaixo d'esta pagina appareceu, não ha muito, no Rio de Janeiro, sem declaração do nome do auctor. O anonymo, porém, dizem sêr o Sñr. José de Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, nosso antigo ministro junto ao governo francez. Este boato parece bem fundamentado, pois acompanhava cada um dos volumes expostos á venda uma tira de papel manuscripto com a firma do digno Visconde. Este, ao que tenho podido saber de sua biographia, é um *legista*, um homem formado em direito, como se diz vulgarmente, e um membro *mudo* do senado brasileiro. Não é sem proposito que lembro estas duas qualidades do illustre titular.

O auctor das *Tres Philosophias*, que foi o objecto do capitulo antecedente, fazendo ao nosso codigo criminal mui acertadas censuras no que toca ao seu artigo que véda o questionar-se sobre a immortalidade da alma e a existencia suprema, declara que tal prohibição só pode dirigir-se aos medicos e engenheiros, os unicos, no paiz, que, pela natureza de seus estudos especiaes, se acham em estado de elevar-se a essa cultura do pensamento.

Não serei eu que conteste a grande instrucção de nossos medicos e engenheiros . . . .**) Cumpre-me,

---

*) *O Fim da Creação ou a Natureza interpretada pelo Senso Commum*; Rio de Janeiro, 1875.

**) Sómente ha a ponderar que a tenho visto provada em documentos, como um que vou transcrever. Ultimamente escrevia

entretanto, ponderar que, na lista dos philosophos do Brasil, encontro um só typo pertencente, ao que parece, áquella ultima classe, o Dr. Pedro Americo, ferrenho espiritualista, e, dos cinco medicos ahi contados, tres, os Drs. Eduardo França, Domingos de Magalhães e Soriano de Souza, são mais espiritualistas que a propria espiritualidade, mais sectarios da immortalidade do que esta mesma o seria.

Por outro lado, os dous escriptores philosophos pertencentes á classe dos *legistas*, o Visconde do Rio Grande e o Dr. Tobias Barreto de Menezes, são não só dos mais originaes e profundos como dos mais despreoccupados dos aferros da educação.

Não involve isto a defeza do *bacharelato* brasileiro, a que por minha vez pertenço, cujas pessimas condições scientificas sou dos primeiros a proclamar, e cuja reforma se me antolha indispensavel. Os patrios legistas, em sua quasi generalidade, são a nossa classe mais perigosa, por infatuada e ignorante. Só podem correr parelhas com os seus irmãos de cultura, os membros do nosso clero. Nutridos do espirito frivolo da baixa litteratura que cultivam nas Academias, e de chatas antigualhas dos juristas lusos, eil-os que

---

para o *Globo*, pequeno diario que se publica na *Côrte*, um engenheiro, residente nos Estados Unidos, dando conta do como foram alli julgados alguns trabalhos de medicos e engenheiros nacionaes, os seguintes periodos: „O livro sobre pontes do Dr. Machado, lente da escòla de engenharia do Rio, é um trabalho de theoria, cheio de formulas, que hoje ninguem emprega, e vê-se ter elle sido escripto por quem nunca viu fazer nem ao menos um pontilhão. A caderneta de campos, arranjada pelo Snr. Pereira Passos, que dizem dirige ahi um estabelecimento de construcção naval, é um trabalho sem valor de especie alguma, e até com erros de calculo, e no entanto dizem ter sido impresso com auxilio do governo, o que aqui causou admiração. Um livrinho do Snr. Borges de Castro, tractando de questões professionaes, é pouco menos interessante do que as folhinhas de Ayer. Um folheto do Snr. Camara, engenheiro hydraulico, que dizem ser, no Brasil, um cidadão de alta capacidade, tem a grande vantagem de não adiantar uma só ideia." Os dignos americanos só fiseram excepção, pouco honrosa, para dous ou tres pequenos trabalhos procedentes d'este paiz. Vid. *Globo* de 3 de Junho de 1877.

proclamam a sua pobre jurisprudencia a mais sublime das sciencias, e fazem da rethorica a sua arma de combate!...*) A essa classe inculta, e desnorteada por não sei que falsa intuição do mundo e da humanidade, devemos, em grande parte, o nosso desconchavo politico e o nosso abatimento social. Onde quer que ella tenha predominado, o mesmo se nota, em maior ou menor escala. Não é sem razão que se pode indicar como uma das causas das desordens publicas da França e da Hespanha aquella preponderancia, ao passo que o socego e grandeza da Allemanha e da Inglaterra se devem em parte ao grande pêso que alli tem os naturalistas.

O jurista brasileiro, ou seja elle um doctor Joannes a Regulis, ou um *doctor Mater Galla*, é um ente hoje desclassificado. e que reclama urgente transformação. Aquelle que se levanta acima do nivel commum, o faz exactamente, irremediavelmente rompendo com as tradições e posturas de sua classe. É-lhe mistér fazer *tabula rasa* da pôdre cultura que lhe inocularam nas Academias para approximar-se das ideias e da sciencia do tempo. É preciso, em summa, ser uma especie de renegado. A outra qualidade do Sñr. Visconde do Rio Grande, a de membro mudo do Senado, vem, de alguma sorte, confirmal-o. O nobre senador nunca tomou parte nas discussões theologico-metaphysico-rethoricas do nosso parlamento, e o que iria elle lá dizer? Apaixonado pelas sciencias physicas e naturaes, com uma intuição mui diversa da dos nossos legisladores *parlantes*, o que poderia elle em face da facundia de um Zacarias, ou de um Candido Mendes?

---

*) No parlamento, ou no fôro, sempre elles dão a apreciar as suas *excellentes* disposições de espirito. Conheci um que, como advogado, escreveu vinte e tantas folhas de papel almaço para provar o soberbo problema: *que a vintena deve ser deduzida do monte e não da terça!* Elle foi, depois d'isto, deputado e ministro de Estado. Não é presumivel que, n'esta ultima qualidade, tenha melhorado, pois já vimos um *ministro* e um *senador*, ambos legistas, levarem uma boa hora discutindo sobre a pronuncia das palavras *Pall-Mall!!!*...

O que é certo é que o nobre visconde ia passando desapercebido, e talvez, porque não dizel-o?—passando por mediocre, porque nunca fallou!.. — O caso é grave n'éste paiz. Ser deputado ou senador e não *orar*... é demonstrativo signal de fraqueza ou de ignorancia. Todo o parlamentar de bons quilates tem sempre o que dizer...

Mas vamos ao conteúdo do *Fim da Creação*. Em rigor aqui não devia occupar o meu leitor com esse notavel livro; o seu objecto é pertencente ás sciencias naturaes inorganicas, maxime á geologia, ficando-lhe alguma cousa ao longe as especulações philosophicas. Como, todavia, alli lêem-se boas laudas sobre a theoria scientifica do universo, e como a philosophia, estudo geral, abarca hoje todos os dominios, não é fóra do assumpto consagrar, n'estas paginas, ao livro do preclaro senador um pequeno capitulo.

Bem se comprehende, portanto, que nos devemos de preferencia deter ante o que n'elle tem um caracter geral, isto é, diante d'aquillo que mais de perto nos interessa.

A obra se divide em duas partes; n'estas estão espalhadas observações e estudos de ordens diversas, de physionomia mais ou menos especial, estudos e observações dirigentes a provar os dous alvos principaes do auctor. Estes se reduzem á affirmação de que o planeta sobre o qual habitamos vae sempre crescendo no curso das idades geologicas, e á negação da celebre theoria de Laplace.

O lado positivo me parece bem fundamentado; a face negativa da obra é que não deixa de ser permeiavel por mais de uma junctura.

Antes de tudo convem advertir que não devemos formar do Sñr. Visconde do Rio Grande a ideia de que seja elle um sabio; é apenas, nas sciencias, um dilettante, mas um dilettante consciente. Apezar de ter muito lido e meditado, elle não fez observações proprias, estudos inteiramente seus e originaes. É um erudito em sciencias naturaes, ramo dos conhecimentos humanos onde mais vale a propria indagação do que

a leitura. Para proval-o, basta ponderar que em todo o grosso volume de mais de 650 paginas, com que brindou ás nossas lettras, só um pequeno, e, devo dizel-o, insignificante achado seu é exposto aos nossos olhos. Este mesmo não é uma descoberta; vem apenas provar que o nobre visconde, como naturalista, nem ao menos tem viajado, indo pouco alem de seu jardim as suas indagações. O facto a que me refiro é assim exposto em seu livro: „Nas areias nimiamente conchiferas da nossa Praia Vermelha, de que tenho alastrado o meu pequeno jardim, encontrei uma *Astarte sulcata* inteiramente semelhante á dos calcareos carboniferos; uma *Avicula* que apparentemente não differe da *Posidonimya Beckeri* dos carboniferos inferiores, e um *Cerithium* tal qual a *Murchisonia gracilis* descripta por Sir Charles Lyell como pertencente aos terrenos cambrianos.“ *)

Não obstante só dispor de uma erudição de segunda ou terceira mão, o nosso auctor revela, em todo o seu escripto, uma grande tenção de espirito, e um elevado senso critico. Grandes meritos deixa ver em seu livro; os principaes são: o ser franco sectario do darwinismo, como nol-o mostra no cap. XIV**); o delucidar com vantagem muitos pontos obscuros da geologia brasileira***); o demonstrar sufficientemente o fim principal que se propoz.†) A tudo isto junta-se ainda a clareza da exposição; o trabalho é methodico e o estylo do escriptor simples e chão.

Estas qualidades são bons predicados, e raros n'este paiz. Quem supporia, por exemplo, que no senado brasileiro, classe que não brilha muito pela sua illustração, tinhamos um sectario intelligente e adiantado das ideias de Darwin, nome que muitos alli não pronunciam sem primeiro se benzerem?

A these do Snr. Visconde do Rio Grande é, já o disse, provar o crescimento da terra. Para isto, elle

*) Pag. 269.
**) Pag. 532 e seguintes.
***) Em muitos lugares do livro.
†) *Fim da Creação*, passim.

aproveitou-se de quantos argumentos teve á sua disposição. O ar atmospherico, directa e indirectamente; os residuos vegetaes e os animaes são as suas provas predilectas. Mas não é o simples crescimento terrestre que elle advoga; dá tambem ao planeta, fundado em Stanilas Meunier, uma vida propria e *sui generis.* *)

Devo declarar que estas ideias não são novas. Quanto á primeira o nosso proprio auctor confessa que não fez mais do que desenvolver certos pensamentos esparsos em alguns escriptores, que cita, e tirar a consequencia de premissas ensinadas pela geologia. Aquella ideia não era, todavia, por todos aceita, nem demonstrada directamente nos tractados da sciencia. O serviço prestado, n'este ponto, pelo nosso titular foi o dar corpo áquelle pensamento, e revestil-o de roupagens capazes de affrontar a discussão e analyse.

A ideia de vida propria, não só da terra, mas de todo o mundo, tem sido advogada em mais de um periodo da historia da philosophia. Alem de Meunier, ainda agora, sob os nossos olhos, o celebre escriptor e sabio belga J. Delboeuf ensina que todo o universo é dotado de sensibilidade e intelligencia, como o é, e pelos mesmos titulos, de extensão e movimento. Em todos os seus tractados é a ideia exposta e sustentada. Suas affirmações são cathegoricas: „Pour nous, escreve elle, nous l'avons dit plusieurs fois, nous croyons qu'à sa naissance le monde renfermait déjà l'intelligence aussi bien que la matière et le mouvement.“ **) Ainda ultimamente, foi mais positivo: „L'univers, à son état initial, renfermait donc, au moins en germe, la sensibilité, l'intelligence, la liberté, au même titre qu'il renfermait la matière et le mouvement.“ ***)

Os que conhecem a evolução philosophica da actualidade sabem que o novo pessimismo allemão de

---

*) Cap. 3º, da 1ª parte; pag. 75 e seguintes.

**) *La Psychologie comme science naturelle*, pag. 105; Bruxelles, 1876.

***) *Les Mathématiques et le Transformisme, une loi mathématique applicable à la théorie du transformisme*, inserto na *Revue Scientifique*, nº 29, de 13 de Janeiro de 1877.

Hartmann admitte e proclama na *Philosophie des Unbewussten*, que toda a materia, que existe, é ornada de vida, sensibilidade e intelligencia, em estado inconsciente no universo, e consciente no homem. E a reacção philosophica de Hartmann não é nada para ser despresada, quando vemos um homem, como o professor Adolf Lasson, de Berlim, assim se exprimir a seu respeito: „Wer den gegenwärtigen Zustand der philosophischen Forschung in Deutschland schildern wollte, würde nicht unzweckmässig verfahren, wenn er an die Schriften Eduard von Hartmann's anknüpfend von diesem Gesichtspunkte aus die demselben befreundeten und die gegnerischen Richtungen einer Musterung unterwürfe. Denn bei aller Verschiedenheit der Meinungen über den echten Werth und bleibenden Gehalt der von Hartmann vertretenen Ansichten: die Nothwendigkeit, sich mit der „Philosophie des Unbewussten" kritisch auseinander zu setzen, haben fast Alle empfunden, die in der philosophischen Wissenschaft gegenwärtig eine bestimmte Stellung einnehmen, und auch Manche, die zwar eine solche Stellung nicht einnehmen, aber doch den Reiz verspüren, in dieser viele Gemüther beschäftigenden Frage sich auch hören zu lassen. Das ergibt denn ein reiches Concert von Stimmen, und was etwa an philosophischen Ansichten und Bestrebungen heute überhaupt vorhanden ist, kommt dabei in der wünschenswerthesten Vollständigkeit an den Tag. Es ist immer gut, wenn wenigstens Einer da ist, der sich Gehör zu erzwingen versteht." *)

Não levarei, por necessidade de plano, o meu leitor ás provas detalhadas das asserções do nosso naturalista. Seria embrenhar-nos em pura geologia. Concordemos com elle em conceder certa vida e crescimento ao planeta, pois que, entre outras verdades, já sabiamos ser o crescimento um resultado da existencia do *ether*, e que a terra vai, por meio das rochas,

*) *Deutsche Rundschau,* Zweiter Jahrgang, Heft 12; September 1876; pag. 391.

sugando, diariamente, da atmosphera notaveis quantidades de agua e de ar.*)

Não se pense, porém, que o espirito de nosso escriptor está isempto de qualquer exageração. Ao contrario.

Elle, por contradicção com a philosophia monistica de Darwin, é ainda um *finalista*. O titulo mesmo, um pouco extravagante, de seu livro o mostra.

O Fim da Creação, ou a Natureza interpretada pelo senso commum ... Mas qual será o fim, o destino da creação?

O auctor não nos falla do universo em geral; mas com a terra elle é claro; seu fim é *crescer*. Com as plantas e animaes e o homem elle é tambem terminante; o seu fim é contribuir para aquelle interminavel *crescer*. Ouçamos a linguagem franca do Snr. do Rio Grande. Depois de fallar largamente sobre a alimentação das plantas, diz-nos: „Pelo que respeita á materia da nutrição, os animaes se dividem em herbivoros e carnivoros, segundo os alimentos são vegetaes ou animaes. A nutrição animal, que consiste em os animaes se devorarem uns aos outros, se nos antolha á primeira vista, uma vez que elles foram dotados de sensibilidade, como uma lei excepcionalmente cruel, que muito se afasta da usual e notoria benevolencia com que o Supremo Auctor de todas as cousas regulou a creação dos seres organisados. Nem creio que caiba na nossa intelligencia explicar a dureza de semelhante lei, sem recorrermos á consideração de que *os dous reinos organicos não existem sinão para condensar a materia com que contribuem para o engrandecimento da terra.* Com effeito, não será sinão tendo-se em vista este *grande fim*, cuja importancia predomina sobre as conveniencias dos animaes, que poderemos comprehender a lei de que se tracta, e que chegaremos mesmo a convencer-nos de que, desde que o animal alcança o seu maior crescimento, que é quando pode fornecer

---

*) *Histoire de la terre,* par L. Simonin, 4me édition, Paris, 1867; pag. 168.

maior somma de despojos, *tem prehenchido o seu destino, e convem que cesse de viver para dar lugar a outros.*" *)

Isto pelo que diz respeito ás plantas e animaes, quanto ao homem, depois de fallar de suas dadivas directas, ahi vem o *ultimatum* a seu respeito: „Mas a contribuição principal da especie humana ainda não é a que consiste na sua propria carne e ossos, mas na carne e ossos dos muitos animaes de que ella promove a reproducção para sua nutrição e serviço, na grande copia de fructos que semeia e colhe para si e para esses animaes, e na quantidade tambem consideravel de plantas textis que cultiva para d'ellas se servir. Tudo isto reunido forma uma immensa massa de ar condensado, que sem cessar o homem espalha pela face da terra, *sem parecer estar em consciencia de que esta é a sua principal, sinão a unica missão n'este mundo.*" **)

Já se vê qual *o fim* do homem, e de suas industrias. Mas eu não quero ser injusto com o digno Visconde, deixando de mostrar toda a extensão de sua logica. A nossa propria civilisação tem por fim augmentar a crosta do planeta. „A nossa vida moral ou espiritual, escreve elle, que se nos afigura talvez como razão determinante de nossa existencia, desapparece inteiramente com a morte, e de ordinario antes da mesma morte, como se fôra um sonho, não ficando de real e positivo sinão o nosso cadaver, essa porção de ar condensado que a mesma natureza nos constrange a entregar-lhe sem maior tardança . . . . Portanto creando o homem racional e *ao depois civilisando-o,* não parece que a natureza tenha tido outras vistas sinão as de augmentar a massa dos despojos organicos." ***) De tal modo, até a innumeravel quantidade de livros que a civilisação vae espalhando, ahi contado tambem o *Fim da Creação*, tem por unico

---

*) *Fim da Creação,* pag. 186 e 187.
**) Pag. 531.
***) Pag. 553 e 54.

objecto essencial contribuir para o augmento da crosta terrestre!... O livro concorre duplamente: por si, de modo directo, com suas paginas rôtas, e ainda mais apurando a civilisação, cujo alvo acabou de ensinar-nos o Sñr. Araujo Ribeiro. Eis a que se reduz a nobreza do desenvolvimento phyletico da humanidade; mas eis tambem até onde póde chegar um sectario das *causas finaes!*

Applaudo, com força, que o nobre brasileiro tenha concorrido, com sua doutrina, para derribar o velho erro anthropocentrico, e a conter as nossas velleidades de grandezas, que não nos cabem. Applaudo, ainda, que tenha demonstrado com vantagem a sua these predilecta; lastimo, porém, que um espirito tão lucido e perspicaz ainda vá tropeçar nas velhas asperezas das finalidades.

Como observador e como darwinista, devia contemplar e determinar os factos sem envolver-se em conjecturas e possibilidades.

O *Fim da Creação* . . . quem disse ao escriptor que houve uma *creação*, e quem lhe auctorisou a designar-lhe um fim? Elle ahi não procedeu como philosopho. Antes de passar alem, quero fazer justiça a um predecessor do digno Visconde. Conheci, e muitos dos meus collegas podem attestal-o, em Pernambuco um lente de geographia, adjuncto a uma Faculdade de Direito que alli existe, que, durante uns bons trinta annos, ensinou pontualmente a theoria do crescimento da terra, muito antes do Sñr. do Rio Grande. Os argumentos do bom do lente, hoje jubilado, é que não eram dos mais convincentes. Elle tinha como prova principal a rua *Direita* da cidade do Recife, cujo calçamento está hoje alguns pés acima do nivel do chão das casas. Os rapazes não deixavam de tomar boa dóse de divertimento com o serio e um tanto *ratonico* doutor . . . Mal sabiam elles que o senador do imperio, ex-enviado junto á corte de França, o Visconde do Rio Grande traria, e com razão, annos mais tarde, igual argumento tirado de algumas cidades, como Jerusalem, por exemplo.

O velho lente triumphou; elle está justificado. Tractando d'este assumpto, quiz render um preito ao seu criterio e a sua sabedoria . . . .

O nosso auctor nem sempre se mostra inteirado dos modernos avanços praticados nas sciencias que cultiva. Muitos factos novos, elle os não refere por desconhecel-os, ou cala-os por conveniencia. O leitor paciente pode convencer-se comparando certas paginas do *Fim da Creação* com alguns artigos publicados em revistas européas.*)

Mas toquemos a face critica do livro, e a mais interessante para nós. É aqui que o Sñr. Visconde do Rio Grande nem sempre se mostra munido de razão.

Elle julgou necessario banir a hypothese de Laplace para melhor firmar a sua doutrina do crescimento terraqueo.

Os seus argumentos, n'esta parte, não honram muito a sua sagacidade. Me parece que não havia precisão de repellir aquella celebre cosmogonia que dá conta dos mais interessantes phenomenos de nosso systema planetario, e que é a unica que pode justificar as proprias ideias do honrado senador.

Procedamos por partes e cautelosamente.

Supponho no leitor o conhecimento da notavel doutrina evolutiva do universo, ou theoria cosmologica dos gazes, entrevista por Herschell, em seus estudos sobre as nebulosas, formulada por Kant, e desenvol-

*) Vejam-se: I. *Les foraminifères de la Barbade* por Van den Broeck, publicados primeiro no *Le fond de la mer*, e nos *Annales de la société belge de microscopie*, e analysados na *Revue Scientifique* de 10 de Março de 1877; II. *La formation des météorites et le vulcanisme* por Tschermack, na *Revue Scientifique* de 20 de Novembro de 1875; III. *Les périodes glaciaires et les causes de leur apparition* por Vezian, na de 2 de Dezembro de 1876; IV. *Les planètes intra-mercurielles* na de 23 do mesmo mez e anno; V. O *Traité de paléontologie végétale* por Schimper, analysado na revista de 28 de Novembro de 1874 por Zeiller; VI. *La Chimie des plantes* por A. Gautier, na de 10 de Fevereiro de 1877; VII. *La détermination des minéraux microscopiques des roches* por M. Fouqué, na revista de 16 de Dezembro de 1876. Alguns d'estes escriptos foram publicados depois da obra do nosso auctor; mas sobre factos já conhecidos.

vida por Laplace. Aquelle que a não conhecer, nem a podér lêr na *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels*, e na *Exposition du système du monde*, póde vel-a exposta e criticada na *Natürliche Schöpfungsgeschichte* de Ernst Haeckel, ou no *Cours de Philosophie Positive* de Auguste Comte. Estes dous ultimos philosophos e sabios a desenvolvem com magna clareza e Comte até a auxilia por novas considerações.*)

A exemplo do Sñr. visconde, me dispenso de expôr a afamada hypothese.

Pezemos a sua critica.

Reléva, antes de tudo, notar que a defesa, que vai ser feita da doutrina cosmologica dos gazes, não importa a confissão de verdade inabalavel contida n'essa theoria, quando é certo que os seus proprios auctores são os primeiros a dal-a como uma simples hypothese, mais ou menos plausivel. O que deve sobresahir de nossa analyse é o nenhum fundamento das ponderações do escriptor nacional.

É no capitulo 1º de seu livro que elle se avista com a doutrina que deseja combater. Acompanhemol-o passo a passo.

Começa por insinuar que „a terra é dotada de uma vida propria, e se nutre como os individuos organisados, e que deve como estes individuos crescer de volume, colhendo nas regiões do espaço, por intermedio de sua atmosphera, a materia necessaria á sua nutrição e crescimento.“ **)

Já atraz concordamos em conceder á terra certa vida *sui generis* e o crescimento. Importa porém, agora advertir que o nosso geologo parece fazer depender sempre da vida da terra o seu augmento de modo que seja este indefinido. Aqui anda grande confusão de

---

*) Em livros elementares de astronomia, geologia e philosophia tambem vem ella exposta. Podem ver: I. *Cours élémentaire d'Astronomie* par Ch. Delaunay, pag. 614 e seguintes; II. *Histoire de la Terre* par L. Simonin, pag. 155 e seguintes; III. *Essai de Philosophie positive au XIXe Siècle* par Ad. d'Assier, pag. 90 e seguintes.

**) Pag. 4.

ideias; lembro ao nobre senador que *viver* não é sempre *crescer*. As plantas e animaes que são os dous reinos organicos da natureza, e os dotados de vida a mais perfeita, nem sempre crescem. Ha um periodo em que o crescimento estaciona. Tudo nos leva a crer que igual sorte está reservada á terra. Dados astronomicos e geologicos concorrem para proval-o. Creio que o Snr. do Rio Grande, para ser coherente, deve estender a todos os corpos do firmamento o privilegio que deu á terra. N'este caso, o unico verdadeiro, elle deve saber que existem alguns astres que tem, como aquella, uma atmosphera, e outros que já a tiveram, não a possuindo mais. O que prova isto? Que o crescimento n'aquellas grandes massas tende a estacionar; o que, de todo o ponto, se coaduna com o systema de Laplace. Ao contrario, sendo o calor da terra e de todos os nossos planetas oriundo do sol, como não deixa de reconhecer o proprio auctor, e nem a hypothese de Kant o contesta, e tendendo o astro central a esfriar, como tambem o declara, é evidente que, crescendo sempre e indefinidamente os planetas, estes viriam a romper, antes de tempo, a harmonia do systema, contra os votos expressos do digno Visconde.*)

Elle não deu por esta difficuldade, e vai com o seu crescer constante até proclamar, contra todas as provas geologicas, que o nosso globo virá ainda a sêr uma estrella dotada de luz propria.

Para elle, a luz é um privilegio da grandeza, e espera que a terra lá chegue um dia. Não se contesta que a luz seja um attributo da grandeza; o que é preciso é entendel-o habilmente, como o faz a theoria que combate. Sim a luz é um predicado da grandeza, quer dizer: tanto maior foi a massa do planeta destacado do nucleo primitivo, quanto por mais tempo conservou a luz propria. Mas não antecipemos ideias.

Referindo-se ao laplacismo, diz ainda o nosso auctor: „Essa historia antiga da terra que admitte a

---

*) Na 2ª parte do livro, *passim*.

existencia de uma nebulosa incandescente, de que se formou a mesma terra, não deve ser recebida como historia, mas antes como um mytho que faz retroceder a nossa sciencia, para nos pôr a par dos philosophos gregos quando imaginaram *causas finaes*, afim de por ellas explicarem os phenomenos que não comprehendiam." *)

Confesso que ainda não percebi o laço existente, aos olhos do Sñr. José de Araujo Ribeiro, entre a theoria cosmologica de Kant e a doutrina das causas finaes. Tal ligação supponho não existir. Tanto mais firmado permaneço n'esta conjectura, quando vejo essa bella explicação mecanica do mundo adoptada e robustecida por Comte, o formidavel adversario das *causas finaes*. E si alguem incompetente existe para fazer semelhante increpação, é justamente o Sñr. Visconde, genuino finalista, como já vimos.

Não creio ser mais preciso provar esse estado do seu espirito; quando o seja, ahi vai um trecho que o demonstra: „Cumpre-nos presumir que si os astros andam em perpetuos gyros deverá isso ser para preencher algum *grande fim*, como é o da sua nutrição e desenvolvimento." **) Não é pouco; mas o que excede a toda a expectação, n'este sentido, é que, exactamente no lugar em que censura a celebre theoria de finalista, o escriptor fornece-nos um irrefragavel documento de sua perturbação philosophica.

Fallando, por sem razão medir o calor cosmico primitivo pelo que se nota nas combinações feitas na terra, da difficuldade que teria a primordial massa gazosa em conservar, por muito tempo, a sua alta temperatura, declara que este não é ainda o maior embaraço da theoria; „mas sim em descobrir de onde é que proveio essa temperatura, que mantinha volatilisada toda a materia de que se formaram os planetas. Laplace que se occupou d'esta theoria, e lhe deu uma forma scientifica, nada diz a respeito da

---

*) Pag. 9.
**) Pag. 4.

origem ou causa de tão extraordinario calor; e os auctores que se lhe seguiram e abraçaram as suas ideias, tem guardado o mesmo silencio a esse respeito.“*) Isto é que fôra naufragar no golphão das causas primeiras e finaes. Si Laplace o tivesse feito, não seria digno dos encomios de que é crédor. Não houvera dado a Bonaparte a sua celebre resposta. Mas o nosso Visconde mostrou-se alli um pouco ingenuo. Deve-se-lhe recordar que em mecanica monistica não tem o calor uma causa teleologica ou transcendente. É um resultado do movimento.

„Difficuldade de conservar o calor, e d'onde teria elle provindo?!!.. Porque difficuldade, si é certo que as grandes massas gazosas estavam sujeitas ás leis cosmicas do movimento, attracção e repulsão? .... Porque não saber-se a origem do calor, quando as propriedades da materia são sufficientes para explical-o? Aquellas duvidas me parecem um pouco dissonas, sendo apresentadas por um homem que acredita existir grande copia de calor nos espaços, calor que nutre e aviventa, a seu vêr, todos os astros. D'onde teria tambem este provindo?

É preciso, porém, sem muita delonga, acompanhar o Sñr. Visconde. Elle nos vai mostrar a raiz de seus preconceitos, que são tambem os seus enganos.

„Segundo esta theoria, escreve elle, que não é ensinada pela geologia, porque lhe não pertence, mas que é filha de conjecturas de alguns sabios, o nosso globo em vez de ir crescendo, como me proponho sustentar, vae pelo contrario diminuindo de volume, á medida que suas partes se contrahem pelo resfriamento.“ **)

Bem claramente intelligivel; o digno escriptor impugna a doutrina evolutiva do universo, porquanto julga por ella dever a terra ir diminuindo, o que lhe convem que não passe em julgado. Seria desmantelar a sua theoria predilécta.

---

*) Pag. 10.
**) Pag. 9.

Primeiramente, é para observar que não é cousa averiguada que a passagem de um corpo do estado liquido ao solido acarrete-lhe uma diminuição relativa de volume. Existe quem pense de modo diverso. Certo auctor procurou demonstrar que a actividade volcanica da lua era devida unicamente ao crescimento de seu volume produzido no momento de sua solidificação. Um sabio de Vienna d'Austria, o professor Tschermack, sem contestar-lhe a asserção do crescimento do volume lunar, e, ao envez a aceitando, nega-lhe apenas a relação entre este facto e o da actividade volcanica d'aquelle satellite. „Si cette idée était juste, on devrait au moins quelques fois observer des manifestations éruptives et des formations de cratères à la surface de la glace, car l'eau, en se congelant, subit aussi un accroissement de volume.“ *)

Tschermack consigna, pois, o accrescimo do volume da lua, passando do estado liquido ao solido, e tambem o da agua, quando se congela. Estabelecida, assim, a dissidencia entre o sabio allemão e o nosso dilettante, não vacillo em pronunciar-me, na falta de dados individuaes, pelo primeiro. É um nome muito mais acreditado no mundo da sciencia.

Bem se vê, entretanto, que, tambem por este lado, a theoria de Kant, longe de oppôr-se ás ideias do nosso compatriota, muito as favorece. Onde, então, a necessidade de repellil-a?

Não é tudo; em segundo lugar, dado como provado que a terra diminue de volume, á medida que se vae solidificando, ainda assim a recusa da parte do auctor do *Fim da Creação*, carece de fundamento. Porquanto, aquella diminuição déve ter lugar por um encurtamento do raio terrestre operado pela mesma forma porque se pratica o decrescimento do raio de uma laranja que murcha, o que não impede que sobre a crosta do planeta se dêem novos augmentos de camadas. Um facto não exclue o outro. Nada impede

*) *La formation des météorites et le vulcanisme*, na *Revue Scientifique* de 20 de Novembro de 1875.

que o grande volume decresça, por uma especie de murchar lentissimo, ao mesmo tempo que, pelos meios indicados pela geologia, sua crosta se altere para mais. Sendo diversos os agentes, e contrarios por natureza, nada obsta a conceber-se a opposição dos seus resultados. Sou propenso até a enchergar n'estas duas acções contrarias, na hypothese que avanço, a harmonia de duas forças, ou tendencias que se contrabalançam. Assim mais se perpetua o equilibrio geral do systema.

O Sñr. do Rio Grande só porque concebeu uma ideia, que não passa de desenvolvimento de asserções de muitos escriptores, nutriu a tentação de dar com a grande construcção de Kant e Laplace por terra. E, todavia, grandes systemas e grandes verdades se tem edificado, antes e depois d'elles, que podem todos buscar n'aquella notavel theoria um apoio de mais para o seu estabelecimento.

Nada ha mais bello na historia das sciencias do que apreciar a insigne harmonia que reina entre as leis geraes astronomicas formuladas por Kepler e Newton, o systema universal do *ether* de Fresnel e Boucheporn, a doutrina geologica evolucional de Lyell, o systema genealogico de Lamarck, a theoria da selecção de Darwin e Haeckel, as vistas positivas da historia de Comte e Spencer, nada ha mais bello, digo, na historia das sciencias do que contemplar a insigne harmonia que reina entre tantas e tão profundas especulações e a theoria evolucional do mundo do philosopho allemão e do astronomo francez.

Esta grande intuição universal é um dos mais nobres presentes feitos pelo seculo passado ao actual. E nenhum dos fundadores das grandes theorias se julgou em indeclinavel obrigação de impugnal-a. Por suppol-a contraria ás suas convicções, não devia tel-o feito o nosso Visconde, quando n'ella, ao envez do que pensa, aprofundando-a, podia encontrar grande arrimo. Por meio d'ella é que a doutrina do crescimento terrestre pode tomar um assento seguro no conselho das sciencias. Si me não illudo, as duas

observações que tenho feito, uma relativa ao facto do crescimento dos astros ter um natural paradeiro, e outra de seu augmento, que chamarei externo, ser contrabalançado pelo encurtamento, que se pode chamar interior, si me não engano, estas duas notas são de natureza a garantir, pela hypothese de Kant, a doutrina defendida pelo naturalista brasileiro.

Este, para invalidar as ideias que combate, mostra preferir-lhes as vistas de Boutigny, que não passam de uma nova edição da mediocre cosmogonia de Buffon.

Depois, fallando de Guillemin, commete um errinho, que não deve passar sem observação, Escreve: „O mesmo Mr. Guillemin, quando tracta especialmente do sol na sua citada obra *Le Ciel*, nos diz igualmente que este astro é verosimilhantemente o pai commum de toda a familia dos astros que gravitam em roda d'elle, e que em epocas immensamente afastadas da nossa, sahiram de seu seio em forma de *anneis nebulosos.*" *)

Isto é dito por opposição á ideia de Laplace; mas quem ha ahi que ignore que é tambem o que ensina esta? Quem ha ahi que não saiba que a grande cosmogonia é extensiva a todo o universo, *primitivo cahos gazoso*, na phrase de Kant, cahos que se foi, por certas leis mathematicas, dividindo em enormissimas nebulosas, uma das quaes formou o nosso systema? Não comprehende o digno Visconde que d'esta, que é hoje principalmente representada pelo astro central, é que foram sahindo todos os planetas em forma de *anneis nebulosos?*

A grande massa gazosa em seu movimento rotatorio, á medida que se ia dividindo, ia conservando-se, como enorme nucleo, no centro regulador, que devia reter os novos planetas. Que outra cousa é ella sinão a origem do sol, seu principal descendente, e que lugar, astronomicamente, ella occupa sinão o d'este? Sim, o sol é o pai commum de todo o nosso systema planetario; elle é o representante directo da primitiva

---

*) Pag. 11.

nebulosa, que se multiplicou por fissiparidade. É o que ensina a doutrina que defendo. A bellissima experiencia de Plateau, que o Snr. Visconde passou por alto, dá uma prova material e palpavel do que tenho affirmado; ella é um bom argumento a favor da hypothese.

Depois d'aquelles considerandos, o senador passa a fazer um historico da theoria ignea do universo, que confunde com a gazosa, e, depois de citar alguns nomes, chega a Herschel e Laplace. Até nas vistas historicas foi elle infeliz, porque esqueceu o nome do genuino auctor da doutrina, o philosopho critico allemão, Immanuel Kant, que a formulou desde 1755. Affeito, como todos os nossos, a lêr só os francezes, commetteu tão flagrante injustiça, que péza, porém, como uma inexactidão.

Antes de passar a directamente refutar os argumentos em que se estriba a theoria kantesco-laplaciana, elle observa que os sectarios d'esta dão á terra uma crosta estimada em dez a vinte leguas de espessura, o que é de uma tenuidade insustentavel em relação ao volume terrestre.*)

Esta pequenina objecção tem pouca procedencia, quando é certo que outros seguidores da doutrina attribuem áquella crosta uma grossura muito mais consideravel.

Vejamos o Visconde avistar-se, face a face, com os argumentos adversos, e de que modo elle sahe victorioso.

As provas que vae refutar, a seu ver, são tres: o achatamento do globo nas regiões polares; o calor crescente na crosta da terra á medida que se desce da superficie para o interior; a existencia, finalmente, dos volcões.

A opposição feita ao primeiro argumento se reduz a dizer que attento o grande volume terrestre, os achatamentos polares são insignificantes, e que, alem d'isto, o simples movimento de rotação é sufficiente

---

*) Pag. 14.

para explicar o phenomeno.*) Bem claro é que o auctor não néga o facto de ter o nosso planeta a forma elliptica; quanto a julgar a ellipsidade pouco pronunciada, é uma ponderação tão fragil que pouco valor merece da parte de quem analysa a sua critica.

O poder só por si o movimento de rotação do planeta explicar-lhe as depressões dos polos, me parece um pouco difficil de conceber, na hypothese de ser elle um todo solido e extremamente compacto. Demais, a celebre experiencia de Plateau, de que já fallei, derrama aqui muita luz. Envio para ella o Sñr. do Rio Grande.

Cita, n'este lugar, alguns auctores que combatem, como elle, em prol da mesma negação. Entre outros, lá vem o nome de Mr. Liais, o auctor pouco festejado do magro livrinho *A supremacia intellectual da raça latina*, o que nada confirma, nem infirma; porquanto tambem é sabido que os grandes espiritos que se chamaram Leibnitz e Huyghens não aceitaram a theoria da attracção universal de Newton, tão geralmente acreditada depois, e que foi o objecto de motejos d'aquelles dous notaveis homens.

Quanto á prova tirada do calor crescente da crosta terrestre, e que se demonstra pelas minas, poços artesianos e fontes thermaes, a critica que combato ainda se ostenta mais debil e prevenida.

O auctor não contesta o facto, e nem o explica; contenta-se com dizer, em substancia, que os estudos a respeito não são tão geraes e profundos que nos habilitem a tirar uma conclusão segura.**) Não basta. Qual será, então, a causa do phenomeno que não poude negar? Elle parece convir com o Barão de Cuvier que é o sol unicamente que aquece a terra. N'este caso, é fora de duvida, que a progressão do calor deveria dar-se em ordem inversa, isto é, tanto mais intenso, quanto mais proximo á superficie.

É o que não se nota.

---

*) Pag. 15.
**) Pag. 19.

O terceiro e ultimo argumento, o da acção dos volcões, ainda menos foi refutado.

Tudo o que se lhe oppoz reduz-se a duas affirmações principaes: que as materias sahidas dos volcões são as mesmas conhecidas no exterior da terra, não podendo, portanto, ser provindas do seu centro; que as erupções, si viessem de tal origem, deveriam ser ainda mais consideraveis do que são... Ao primeiro asserto basta replicar com a grande verdade estabelecida pelos maiores sabios do seculo, e proclamada com jubilo por Tschermack: „Quando Howard, Klaproth, Vauquelin, Berzelius — tornaram conhecida a composição chimica elementar de um grande numero de meteoritos, para logo percebeu-se que os elementos simples que entram na composição d'estes corpos são identicos aos dos que abundam na crosta terrestre. Já tinha, anteriormente, Chladai reconhecido a natureza planetaria d'estes maravilhosos productos. A ligação dos meteoritos e dos planetas fez presumir que os outros corpos celestes são igualmente constituidos pelos elementos de nossa terra. As investigações de analyse espectral, inauguradas por Bunsen e Kirchhoff, tornaram evidente o facto pelo que diz respeito ao sol; as observações de Secchi, Huggins e Miller sobre os espectros das estrellas fixas tornaram provavel a opinião de que o universo inteiro é constituido pelos mesmos elementos.“ *)

E o Sñr. Visconde se admira de que os volcões lancem lavas que provam o facto!...

Mas, dirá elle, ás vezes algumas cratéras expellem residuos vegetaes e animaes, que não vem, por certo, do centro em fusão.

E quem jamais o disse? Estes sedimentos são oriundos da parte da cratéra que atravessa a crosta terrestre. É claro, e não faz-se mistér largo esforço de comprehensão para vêl-o, que a mesma parte solida da terra contribue tambem para as lavas; pois

*) *La formation des météorites et le vulcanisme*, Revue Scientifique, pag. 497.

não se admitte que a porção do solo, que foi removida pelo furo volcanico, e todas as que lhe são adjacentes não sejam abaladas pela erupção e não entrem em concurso com ella.

Tenho pressa de findar. O capitulo, que se encarrega de repellir ideias, que bem aproveitadas seriam de grande auxilio ao escriptor, que aprecio, é de todos os do livro o mais franzino. Removido elle, e alguns senões espalhados pela obra, já apontados com magna imparcialidade, e mudado o titulo d'ella para: *A Terra e seu Crescimento, estudo de astronomia e de historia natural*, ou outro qualquer que lhe possa mais convir, o trabalho do Sñr. Visconde do Rio Grande ficará sendo um dos escriptos mais notaveis publicados n'este paiz.

Na enumeração das provas em que se funda o systema de Kant e Laplace o auctor não foi completo, ainda que pareça ter sido sincero; deixou de indicar muitas outras argumentações em que aquelle se firma. Entre estas não lhe era licito esquecer: a oriunda da distribuição do calor na superficie da terra, calor que foi muito mais intenso em passadas idades geologicas; a de terem as aguas, por uma evolução natural explicada pelo systema, occupado outr'ora toda a face terrestre; a das submersões e levantamentos que se tem dado na crosta do planeta, etc. A final, a moderna explicação do vulcanismo cosmico muito auxilia a doutrina. Os astros são todos sujeitos a passar pela phase de sol, de terra e de lua e todos por um momento vulcanico. Isto confirma as nossas ideias. „Pensando n'este todo de phenomenos, diz Tschermack, quem tiver no espirito a theoria de Kant sobre a semelhança de desenvolvimento dos astros, será levado a pensar que os corpos celestes propriamente ditos não são os unicos expostos a taes modificações. Admittirá facilmente que o vulcanismo é uma manifestação cosmica, no sentido de que todos os astros atravessam uma phase vulcanica em seu desenvolvimento.“ *)

---

*) *Loco cit.*, pag. 501.

O nosso auctor, ás vezes, recorre aos embaraços da geologia para chamàr a adhesão ás suas ideias. Ninguem contesta o quanto resta ainda a fazer áquella sciencia para tornar-se de todo positiva; mas, por outro lado, ninguem nega o como ella pode tornar-se acanhada quando dirigida por um espirito systematico.

Basta o exemplo de J. C. Southall. querendo provar: *the recent origin of man as illustrated by geology and modern science of prehistoric archeology*, segundo o proprio titulo de sna recente obra. O nosso Visconde não precisa ser impertinente para ainda ser proveitoso o seu livro.

IX.*)

O Dr. Domingos Guedes Cabral é um moço formado em medicina pela Faculdade da Bahia em fins de 1875. Escolheu para objecto de sua these inaugural o espinhoso assumpto *As funcções do cerebro*, a que deu uma resposta de accordo com as ideias do naturalismo philosophico mais acreditado em nossos dias. Era a primeira vez que um doutorando ousava fazer ouvir, em documento publico, no recinto de uma de nossas tristes academias de medicina, o brado da sciencia emancipada. A these foi repellida, substituindo-a o seu auctor por outra: *Qual o melhor tratamento da febre amarella?* Entretanto, a mocidade academica reagiu, a seu modo, fazendo publicar o bello trabalho do jovem bahiano.

As *Funcções do Cerebro* são um livro interessante; são um apanhado ligeiro e claro de algumas questões momentosas discutidas sobre o grande orgão.

O auctor apadrinha-se com nomes conceituados, e, á luz de muitas citações, chega ao alvo que se propoz.

Com quanto não tenha elle entrado largamente nos mysterios de psychologia physiologica, o que, aliás, nos promette n'outro livro *Cerebro e Alma*; comquanto, sobretudo, não tenha apparecido no debate com armas proprias, nem tenha levantado o véo de muitas duvidas que se prendem ao assumpto, ainda

---

*) *Funcções do Cerebro* por Domingos Guedes Cabral; Bahia, 1876.

assim a sua obra é uma grande novidade para o nosso publico, e é digna de apreço. É uma boa resposta que se podéra dar ao ultimo livro do Sñr. Visconde de Araguaya *A Alma e o Cerebro*, que não passa da decima edição, com alguns appensos, do livrinho de Janet *Le Cerveau et la Pensée.* *)

Eu disse que o medico brasileiro não appareceu no combate com armas proprias, e é uma verdade; não se encontra no seu trabalho uma só experiencia sua, uma só descoberta que lhe devesse a luz. Não canso de assignalar este defeito capital de nossos livros de sciencia; não passam de compilações, e oxalá que muitas d'ellas não fossem indigestas!... Nós outros não temos experimentadores.

Ainda ha pouco, na Inglaterra foi promulgada uma lei prohibitiva, em certos casos, dos processos de viviseeção, como nol-o informa Carl Vogt.**) Entre nós não haveria necessidade de tão exquisita maravilha no meio das maravilhas de nossa legislação. Meros repetidores, os nossos bons *savants* dispensam as severidades dos pietistas.

Ainda mais cresce de ponto tão séria lacuna, si de um especialista tem-se o direito de esperar alguma cousa de seu proprio thesouro, e si as *funcções do cerebro* são o que ha do mais incerto em physiologia.

Quando vemos um homem como o professor Charcot, á força de experiencias proprias, auxiliar a doutrina das localisações cerebraes por meio da anatomia e physiologia pathologicas, e encontrar completa negação

*) Não nos foi possivel incluir em nossa obra a analyse do novo producto do Sñr. Domingos de Magalhães, Visconde de Araguaya; porquanto os nossos cinco primeiros capitulos, entre os quaes elle tem o seu lugar, ha muito, foram para a impressão na sua forma primitiva. Apparecido recentemente, o livro do diplomata será discutido em occasião opportuna. Os nossos ultimos capitulos, escriptos como os primeiros, ha um anno, foram agora revistos e additados para dar conta de factos novissimos.

**) *Le Péché de vivisection* por Ch. Vogt, na *Revue Scientifique* de 3 de Março de 1877.

por parte de um outro como Brown-Séquard*); quando vemos um como Delboeuf atacar Luys e escrever na sua *Psychologia como sciencia natural*: „La physiologie du cerveau est la plus obscure de toutes les parties de cette science; disons le mot: on ne connaît, pour ainsi dire, rien de cet organe"; quando tudo isto se dá, não creio que se faça uma obra muito duravel em compendiar theorias e achados alheios, sem a respectiva contra-prova, theorias e achados que podem tombar por terra de um dia para outro.

O nosso auctor abraça, com força, a theoria de Lewes sobre a nova interpretação da celebre descoberta, por tanto tempo tão acreditada, de Sir Charles Bell a respeito dos nervos sensitivos e motores.**) Pois deve saber que o proprio Lewes, assignalado por tão aturados e fecundos estudos sobre a materia, assim se exprime em relação á grande obra de Ferrier *The functions of the brain*: „O livro do Dr. Ferrier é, sob varios aspectos, uma obra importante. Cheio de factos de *experiencia* e de *deducções theoricas*, escripto com claresa e com *vigor*, elle contribue em grande parte para o nosso conhecimento *(ou para a nossa ignorancia)* das funcções do cerebro. Não tomem por epigramma o meu parentheses: nossa ignorancia pelo que toca ás funcções do cerebro não dá lugar a uma só duvida, e nós proprios a entretemos, aceitando como verdades indiscutiveis os conhecimentos adquiridos, *o que nos impede de investigar por outras direcções*."***)

Difficilmente poderia o leitor encontrar umas palavras mais adequadas ao nosso caso Temos o sabio Lewes, auctoridade na materia, declarando que um livro de uma outra auctoridade contribue para a nossa ignorancia sobre o magno assumpto, e protestando contra os pretendidos conhecimentos adquiridos que impedem as futuras investigações ... O que diriamos

---

*) *Revue Scientifique* de 11 de Novembro de 1876.
**) *Funcções do Cerebro*, pag. 117 e seguintes.
***) Artigo de Sir G. H. Lewes inserto na *Revue Scientifique* de 2 de Janeiro de 1877.

do livro do medico bahiano, despido de experiencias e de altas pesquizas?

Bem se vê que o não devemos tomar por mais do que vale, isto é, um resumo claro, e, para nós, util por se oppôr de frente á misera e mesquinha psychologia que se ensina, com applauso do Governo, em nossos pobres collegios . . . .

O auctor, disse eu ainda, não entrou plenamente nas questões de psychologia biologica, o que seria de maior interesse para o nosso assumpto. Elle pouco refere do tocante a esses problemas. Entretanto, vae fazendo enormes progressos o que os allemães, chamam a psycho-physica. Ainda alguns trabalhos, como o de Hermann Lotze, *Psychologia-Medica*, e, em parte, o de J. Delboeuf já citado, têm determinadas velleidades espiritualistas. É uma desvantagem. O ponto de vista da sciencia do homem deve hoje em dia ser superior aos velhos systemas.

Quando nos dirigimos ao estudo da natureza, não levamos uma ideia preconcebida; vamos investigar factos, e nada mais.

As sciencias physicas e naturaes não são nem materialistas, nem espiritualistas. É o que se ha de fazer com o homem; deve ser elle abordado pela analyse no intuito de descobrirem-se factos, sem preoccuparmo-nos com a velha mythologia metaphysica. Quanto ao nosso auctor, elle é franco em repellir o antigo dualismo do homem, e vejo n'isso um motivo para o elogiar.

„Si o cerebro, escreve elle, quanto ao seu volume, quanto ás suas dimensões, á sua forma, ao seu desenvolvimento, á sua composição stologica e chimica, está na razão directa, marca, accentúa, gradúa, por assim dizer, a intelligencia; si com o exercicio intellectual esse orgão se desenvolve, obedecendo d'est'arte a uma lei physiologica commum a todos os orgãos; si esse exercicio se embaraça, se difficulta, se impossibilita com accidentes que sobrevêm á sua textura ou ás suas imprescindiveis relações; que obstinada cegueira,

que petreo-systematismo faz que se duvide ainda um momento de que esse orgão seja o agente do facto intellectual, de que seja producto seu, exclusivamente seu, o pensamento?

„Pois quando a anatomia comparada com seus contrastes, a chimica com seus apparelhos, a physiologia positiva com suas experiencias, a pathologia com suas inequivocas observações, nos vêm accordes todas dizer: mais apto é ao pensamento o animal que melhor cerebro possue; sem certos elementos, que mais concorrem no homem, o pensamento é impossivel; o cerebro desenvolve-se com o uso; sem êlle não ha pensamento; o desarranjo cerebral traz o desarranjo intellectual, etc. ha ainda por ventura quem de animo são e calmo trepide á beira vertiginosa d'esta profunda verdade?

„Si o cerebro fosse um mero instrumento, é verdade, como todos os instrumentos, daria tanto melhores resultados quanto mais perfeito fosse; mas guardar-se-hia então ahi essa proporção indeclinavel, essa graduação physiologica em toda a animalidade, em cujo tôpo somente, entretanto, em cujo ultimo degráo apenas, dizem os metaphysicos, ha a soberania privilegiada da alma immaterial em que deve residir o pensamento?

„Si o cerebro fosse um mero instrumento teria, é possivel, necessidade de conter taes e taes principios chimicos; mas a que viria então que esses principios, *que nada têm que ver com a alma immaterial*, existam em maior copia nos sêres onde mais desenvolvida é a intelligencia, nomeadamente o homem, onde, aliás, para que tantos elementos chimicos, desde que dispõe de um principio exclusivamente seu?

„Si o cerebro fosse um mero instrumento, muda já aqui um pouco a questão, como todos os instrumentos, longe de desenvolver-se devêra gastar-se com o uso: como explica-se, porém, que ao contrario se desenvolva, obedecendo á lei commum physiologica, da mesma forma que se desenvolve o biceps no antebraço do obreiro?

„Si o cerebro fosse um mero instrumento, finalmente, como explicar que, ao passo que integro continúa a funccionar umas vezes, a despeito das lesões parciaes, quando se trata do principio substitutivo physiologico torna-se imprestavel, outras vezes, sob o dominio de lesões que rompem apenas o seu mechanismo?

„Essa alma psychologica é então cousa bem extravagante!

„Não! Paciencia, senhores metaphysicos! *a alma espiritual* pode ser utilissima, imprescindivel mesmo; mas lá fóra, em vossos tratados, na economia de vossos calculos, de vossas previsões; cá, na economia do homem, no cerebro collocado sob o escalpello da experimentação, nada, absolutamente nada, tem que ver, é inteiramente inutil.“ *)

Salvo certo tom declamatorio e certo ar de absoluto que transpira d'esta pagina, ella deve ser consignada, não tanto pela sinceridade, como pela coragem do escriptor. Elle é um dos que ousam dizer o que pensam; é um benemerito do espirito nacional. Quizera-o, por sua vez, ver inteiramente desafogado de quaesquer liames systematicos, descrevendo os factos e elevando-se ás leis, sem tombar para um ou para outro dos lados da velha rotina. Elle, por certo, propende para o vasto realismo scientifico, onde não existem doutrinas e theorias e onde só estudam-se as relações e tiram-se as consequencias.

A grande força da nova tendencia está em não serem os seus resultados filhos das preoccupações, mas corollarios fataes de principios demonstrados. Não importa isto meramente uma precaução do espirito scientifico; é tambem uma necessidade do methodo positivo que só admitte affirmações n'aquillo que se podér provar.

A psychologia, estudada á luz da physiologia, nada deve fazer mais do que investigar as condições em que se produzem os phenomenos mentaes, suas re-

---

*) Pag. 10 a 104.

lações entre si e com os factos estranhos, fugindo das essencias, das causas reconditas e inaccessiveis. Nada de affirmações prematuras; não para dar ao espiritualismo algumas esperanças de vida; sim para preparar-lhe desastrosa e irremediavel morte.

Pareço esquecer-me que devo dar a conhecer a summa do trabalho do nosso auctor.

Pelo que ficou transcripto, bem se comprehende a que nobre doutrina foi prender elle o seu pensamento. De accôrdo com grande parte das ideias que advoga, e que já eram mui correntes no mundo da sciencia antes do bahiano pegar a penna, não vejo haja mistér abrir debate onde pouco haveria a refutar.

As *Funcções do Cerebro* são um apanhado intelligente, como já disse, de alguma cousa do que de proveitoso se ha escripto sobre o assumpto. Na parte philosophica o auctor se apegou principalmente a Büchner, Moleschott, e Luys, adjunctos a Taine e Bain. O livro tracta principalmente dos seguintes objectos: cerebro e sensação, cerebro e movimento, cerebro e pensamento, cerebro e sentimento. A estes junctam-se, secundariamente, outros, como: as localisações das faculdades intellectuaes, origem das ideias ditas moraes, e a questão das paixões e do crime.

Ouçamol-o sobre esta. Depois de estabelecer, em geral, que as paixões são a perversão dos affectos, e denunciam um desarranjo organico, assim se exprime:

„Não comprehendemos que, em pleno uso physiologico de seu cerebro, possa o homem perverter seus sentimentos. As paixões são molestias. Vêde: aqui, e figuraremos casos dos peiores, é um ambicioso, que, enjaulado nos varaes de ferro de sua cobiça, procura a todo o transe saciar a agrura cruel de sua sêde de riquezas. Esse desgraçado um máo dia, calcinado mais e mais pela ancia de sua agonia tenebrosa, péga de uma clava e esmaga a alguem que lhe disputa a posse de uma riqueza. Malvado! — exclama a sociedade, — coração de féra que deve gemer eternamente no fundo d'uma masmorra infecta, senão expiar de uma vez sob o cutello sangrento do supplicio!

„Mas a sciencia? que faz ahi a sciencia que não interroga aquelle organismo, antes que a lei inexoravel interrogue aquella consciencia?

„Que faz ella que não vai antes estudar aquelle reprobo da sociedade, que pode entretanto não ser mais do que uma victima de si mesmo?

„Que faz ella ahi de braços cruzados, que não procura descortinar na trama de seus orgãos o segredo d'aquelle acto que a lei vae ignorante e injustamente talvez punir?

„Quem nos diz que aquelle prurido impaciente e minaz que fazia referver a mente áquelle desgraçado no anceio cruel da cobiça, não era antes o effeito d'uma desordem circulatoria, d'um desarranjo qualquer, tendo por séde talvez um ponto capital da grande machina humana em seu principal apparelho?

„Quem nos diz que uma simples compressão, que uma particula insignificante mesma, deslocada do equilibrio normal, não seja a causa primordial, o agente unico de tão tristes effeitos? Não se obra mal sinão porque mal se sente, porque mal se pensa. Todo o acto, verdadeiramente, é filho d'um movimento cerebral. Obra-se porque pensa-se. Esta a verdade.

„Ora, si vemos que um simples affluxo, diremos melhor, uma quantidade minima, relativamente, de sangue introduzida nos vasos do cerebro, excitando-o de certo modo, faz que se desorganise a mechanica intellectual, produzindo tal ou tal aberração, — que razão haverá para não admittir-se que tal ou tal desorganisação nas chamadas faculdades affectivas, e portanto que as paixões sejam, por sua vez tambem, a consequencia de um desarranjo circulatorio, d'um vicio accidental dando em resultado uma irritação correspondente no orgão central do systema nervoso?

„A colera por exemplo, que engendra tantos actos máos, a sua maioria, por assim dizer (porque, bem raciocinado, a razão de ser da maioria dos crimes acha-se afinal n'este excesso de sentimento) a colera que outra cousa é mais do que uma superexcitação cerebral? Parecerá talvez a muitos que essa super-

excitação é consequencia, e não causa do phenomeno; mas então, como explicar-se que, nas mesmas condições, agitados pelos mesmos motivos, dous individuos revelem phenomenos distinctos? — uma phrase que a um passa desapercebida, traz immediatamente no outro um estadó hyperemico do cerebro?

„Responder-nos-hão por ventura com as idiosyncrasias? Mas idiosyncrasia não é mais do que uma palavra inventada para o que não se conhece. E é issó que não se conhece que instistimos para que se procure conhecer. Supponde um individuo que toda a sua vida houvesse procedido d'um modo regular, irreprehensivel mesmo, pautando-se escrupulosamente pela moral. Esse homem, n'uma má hora, recebe um insulto que fere atrozmente sua dignidade. Qual o primeiro phenomeno que a physiologia alli iria sorprender, si bastante se apressasse para n'aquelle mesmo instante examinar o seu cerebro? Certo que encontral-o-hia pelo menos hyperemiado. Supponde mais agora que, travado de razões com seu agressor, chega esse homem ao apuro, á dura contingencia de matal-o. Então, quando a sociedade alça-lhe já o braço sobre a fronte a imprimir-lhe o stygma candente, e que portanto não deixa mais tempo a ninguem de interrogal-o em suas funcções, quem nos diz que a sciencia não iria reconhecer alli um gráo adiantado d'aquella hyperemia, que, congestionando o orgão, abolisse temporariamente a acção intellectual, e portanto entregasse o desgraçado ao puro dominio, ao imperio brutal das forças organicas?

„Quem nos diz que não houve alli uma loucura passageira? Bem; conceder-nos-hão talvez muitos: mas ahi, dirão, trata-se d'um caso violento, rapido. E os crimes com premeditação? e essas monstruosidades tão longamente amassadas ahi pelo coração de tanto perverso? É facto, não ha duvida; ha sêres humanos que ruminam por dias e annos, friamente, como se diz, na calma do silencio e do odio, os meios sinistros de uma vingança. Mas, *quid inde?* — não ha ahi tambem homens que gastam annos a ruminar, não uma

ideia assassina, mas uma ideia banal? Um mathematico, por exemplo, um bello dia não se apresenta dominado por uma ridicula utopia que o tyrannisa, si possivel fôr, muitos annos? E porque então admittir-se para alli uma causa diversa da que se attribue aqui, quando em ambos os factos não ha sinão um vicio do cerebro, alli produzindo o odio, aqui a utopia; alli pervertendo a intelligencia, aqui os affectos?

„O maniaco que leva annos a concertar improficuamente planos de banalidades não terá, não é logico que tenha, por ventura no jogo funccional de suas ideias, um desarranjo analogo ao que faz que o assassino leve a concertar tambem friamente a sua vingança? Partimos, já o dissemos, d'este principio: Não ha acção verdadeiramente tal que não seja o frucio d'um exercicio intellectual, d'um pensamento. Ora, desde que n'um cerebro enfermo, permanente ou temporariamente enfermo, o pensamento se perverte, se desorganisa, ou se impossibilita, que ha por ventura ahi de estranho em que as aberrações se pronunciem d'este ou d'aquelle modo, apparentemente irreconciliaveis, d'este lado produzindo uma ideia banal, d'aquelle uma ideia assassina? Porque razão se ha de n'um caso chamar mania mathematica, como em Worse, e não no outro mania assassina, como em Treppmann?

„Não são casos excepcionaes que citamos; são as leis geraes que estabelecemos.

„O ambicioso que fareja á pista das riquezas, até varar a quem lh'o obsta na lamina d'um punhal, não o faz sinão porque tem um vicio na estructura ou no mechanismo do orgão do pensamento, sinão porque pensa, é *obrigado* a pensar, que vae direito ao seu fim, á sua felicidade; da mesma forma que o maniaco que a todo transe quer que o chamem de sabio está persuadidissimo, é *obrigado* a pensar que a isto tem realmente direito. E esse *quer que é* que os *obriga*, como quizerem chamal-o, — é a molestia, sempre, só a molestia.

„O mesmo com o vingativo que ceva por annos a sangrenta vingança. Esse desgraçado tem por sua

vez o cerebro pervertido, enfermidade que o leva a pensar que só matando seu adversario pode limpar a sua chamada — honra. Honra! — a sempre cruel, a sempre pavorosa esphynge das convenções sociaes! A ignorancia mesma não será tambem até certo ponto uma molestia, uma verdadeira asthenia? O ignorante é o homem em que se não exercitaram convenientemente, totalmente os elementos de cerebro: ha ahi portanto uma verdadeira asthenia do orgão, que provém da falta de material conveniente para aquella funcção organica. As impressões que são, como vimos, a materia prima do pensamento, debalde forcejam por activar aquella machina que se oxida á mingua de oleo, — esse oleo precioso do ensino que lubrifica as molas e tanto perlustra a intelligencia do homem.

„Desde que não ha completo, perfeito jogo de imagens, não ha pensamento: e como desde que não ha pensamento não ha acção verdadeiramente dita, segue-se que o ignorante, como a criança em que se não desenvolve o cerebro com o ensino, é um ser irresponsavel, um homem com o cerebro incapaz de funccionar. E um ser n'estas condições é incontestavelmente um doente. Doente que não tem febre nem frio, nem convulsões, nem dôres; mas um hemiplegico talvez da intelligencia, um desgraçado que soffre do que se poderia chamar, e que se chamará talvez um dia — paralysia moral. E fica o misero entregue só a potencia que faz mover o musculo, ao dominio barbaro da substancia branca..... Fica a força muscular; fica o braço, que já não tem mais um senhor a obedecer; fica a besta, o tigre, a féra!

„Mas, então, se nos objectará, si daes á sciencia, á medicina propriamente o cuidado de curar esses enfermos, que a philosophia espiritualista teima em chamar seus, como explicar os curativos operados por ella, porque é ella que, como base das leis, abre as portas das masmorras a sepultar os culpados? Não é real que muito perverso se tem regenerado nas penitenciarias? Si o mal está no corpo, e não no espirito, continuarão, como explicar que, sem applicações

medicamentosas, entregue o criminoso, só, no fundo d'uma masmorra, ao latego inexoravel de sua consciencia, elle se restabeleça, porque se purifica? É bella, mas tem o defeito da miragem essa objecção; seductora, mas fallaz. Dizei-nos: o louco, o maniaco, o hallucinado, a quem a medicina toma nos braços hoje e guarda por longo tempo, sob o olhar previdente e solicito da hygiene, no silencio calmoso, no recolhimento agradavel, na agitação branda e deleitavel dos novos hospicios, dizei-nos, esses infelizes que ahi jazem ás vezes por longos annos, quando lá um dia se erguem reentrados no jôgo normal de suas aptidões cerebraes, — quem os curou? A philosophia? A religião? Certo, que a sciencia! — só a sciencia, a medicina practica, que habilmente soube combinar os meios de que dispõe. Ora, que razão ha então para não admittir-se que o longo e frio silencio d'uma prisão actuando mais e mais sobre o cerebro, dê em resultado a sua volta ao exercicio normal?

„Depois, esses criminosos são apenas doentes temporarios. E quereis a prova d'aquillo? É que não rara vez, a maioria d'ellas, é o lado contrario que se observa: os criminosos reclusos sahem das masmorras tres vezes peiores. E então, ahi, como explicar esse movimento regressivo, pela tal consciencia psychologica, si esta, dizem, é um tribunal igualmente austero, igualmente implacavel para todos, e que, conseguintemente, iguaes effeitos devêra produzir em todos os culpados? Como, si a consciencia é a mesma para todos os homens, n'este desperta o arrependimento, e n'aquelle não! É que o facto é outro seguramente. Os criminosos não se curam todos porque: Primeiramente, obedecendo á lei das desigualdades organicas, nem todos os organismos são igualmente aptos para reagir do mesmo modo contra as causas morbificas. Vemos que, em identicas circumstancias, dous individuos atacados da mesma molestia, n'um o organismo reage e opera-se a cura, ao passo que no outro a terminação é pela morte. Em segundo lugar, e é preciso notar bem para isto: alem das desigualdades naturaes, nem

todos os criminosos dispoem dos mesmos meios de reacção; o que quer dizer, nem todos estão, pela sua capacidade e desenvolvimento intellectual, igualmente aptos a reagir por si mesmos, entrando na realidade de seus deveres pela porta da reflexão. Vimos que o ignorante é um paralytico da intelligencia; e são elles que constituem a grande massa dos criminosos.

„D'ahi vem que poucos se regeneram; e estes poucos são ordinariamente os mais aptos a sentir e a pensar. Em terceiro lugar, finalmente, é que os regimens penitenciarios postos em practica geralmente, e com especialidade (com pezar o dizemos) em nosso paiz, estão longe de corresponder ás vistas therapeuticas com que a medicina os iria empregar. O estado immundo, infecto, insalubre, anti-hygienico das prisões, reunindo todos os elementos contrarios á regularisação da saúde, só serve para exacerbar o principio que alimenta a molestia, qualquer que elle seja, para azedar mais as paixões, para derrancar mais, e mais fazer fermentar os odios e os rancores, e, portanto, para predispor cada vez mais o individuo á perpetração de novos delictos.

„Trar-nos-hão certamente por ahi a questão da imputabilidade. D'est'arte, dir-nos-hão, acabaes com a autonomia, com a imputação dos actos, com todas as prerogativas da consciencia humana, e portanto, tendes destruido as leis philosophicas, rasgaes os codigos, abris as prisões, proclamaes o dominio absoluto do crime e com elle a subversão social.

„Mas, antes de tudo, é, já o deixamos entrever, uma impertinencia essa consciencia como a querem por ahi, como entidade psychologica; o que em nada contradiz, em nada implica a moral, nem a nobreza do homem. Assim, vejamos si ha ahi realmente abolição dos preceitos moraes do individuo.

„O homem obra ahi fatalmente, sim; e sob uma fatalidade inexoravel, porque é a fatalidade organica: mas, nem por isso menos merito lhe vem de conhecer e depois conjurar os effeitos d'essa fatalidade, do que lhe proviria do triumpho n'uma opção. Porque o

homem é doente, segue-se que não conheça que o é, e que não deva portanto procurar o mais possivel voltar ao seu verdadeiro estado! Está nos proprios deveres da conservação pessoal. E n'este caso, deixa por ventura o homem de ser louvavel?

„Indigno de louvor é aquelle que, conhecendo-a, trabalha pela sua ruina. A responsabilidade dos actos está, intrinsecamente, no conhecimento d'elles, preponderando as condições extrinsecas dos meios de fazel-os ou evital-os.

„Sob o imperio das paixões, pois, isto é, dominado por causas organicas que impeçam de bem funccionar o seu cerebro, o homem obra sem responsabilidade; não porque dormite-lhe a *consciencia immaterial*, mas apenas porque não se lhe presta o cerebro ao pensamento, e portanto ao conhecimento do acto. O homem obra, pois, pathologicamente: nada mais. Estão por terra as leis philosophicas?

„Mas, quem já ousou proclamar os direitos de inviolabilidade das sciencias, das velhas sciencias principalmente, n'um seculo, sobretudo como o nosso, em que uma grande escola pujante e viril se levanta, a escola da philosophia da natureza, a plantar por toda a parte o reinado das ideias positivas, ante as quaes rúe por terra o carunchoso edificio das cosmogonias theogonistas com todo o pêso da philosophia das espiritualidades, que o sustém?

„Acaba-se com os codigos? Mas, quem já fixou o ponto em que se devem extremar a medicina e a jurisprudencia? Quem já demarcou precisamente até onde vão os dominios territoriaes de uma e até onde devem recuar os direitos da outra?

„Abrem-se as prisões? Mas, quem ha ahi bastante ousado para affirmar que o homem, individualmente, lucra, ás mais das vezes pelo menos, alguma cousa sob o regimen das prisões?

„Quem pode, em bom senso critico, dizer que as conversões que por ventura se operam, essas chamadas por ahi emphaticamente — *regenerações penitenciarias* —, dão-se pelas masmorras? As masmorras!... Ah! si

esses monstros fallassem, por suas boccas sinistras quanta luz não se escaparia, talvez, atravez das blasphemias e do desespêro suarento dos culpados,—luz que muita sombra iria dissipar na sciencia do filho de Cós!..

„Tambem os loucos passaram antigamente por criminosos responsaveis; e não está hoje reconhecido que esses infelizes são apenas enfermos? A antiguidade queimava-os: era então a suprema expiação. Foi preciso que a queixa dos humanitarios despertasse a sciencia para que ella arrebatasse o facho assassino ás mãos da lei.

„Segundo as investigações d'um illustre profissional, o Snr. Saure, sobre as causas da alienação mental nas prisões, ha a maior analogia entre os alienados e uma certa classe de prisioneiros composta de seres d'uma organisação sensivelmente viciosa. Julga esse auctor que seria mais prudente e humanitario collocar uma parte da população das prisões nos hospitaes dos loucos.

„Quaes são, porém, quaes devem ser pelo menos esses desarranjos organicos e funccionaes que determinam as paixões? Quaes os pontos de selecção pathogenica no apparelho cerebral?

„Qual a natureza stologica, o desequilibrio funccional em semelhantes affecções? Não o sabemos; cremos mesmo que ninguem ainda o sabe, como não o sabe no idiotismo, como não o sabe propriamente na loucura. Em todo o caso, o que nos quer parecer é que a circulação representa n'isto um papel importante, assim como as relações sympathicas dos outros orgãos, nomeadamente o estomago, comquanto para a loucura admittisse Pinel exclusivamente a causa inicial no cerebro, dando como consequencia essas perturbações visceraes sympathicas. São tão pronunciados, porém, aqui os effeitos produzidos pelo desarranjo d'esse orgão sobre o cerebro, tanto se fazem ahi sentir as diversas maneiras de ser do apparelho digestivo, que hoje parece caminhar a sciencia para o estabelecimento d'um principio que dirá: „Dize-me o que comes, e eu te direi como pensas“, e que nós ampliaremos ainda: „e eu te direi o que fazes.“

„Si não é ainda um facto comprovado, é pelo menos uma presumpção muito legitima, filha da observação, e que não deve peccar por passageira, — que as ideias reflectem até certo ponto a côr do estomago. Ora, que estranho é que se dê o mesmo para com os actos? Si ha ideias que trazem a côr da bilis, que estranho é que haja actos que tragam a côr do sangue?

„Estas ideias vão a muitos parecer absurdas, paradoxaes a outros tantos, e chimericas ao maior numero, merecendo talvez álguns um filaucioso ridiculo. Não nos incommóda, porém, isso: sabemos em boa hora ainda o destino d'estas cousas. Alguem, por mais insignificante, ou obscuro, é possivel que tenha talvez, como nós, a exquisita lembrança de estudal-as. Entretanto, atiramol-as ahi. E resumamol-as: Não ha, parece-nos, acções más, mas apenas acções pathologicas, verdadeiramente. Um delicto é o effeito d'um pensamento incompleto ou vicioso, que é por sua vez o parto d'um cerebro viciado. O mal philosophico é apenas uma enfermidade. A moral, e com ella o direito, devem ceder alguma cousa á pathologia.

„Ao que a sociedade chama um perverso, ao que os codigos chamam um criminoso, a sciencia chamará um dia apenas — um doente. No que o catholicismo vê muita vez uma influencia de inspirações infernaes, a influencia do diabo, no que o espiritualismo vê sempre a impossibilidade de manifestação do *eu*, a sciencia verificará um dia que não ha mais do que um desarranjo anatomico, ou um desvio da acção physiologica. Os exorcismos, as penitenciarias, os patibulos cederão lugar á mão sabia do medico e á droga pharmaceutica.

„E as taes chamadas compassivamente pelo espiritualismo *molestias d'alma* terão entrada plena e franca no puro dominio da medicina practica. Então, felizmente para os desprotegidos (que são sempre os criminosos), felizmente para os ignorantes, felizmente para a humanidade emfim, essas monstruosidades juridicas, esses pavorosos escandalos sociaes — as masmorras, a grilhêta e o cadafalso — substituir-se-hão

pelas casas de saúde, pelos hospicios de caridade; pelos cuidados carinhosos, solicitos, sabios, prescrutadores e humanitarios da sciencia: A humanidade lá chegará um dia, esperamos.“ *)

Possam estas instructivas e generosas palavras echoar aos ouvidos dos legisladores como o brado plangente dos desgraçados, e o aviso salutar da sciencia, que, em vez de pedir o castigo, aconselha o ensino; em lugar da prisão prescreve o livro!

Entretanto, o meu dever de critico ordena-me que proteste contra o signal de novidade que o illustre medico parece ligar ás suas ideias.

Certamente, entre nós e para nós, ellas são uma grande originalidade, — que os nossos philosophos e physiologos academicos e officiaes nunca se elevaram áquella altura. Na Europa culta, porém, mais de uma vez têm ellas sido advogadas. Não é mister ir muito longe para vêl-o; é sufficiente lêr os ultimos capitulos da *Physiologia da vontade* do italiano Herzen.

A lembrança d'este auctor me leva naturalmente a pronunciar-me, de relance, sobre a questão da vontade *livre*, implicada, aliás, na passagem reproduzida do auctor bahiano. Herzen contesta, com todo o fundamento, em nós, a liberdade do *ser* e do *querer*, reconhecendo uma certa e minima liberdade de *fazer*.

Julgo que este magno problema deve ser estudado sob o ponto de vista historico e social, alem do physiologico. Com effeito, aquelle nos mostra, de um lado, as relações humanas levadas ao maximo gráo de complicação, e, de outro, nos ensina a lei da *hereditariedade*, que é tambem um dado da sciencia biologica. Esta grande lei tem sido descurada, em se tractando dos actos livres. Ora, o homem, por muitissimos seculos, sendo ensinado sob a noção da liberdade, real ou presumida, e sendo as suas acções

---

*) *Funcções do Cerebro*, pag. 197 a 213. Tomamos a liberdade de fazer ligeirissimos córtes nas paginas transcriptas, para não alongar por demais a citação. As omissões feitas, porém, não prejudicam em nada o sentido das opiniões do auctor.

dirigidas por moveis os mais variados e obscuros, estes fazem já parte da inconsciencia, de modo que sua vontade, ao menos apparentemente, e como um resultado da educação, parece *livre* e dotada de responsabilidade. Os ataques do professor de Florença, adjunctos aos de Buckle e Quêtelet, contra a liberdade, absoluta e radical, são mais que muito producentes. Pode-se, porém, no sentido que indico, aceitar a conciliação, que, á luz das leis mathematicas, quiz fazer ultimamente o professor de Lille, — J. Boussinesq —, entre a liberdade moral e o determinismo scientifico, no seu recentissimo escripto inserto na *Revista Scientifica* de Paris.*)

Este professor parte do facto das equações de movimento de um systema de pontos admittirem, por vezes, soluções *singulares*, e do facto da determinação da prosecução do movimento exigir tambem, alem das leis physicas expressas pelas equações, a intervenção de um *principio director especial.* Este é que representa a liberdade.

O escripto do mathematico de Lille é no gosto do celebre trabalho *As mathematicas e o transformismo* do professor de Liège, já, por vezes, aqui citado.**)

Á parte certo ar de querer salvar a liberdade com o fim de reforçar o espiritualismo, e certa intenção, pouco transparente, de dar áquella maior esphera do que a realmente sua, a face geral do pensamento do escriptor francez pode ser admittida.

A complexidade dos moveis das acções humanas dá a razão, ao menos historicamente, ao seu principio director; tanto mais quanto elle nos assevéra que „o physiologo pode estender as leis mecanicas, physicas e chimicas a toda a materia, inclusive ás moleculas de um cerebro vivo.“

N'este caso, sem ser necessario, acreditar, como elle, no velho dualismo humano, é o ensejo de perguntar:

---

*) Nº de 14 de Abril de 1877.

**) *Les Mathématiques et le Transformisme,* une loi mathématique applicable à la théorie du transformisme, par J. Delboeuf; *Revue Scientifique*, de 13 de Janeiro de 1877.

porque pode a materia produzir a luz, a electricidade, a vida, a sensação, o pensamento, e não poderá no caminho da evolução humana produzir, um dia, a liberdade?

Passemos a estudar um outro typo nacional, e n'elle nos demoremos um pouco mais. É que sou o primeiro escriptor brasileiro a fazer justiça ao merito do auctor dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critiac.*

X.*)

I. *Avis-rara.* Sob taes palavras, o Snr. Carlos de Koseritz, o digno auctor de *Rom vor dem Tribunal des Jahrhunderts*, e redactor da *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre, deu noticia aos seus leitores de alguns artigos em lingua allemã do Dr. Tobias Barreto de Meneses. *Avis rara* repetimos, por nossa vez, diante do publico brasileiro, que, quasi totalmente estranho áquelles e outros escriptos de nosso compatriota, não deixa, com tudo, de votar-lhe uma bem antecipada antipathia! E, digamol-o desde logo, Tobias Barreto é, justamente na terra em que se elogiam e exaltam tantas mediocridades insignificantes, não o mais desconhecido escriptor da nova geração, porém certamente o mais *odiado!* Isto é um symptoma; as individualidades que se affirmam por alguma cousa de forte e original dão-se mal no centro em que respiram. Dizem os orgãos auctorisados da critica hodierna que a *lei dos meios* é a mais seria das realidades. Não ha contestal-o, quanto ao meio physico, maxime com relação á marcha geral e lenta das nações; mas cumpre ponderar que a lucta aberta por alguns espiritos, exactamente com a *sociedade* que os cerca, deve merecer alguma attenção e pede ser estudada.

---

*) I. *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica*, 1ª livração, Recife, 1875; II. *Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet*, eine Skizze, Escada, em Pernambuco, 1876; III. *Um Signal dos Tempos*, periodico, Escada, 1874; IV. *Deutscher Kämpfer*, Zeitungsblatt, Recife, 1875. Tudo por Tobias Barreto de Meneses.

Carlyle e Emerson, os dous grandes defensores das *individualidades*, não deixam de ter, em parte, alguma razão contra Buckle e Draper, os mais tenazes seguidores da ideia adversa.

É certo que o Dr. Tobias Barreto obedece ás novas tendencias dirigidas pela sciencia de seu tempo, é certo ainda que a ultima guerra allemã atirou-o nos braços da cultura germanica e transformou de todo a sua velha intuição. São factos, porém, vigentes no velho mundo que nada têm de commum com o circulo em que vivemos, e é sempre a mais profunda verdade affirmar que mui pouco deve elle ao centro em que o atacam, si é que lhe deve alguma cousa. Só se obedece á lei do *contraste*. Sómente por este modo é possivel explicar como partem do mesmo ponto, e andam hombreados, os *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica* e uns quantos productos que se não noméam por desmerecerem qualquer menção.

Os que sabemos que um escriptor é tanto mais venerando, quanto mais reage contra os preconceitos e nos ensina alguma cousa de melhor; os que não batemos palmas a qualquer homunculo que nos repisa as banalidades das *ruas* e dos *cafés*, temos ahi diante um objecto de estudo e de reflexão. Aquelle pequeno volume foi o primeiro pelo auctor atirado á publicidade; mas ha muito que elle escreve. Ha quatorze annos que o jornalismo tem-no em seu seio sempre rouvinhoso e elevado, sempre descontente e original. Reclama attenção este espirito arroubado e lyrico que durante seis annos trouxe-nos presos nas azas de sua poesia brilhante; merece preitos este pensador exacto e seguro, que, ha oito, parece, a certos respeitos, o escriptor mais adiantado de seu paiz! Deixemo-nos de enganos; eu digo com Stuart-Mill: *Few persons are less disposed than I to call hard names*, poucos são menos dispostos do que eu a dizer palavrões, mas as cousas devem ter seu nome: o redactor do *Deutscher Kämpfer* não é ministro, nem deputado; não é lente de Academia, nem já foi conferenciar á *Escola da Gloria* . . . parece, comtudo, a alguns respeitos, o

espirito mais culto e adiantado d'este paiz! Note-se que não sou d'aquelles que têm largamente desenvolvido o senso do *monos*, e andam assignalando em qualquer cousa a *primeira* maravilha da patria . . . . Muito ao longe.

Note-se ainda que não tenho ao Dr. Tobias Barreto na conta de genio e de notabilidade *européa;* peço somente que me apontem, a mim que gosto um pouco de estudar imparcialmente a vida intellectual de minha patria, onde se acham os espiritos brasileiros superiores ao despresado critico dos *Ensaios e Estudos.* Não teço elogios, pretendo apreciar os productos de uma penna brasileira, e fazel-o pelo moderno methodo de *comparação*, que tão bons resultados ha trazido á philologia e á sciencia das religiões. É possivel, como já se o tem feito, applical-o á litteratura e á philosophia, e mostrar que, no ermo scientifico que nos envolve, onde cabeças fartas de classicas toleimas laboram no vacuo de uma intuição imperfeitissima do mundo como elle é, e vivem de uma politica ferrenha que as devóra, o Dr. Tobias Barreto não é só um espirito culto e um critico acertado, é uma *individualidade.* Antes de fazel-o, cumpre notar um pouco a biographia e a *psychologia* do escriptor.

É um abuso da critica o pegar em um livro qualquer, e, sem indagação alguma sobre as condições em que haja vivido o seu auctor, pretender traçar um juizo que supponha definitivo.

Este methodo, todo *aprioristico*, não é um processo regular de analyse. O critico exhibe as suas opiniões, senão os seus caprichos, e nada de regular sobre a genetica e a seriação das ideias do escriptor pode sahir de um trabalho tão falsamente emprehendido. A opposição de ideia á ideia é, alem d'isto, cousa facil, maxime quando o analysta deseja dar amostras de sua supposta sciencia, e pôr adiante do escriptor, convertido em paciente, a sua honorifica pessoa. Por coherencia de lei, o critico d'aquella especie é um inimigo que reprehende o seu pretendido rival. Não é este o mister de criticar.

A critica é um estudo, e não uma arrogancia, Não involve o que digo a defesa do erro que deve ser punido, onde quer que se apresente.

O Dr. Tobias Barreto é, entre nós, o mais completo typo do escriptor provinciano independente. Não fez nunca *romarias litterarias* á capital do Imperio!... É sabido o quanto pesa esta lacuna. Não ter escripto para o *Jornal do Commercio*, ou para o *Diario do Rio*, não ter já sido visto por alguns conselheiros e dado o braço ao Snr. Alencar .... oh! isto é uma falta imperdoavel! Mas o castigo vem logo; nas classificações de poetas e prosaistas, de litteratos e oradores, que na tal *Côrte* se fazem como os *alistamentos* para o serviço militar, o nome do digno philosopho não apparece nunca!...

Não sei que auctor de romance aventou a idèia da creação de uma litteratura do norte, n'este paiz, por opposição á litteratura austral. Esta pequena ideia, aliás legitima no seu fundo, não deixou de suscitar certas desconfianças da parte dos pretendidos guardas da integridade de nosso caracter nacional. Creio, todavia, que não existe de facto opposição saliente entre as nossas tendencias ao norte e ao sul. Onde eu encontro lucta latente e profunda divergencia é entre os nossos habitos provincianos e a degeneração adiantada da vida cortesan em nossa terra. O sul não se oppõe ao norte senão nos conceitos da geographia. Ambos elles, porém, divergem consideravelmente, por suas aspirações livres, da aura morbida e corrupta que se exhala da famigerada Côrte, em que alguns bemaventurados fallam com o mesmo accento e uncção com que fallam os crentes na *Côrte Celeste!* ... A observação de todos os dias vae nos mostrando esta opposição cada vez mais crescente, e a historia economica e intellectual do paiz a justifica de todo.

Os homens que no Brasil se hão illustrado por algum merito do espirito nada deveram á Côrte. Elles se podem classificar em duas cathegorias: a d'aquelles que nunca vieram alli; e a dos que lá foram, porém já feitos e com suas ideias já firmadas. Ao contacto

com aquella gente, estes ultimos nada ganharam, si é que não perderam muito. É evidente que os primeiros tambem não lhe devem cousa alguma. Quanto aos filhos d'aquelle torrão, que se distinguiram por alguma digna qualidade politica ou intellectual, são ainda de duas cathegorias: ou se educaram nas provincias, ou adquiriram suas ideias na Europa. Nada conquistaram alli, a não ser, talvez, o habito das transacções e o desperdicio dos nobres incentivos. A nossa vida economica é tambem eloquente em denunciar os abusos da grande *ladra* que se chama — a *Côrte*.

Fôra util que o que existe de fecundo e aproveitavel na mocidade brasileira de hoje, nas provincias, se unisse, em crusada sancta, contra as más tendencias de nossa capital, e, pensando por si, repellisse, de uma vez, o jugo vergonhoso. Não se tracta de uma acção politica, e sim de uma mudança no curso das ideias. O *joven Brasil*, tal deve ser o titulo dos novos voluntarios da intelligencia, á semelhança da *joven Allemanha*, e da *joven Inglaterra*, conhecidas na historia litteraria d'este seculo, só se occúparà da reforma do pensamento. Seu primeiro grito de alarma deve ser contra a fallencia da metropole no terreno das lettras e das sciencias, contra aquella cousa ainda sem um nome em *ismo*, mas que bem se podéra denominar o *alencarismo* ou o *macedismo*, do nome dos dous coryphêos que mais hão contribuido para o estrago fluminense. Alguns francezes da decadencia, infatuados por não sei que novo orgulho diante de sua capital, diziam: *a França é Paris!*

Esta phrase vergonhosa, uma das causas da derrota d'aquelle povo, ha tido repetidores entre nós. *O Brasil é o Rio de Janeiro*, dizem os insensatos, incapazes de comprehender o espirito de uma nação, e que o inclausuram nas vidraças da rua do *Ouvidor!*...

O Dr. Tobias Barreto já se pronunciou alguma cousa n'este sentido.*)

*) Veja-se, entre outros, o seu artigo *Miserias do Imperio e sua Côrte*, publicado no periodico *A Comarca da Escada* de 10 de Junho de 1875.

Nascido em Sergipe na quasi deserta villa de Campos, a 7 de Junho de 1839, tem sempre vivido a superar embaraços. Seus pais eram mui pobres. Comprehende-se facilmente o pêso d'esta situação, não digo n'uma cidade como o Recife ou o Rio, mas em Sergipe, isto é, nas selvas, e em Campos, isto é, no ermo! Em 1839, ainda mais do que hoje, aquella provincia era um centro de atraso e de abandono intellectual. Nada de cultura litteraria e scientifica; ao muito, era a patria da *modinha* com seus versos langues e sua musica lasciva, o retiro dos *mestres regios* e dos professores de *latim*. Advinha-se qual tenha sido a provisão mental, durante muitos annos, do joven Barreto: primeiras lettras, musica e latim. Tão parca, como é, para ser adquirida, foi mister ir colhel-a fóra do lugar em que nascêra. Campos, a villa agreste, com seus formigueiros areientos e os seus quichabaes tristonhos nada lhe forneceu, alem do banho folgasão do rio Real. Aos dezasete annos, era completa a proficiencia do moço sergipano no latim, em que fez versos então publicados, e de que tirou em concurso uma cadeira.*) O latinista era tambem um *componista;* ainda hoje lá se repetem algumas de suas inspirações musicaes.

O que, porém, mais o entretinha era a poesia. Alguns são os seus trabalhos poeticos dos ultimos tempos em que viveu na provincia (1855—1862). Nunca foram publicados. Revelam um espirito incultamente ousado, quando se desprendia de seus habitos mais constantes. E sua nota mais vibrada era um lyrismo sadio, transpirando um completo praser da vida.

Por aquelle tempo, os nossos *civilisados* eram uns chorões affectados, como a quarta ou quinta geração de Byron e de Lamartine.

O sergipano era meio selvagem; não conhecia, nem de longe, taes modêlos. A musa provinciana era

---

*) Annos depois ainda fez publicar, em desaccordo ao *Compendium Philosophiæ* de Pestalozzi, o seu artigo *Theologia rationalis, confutatio,* na *Crença* de 30 de Maio de 1870 no Recife.

então classica, no máo sentido da palavra, e elle, por instincto, um perfeito *reactor*, por um modo todo local e apropriado á estreiteza de seu horizonte. Completamente segregado do movimento espiritual do seculo até 1862, não era de suppol-o ao nivel das miserias poeticas que o cercavam? Não foi assim. Os fragmentos existentes do poemêto — o *Juiso Final*, escripto em 1858, fragmentos por vezes publicados, dão bem a conhecer a natureza de seu talento entregue a toda a sua espontaneidade.*)

Nota-se n'elles um certo empolamento que, porém, denuncia grandeza de imaginação e riquezas de colorido não communs aos nossos effeminados. A *lyrica* lhe deveu, então, lindissimos versos; entre outros se destaca a pequena peça *No Banho*, já tambem publicada. É a pintura dos banhos semi-pagãos nos rios pitturescos de minha terra, que é tambem a terra do poeta. Os meninos, já crescidos, são admittidos ao folgasão brinquedo das agoas... A severidade d'este opusculo priva-me do praser que teria, si podesse mostrar aos olhos dos meus leitores essas joias da poesia nacional.**)

D'alli não transpira o desgôsto da vida, que atormentava fingidamente os romanticos ingenuos; ha todo o serio praser do mundo, toda a verdade das cousas como ellas são.

Não esqueçamos o joven Barreto. Partiu para a Bahia com destino ao sacerdocio, e logo matriculou-se no Seminario Pequeno, d'onde sahiu, após um só dia de estada, por lhe não agradar a vida *beata* que alli se passava... Contam os seus collegas de então que aquelle pretendente á tonsura levou para o *santo* retiro os seus habitos mundanos e que, logo na primeira e ultima noite que alli passou, no meio do geral silencio do dormitorio puxou por um violão, que conduzira, e

---

*) Veja-se o periodico do Recife, *Crença* em Maio de 1870, e a *Provincia* d'aquella cidade de 8 de Novembro de 1875.

**) A poesia *No Banho* foi, pelo auctor, inserida na caracteristica que fez do escriptor sergipano, publicada na *Provincia* de Pernambuco e reproduzida no *Rio Grandense*.

abriu o peito a saborear uma de suas *modinhas!* Avalie-se do alvorôço que uma semelhante novidade deveria ter causado nas almas candidas do Seminario! Aquelle espirito rebelde atirou-se á cidade, que totalmente desconhecia, sem ter onde recolher-se e com a bolça quasi vazia; depois de muitos giros nas ruas e muitas voltas ao miôlo, gastou n'isto um dia inteiro, tendo á noite bastante sangue frio para entrar no theatro e assistir a um espectaculo! Findo este, novo andar ao acaso, até que foi dar á uma hospedaria, que incendiou-se poucas horas depois de recebel-o. Demorou-se, eom difficuldade, alguns mezes na antiga capital brasileira, onde, aprendido comsigo o francez, travou commercio com Victor Hugo, e assistia ás lições de philosophia do celebre professor bahiano Fr. Itaparica. Seu talento era naturalmente apropriado á poesia incandescente do notavel romantico francez, que ficou sendo o seu idolo, e adverso ás ideias theologicas do frade-lente, cujas prelecções deixou de ouvir. Recolheu-se algum tempo á *republica* de estudantes, onde morava, sem frequentar aula alguma. Findo completamente o dinheiro, que levara de Sergipe, dispoz-se a voltar para Campos. No auge do desespêro, deitado em sua *rêde sergipana* a ler um livro francez, tendo resolvido definitivamente retirar-se e deixar-se de estudos, um dia atirou o livro pelos ares, e este foi cahir machucado n'um canto da sala, e aberto n'um lugar em que se lia, no começo de uns versos, estas palavras:

„*On perd son avenir par trop d'impatience!...*“

Estas expressões echoaram n'alma do proletario como um estimulo de gloria. Elle voltou a Sergipe, mas para seguir para Pernambuco, a fazer o curso de Direito. Após um anno de hesitações e difficuldades, o pobre professor de latim, o descuidoso poeta chegou ao Recife em Dezembro de 62. Seu pai, que, havia trinta annos, era escrivão de orphãos no seu atrazado municipio, não poude contribuir para a sua formatura, e, todavia, em um anno, o moço estudante fez os seus

preparatorios, matriculando-se no curso juridico em principios de 64. Sempre arredio e meio solitario dedicou-se a fortes estudos de sciencias sociaes e de philosophia. Os francezes eram seus mestres. A poesia, porém, o trouxe sempre preoccupado no periodo academico em que inaugurou no Recife um lyrismo até então alli nunca ouvido e a *épica* patriotiça de que tornou-se o coriphêo.*) O periodo de 63 a 69 foi n'aquella cidade de uma effervescencia romantica formidavel. Era o tempo da guerra com o Paraguay; as festas patrioticas multiplicavam-se: o theatro, sob o influxo de dignos artistas, estava tambem n'uma phase de esplendor, o salão tomára, por outro lado, com o *recitativo* um brilho novo. A cima de tudo isto, dous espiritos dotados em grão muito elevado do talento poetico fizeram escola.(?) O mais velho e fecundo, e seu verdadeiro creador, o Dr. Tobias, introduzira pela vez primeira, de um modo decisivo, entre nós o estylo de Victor Hugo. O nobre poeta fôra, porém, sempre moderado. O outro, Antonio de Castro Alves, seguira-lhe de perto as pisadas com um talento mais que muito apreciavel; este, comtudo, era mais um homem de imaginação do que de sentimento. Exagerára o *estylo*, que se tornou *moda*. Uma turma de anonimos em seguida encarregou-se de transformal-o ainda mais e produziu essa maneira aspera e retumbante de versejar que de então para cá tem valido por uma alluvião. Ficou creado o regimen da *bomba*, como o appellidaram. Depois, Castro Alves, levada a doutrina para São Paulo, onde fez adeptos e passou por *mestre* (?), morreu, e Tobias Barreto, ignorado,

---

*) Esta expressão *épica* patriotica pede um reparo; ella não existe na lingua, onde só temos a palavra *epopeia*, ou poema *épico*. Eu emprego aquelle substantivo no mesmo sentido em que o empregou Disraeli, por exemplo, quando denominou um de seus livros *Revolutionary Epic*, significando cantos que têm um caracter épico, sem, todavia, de forma alguma, se confundirem com a *epopeia*, no classico sentido d'esta palavra. O mesmo fazem os allemães, que, aliás, usam tambem do termo *Epos* em identico sentido.

atirou-se á critica de que representa incontestavelmente o melhor quinhão que possuimos. O desapparecimento dos dous poetas rivaes, que brigaram, e tinham cada um o seu partido, coincidiu com o incendio do edificio do grande theatro d'aquella capital, e com a terminação da guerra e das festas patrioticas ... Assim morreu no Recife a *poetica recitatoria* que tantos desvarios estheticos produziu, e que, praza aos ceus, não mais para alli voltem.

N'aquelle tempo, a lyra sergipana do Dr. Tobias Barreto tomara novas cordas. Alem da lyrica intima e da impessoal, a *epos* patriotica e a philosophica o enlevaram; esta ultima, infelizmente, poucas vezes. São as quatro manifestações poeticas de seu talento, que perdêra, entretanto, um pouco da saúde primitiva ao contacto do romantismo choroso, a que sacrificou por sua vez. Mas foi um deliquio passageiro. São exemplos das quatro notas primordiaes apontadas: *Ideia*, *á Arthur Napoleão*, a *Vista do Recife*, e o *Genio da Humanidade*, que em Pernambuco quasi todos os enthusiastas sabem de cór. Como Swinburne, o auctor de *Bothwell*, dous annos mais velho que o nosso poeta, este é um inspirado *hugoista*; mas com seiva propria. Sua metrificação é rica e harmonica, seu estylo é cheio e fluente, como o do inglez. Mas ahi fica o parallelo. O Swinburne dos ultimos tempos transformou-se em chefe de uma poesia social e revolucionaria, e o sergipano pouco passou do lyrismo romantico em que parece sem superior na America; e, depois dos grandes acontecimentos que trouxeram o incontestavel e salutarissimo ascendente da Allemanha, vimol-o atirar-se com toda a alma aos braços da critica e da philosophia germanicas.

Foi já depois do seu bacharelamento em sciencias juridicas e sociaes, e tendo abraçado a espinhosa profissão de advogado. Hoje vive arredio de toda e qualquer participação em negocios politicos, pobre e abandonado na pequena cidade pernambucana, — a Escada, á trese leguas da capital. Alli tem uma pequena typographia, onde seu sobrinho, rapazito de

dezaseis annos, tem servido de impressor, e elle de paginador de uma boa porção de pequenos periodicos, como *Um Signal dos Tempos*, a *Comarca da Escada*, o *Desabuso*, e outros, que todos têm profligado a nossa geral ignorancia, e os abusos commettidos pela olygarchia d'aquelles lugares.

D'alli, e por aquelle esforço, sahiu a pequena brochura *Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet*, que vale mais do que muito volumoso *in quarto* que annualmente se publica na *sabia* imprensa da Côrte. Sempre repelliu todo e qualquer lugar no *funccionalismo* brasileiro, apezar de, não poucas vezes, ter sido procurado, pelos influentes da terra para isto. É *odiado* pelos suppostos grandes e poderosos da politica pernambucana; mas adorado pelas massas populares, que o não deixam fallar no jury sem os mais freneticos applausos. Poderia ter hoje seis ou oito volumes impressos com os seus escriptos, disseminados pelos jornaes, si não fosse quasi um impossivel aos homens sem haveres arriscarem-se á emprezas typographicas n'este paiz.

Seus estudos de critica religiosa e litteraria, de philosophia e de linguas foram feitos comsigo mesmo. No allemão é autodidacta, na força toda da palavra, e tanto mais admiravel quanto escreve bem este idioma, segundo affirmam competentes.

O que o auctor de *Chastelard* pretende fazer pela poesia, elle o emprehende com a critica e julgo-o, n'este ponto, mais acertado.

Como poeta e como prosador é completo fragmentista; curtos, ligeiros ensaios dirigidos por uma ideia bem determinada e definida, e revestidos de um estylo correcto e cheio de movimento, é quanto sahe de sua penna. Nunca tentou o drama, o romance, ou qualquer obra de folego, a que, certamente, não se presta a natureza de seu talento, que, em todo o caso, não é o herdeiro nem o continuador de quem quer que seja d'entre nós.

As agruras de sua terra natal, os solitarios areiaes da pequena aldeia de Campos, e a má fortuna social

do poeta influiram, é certo, sobre elle, deixando-lhe no espirito alguma moldura do abandono e da aspereza; mas os proventos da civilisação, o commercio constante com os livros allemães, neutralisadas as morbidas influencias do *meio* que o circumda, o fazem na Escada, entre semi-barbaros campenios, um enthusiasta consciente da cultura tedesca!

II. O Brasil é um paiz de legistas; a formalistica nos consome; todas as nossas questões se resolvem pela praxe. Todos os modos de viver, até os intellectuaes, estão aqui de antemão determinados; seguir a *rotina*, que é o mais seguro, é maxima que nossos pais cuidadosamente nos ensinam!.. O espirito publico, de mãos dadas com o poder, pune com o mais duro abandono qualquer tentamen de levantamento; os mais empenhados no castigo são os chamados *litteratos*.

Tidos e havidos, na linguagem forense, pelos guias seguros do pensamento brasileiro, são os mais tenazes defensores da rota-batida. Um systema completo de captiveiro intellectual, tendo a sua base na primeira educação e passando pela escola e pelas Academias, garante o triste resultado. O peior é que a liberdade de pensar parece ter guarida no seio de nossas leis, e tem-na de certo até um ponto; o vicio radical, o germen da fatal molestia vem de longe, está enraizado no amago de nossos *habitos*... Todas as manifestações da vida espiritual brasileira, todos aquelles santos impulsos porque as nações procuram realçar, são vasados em moldes carunchosos; tudo tem um certo ar de senilidade. O facto é, porém, no todo inconsciente; o povo brasileiro possue tambem seus desejos e suas esperanças de reformas e de verdadeiro progresso; mas são completas velleidades.

É inexacto dizer-se que, em regra, nos suppomos grandes. Já agora é moda proclamar o contrario, e nada ainda temos conseguido de melhor; nossa pequenez é uma condição immanente á nossa propria vida. Um empenho, que julgamos serio e que nos absorve, é o maior factor de nossa depreciação: é a mania da *legalidade*, e de tudo o que com ella se parece. A

melhor e mais brilhante carreira que, na ideia de todos, pode ter diante de sí um moço brasileiro — é, como se diz vulgarmente, *formar-se em leis*; o homem, que se julga com direito a esperanças n'um grande futuro, põe toda a sua mira em ir ao Parlamento exhibir-se na sabença da *legislação*; o individuo do povo, em certas circumstancias, não tendo de que viver, faz-se *rabula*!.. Assim, por toda a parte é o sonho da lei, por toda a parte á obstinação da praxe, como o alvo supremo.

É por isso que temos uma bibliotheca inteira de pequenos legistas, mas nenhum livro de philosophia; tantos, e, por nós, tão celebrados juristas, mas nunca tivemos um sabio . . . O espirito que nos anima é um consorcio hybrido de theosophia e de romanticismo sobre a velha crosta legalisante, e, si a isto junctar-se o tão bem achado *séstro de palavreado e predilecção pela rhetorica*, comprehender-se-ha porque temos tantos palradores, mas nunca tivemos um critico . . . Nossa mesquinha litteratura fornece provas abundantes de nossa pobresa e de nossa aversão ás pesquizas desinteressadas. Mas nem se faz preciso subir até lá, para indicar a grande anormalidade; appellemos para a experiencia de todos os dias. Não sei si haverá entre nós quem se abalance a dizer que n'este paiz se pode fazer vida de escriptor; não sei si haverá quem conteste que é logo ferido do geral agouro de ficar isolado e perdido quem ousa avistar-se com os profundos e pestilentos prejuizos que nos deprimem. Fóra do *funccionalismo* não ha salvação, é o brado commum atirado aos homens de lettras do Brasil.

Ora, pois; n'estas condições é que o Dr. Tobias Barreto ousou, segundo sua propria expressão, *pôr o dedo em cima do aleijão que nos deturpa.**)

Louvo ainda mais o seu grande desprendimento moral, sua integridade e fortaleza de caracter do que a sua intelligencia. É o civismo heroico nas lettras; bem haja aos eleitos que o tiverem, e este escriptor

---

*) *Um Signal dos Tempos*, nº 5 de 22 de Agosto de 1874.

o tem. Sua indole é propria para arcar com os abusos e afrontar o isolamento; como a Ewald, segundo nol-o informam, distingue-o um certo gosto de luctar, e lhe não têm faltado os inimigos, porém epigonos, anonimos.

Mas cheguemos ao nosso objectivo: o valor exacto dos productos do notavel poeta e não menos notavel philosopho.

As principaes influencias a que tem elle cedido foram, em poesia, o lyrismo de Victor Hugo, e, em critica, a lição dos bons escriptòres allemães.

Ahi mesmo mostrou um rasgo de originalidade; foi o abandono completo dos insignificantes e depreciadores modelos brasileiros, ousando alçar as vistas, por um impulso todo subjectivo, para estrellas mais fulgentes. Elle tem, em dose assaz elevada, o sentimento de seu tempo e sabe facilmente pender para onde o espirito do seculo irradia mais vivace. Deixando, por agora e por necessidade do assumpto, o que toca á poesia, abramos exclusivamente o pequeno volume que faz o principal objecto d'esta caracteristica.

É uma collecção, que promette continuar, de seis ensaios em que o escriptor fragmentista trata de assumptos de philosophia, de critica religiosa, e de litteratura, no bom sentido da palavra.

Quero ter o prazer de levar o meu leitor aos pontos culminantes do mencionado volume.

Desde logo, o estylo do escriptor exige algumas ponderações. A prosa portugueza é a mais atrasada e imperfeita das linguas neo-latinas. Até hoje não tivemos um só prosaista comparavel aos reconhecidos chefes da estylistica*) franceza, italiana e hespanhola, sobretudo aos da primeira.

---

*) Esta palavra —, *estylistica*, foi pelo auctor dos *Ensaios e Estudos* entre nós introduzida, bem como outros indispensaveis allemanismos, *jornalistica*, *romantica*, *periodica* . . . os quaes estão para estylo, jornalismo, romantismo, periodo . . . na mesma relação em que se acham os já existentes neologismos tambem indispensaveis, — *caracteristica*, *metrica*, *genetica*, para caracter, metro, genese, estas palavras significando a cousa e aquellas a theoria, o systema, a organisação.

Nossos classicos mais afamados dos seculos 15º, 16º e 17º, em geral ermos de graça e de finezas, não possuiam a grande arte do periodo. Sua periodica é longa, pesada e fatigante; não se lhes nota o movimento e o brilho dos grandes mestres francezes, por exemplo.*)

Quasi o mesmo se dá com os pretendidos guias da lingua n'este seculo; estes são de duas cathegorias: os adeptos do romantismo luso, um Herculano, um Castilho, e os recem-chefes da nova escola litteraria portugueza, um Braga, um Coelho, um Vasconcellos. Os primeiros, preoccupados com os privilegios inexcediveis da sublime lingua camoneana, tinham paixões archaicas singulares derramadas n'uns periodos retumbantes. Apaixonados pela linguagem de *ouro de lei*, namorados da rhetorica, seu estylo foi pouco para imitar-se. Não sei si alguma lingua apresentará paginas mais enjoativas, com pretenção aliás a grande prosa, do que as do fallecido Visconde de Castilho. Seus escriptos originaes e suas traducções, não em verso, dão-nos avultados exemplos da especiaria. O proprio Alexandre Hercnlano, que, incontestavelmente, sabe inspirar algum movimento, alguma vida aos seus periodos, não deixa de ser, não raras vezes, um tanto pesado.

Os novos escriptores portuguezes têm a immensa vantagem de aborrecer e afastar a *rhetorica* e a *phrase*; mas não são apreciaveis prosaistas; cahiram no extremo opposto ao dos velhos declamadores da romantica. Incorrectos, esmorecidos, atrophiados escapam-lhes os periodos.**) Não sei si os Sñrs. Braga, Coelho e

---

*) Sobre vistas geraes quanto ao estylo, podem ser consultadas as ideias interessantes a respeito emittidas pelo mesmo escriptor no bello artigo *Ideias sobre os principios da estylistica moderna*, publicado no *Signal dos Tempos*.

**) Fallo dos novos escriptores portuguezes que tomaram parte n'aquelle esteril, e um tanto ridiculo, movimento, que se chamou a *reacção*, e depois a *escola coimbram*, cuja maior vantagem foi achar-se em lucta com individualidades litterarias ainda menores que os pequenos *innovadores*. Caracterisava a *nova escola* uma palavrosidade, um *campanudismo* de linguagem

Vasconcellos terão a pretenção de ser tão versados nos asperos e fatigantes estudos da philologia, e nas trabalhosas e aridas pesquizas da erudição, da exegese religiosa e historica, como um Ernest Renan, por exemplo.

Quero suppor que não, e, todavia, dispõem elles d'aquellas graças e delicadezas de expressão familiares ao illustre critico, igualmente distantes da rhetorica e do chatismo? Quero ainda suppor que não. É um engano acreditar que o muito saber, e a gravidade das ideias scientificas não se coadunam com o escrever bem; como é um erro grosseiro que só nos hysterismos da phrase se acham as molduras de um apreciavel estylo.

Entre nós os prosaistas estão ainda na velha phase das palavras para *effeito*. São modelos, que se não devem cotejar. O Snr. José de Alencar, com suas *nuvens de rendas*, é o mais acabado typo da especie.

Com Ed. Scherer, o elegante critico como diz Laurent, acredito que o segrêdo da prosa está na arte do periodo, que deve primar pelo movimento e brilho a par da clareza e da simplicidade. São os altos predicados do estylo; ninguem mais do que o escriptor mencionado os possue; ninguem melhor do que Tobias Barreto os transportou para a lingua portugueza. Presente-se que o seu mestre da forma foi exactamente o insigne ex-professor de Genebra.

Lê-se todo o livrinho do auctor patrio, e não se tropeça na phrase nem na chatêsa da expressão. Tanto mais singular, quanto, na qualidade de poeta, é um dos mais arrojados na pompa das metaphoras, e, como prosador maneja uma lingua ainda não muito afeiçoada aos segredos e caprichos das especulações

---

sem rival na historia intellectual do velho reino. Todavia, cumpre dizêl-o —, passado o primeiro momento, e renegados certos desconcertos pueris, alguns dos moços rebeldes tomaram uma mais vantajosa direcção; e hoje vemol-os, no encalço da verdade, inimigos dos palavrões. Braga, e os dous outros ácima citados, aliás ainda desconhecidos na hora do primeiro rompimento, são hoje os tres maiores vultos de Portugal.

philosophicas. Elle é um vivo exemplo de que se pode bem alliar uma grande imaginação a uma séria reflexão, sem que uma d'estas qualidades vá marear a outra. O romance e a poesia não impedem o espirito severo de Disraeli na practica dos negocios do Estado.

Como prova do que pode o nosso poeta como prosaista transcrevo para aqui a pagina seguinte, uma das mais completas da lingua portugueza, sob o ponto de vista da forma. A equação entre o pensamento e a sua natural expressão nota-se ahi perfeita: „Eu já disse: o defeito capital da psychologia, como sciencia de observação, é a falta absoluta de dados para se formarem exactas e profundas previsões. O mundo physico, em seu vasto e intrincado arranjo, pode sempre causar admiração ainda mesmo aos espiritos mais cultos; porém não causa espanto. A ideia da *ordem*, que é um producto ulterior da intelligencia, faz succeder ao primitivo abalo, suscitado pela natureza, o sentimento da harmonia e da razão das cousas. Entretanto, essa ideia não tem tido a mesma força no mundo moral. O espectaculo dos homens, dando a ver, por palavras ou acções, algum novo recanto do seu coração, todos os dias nos assombra. Irrecusavel signal de inteira ignorancia, quanto á ordem que reina, e ás leis que se executam nos dominios do espirito. N'este meio, o que tem feito a illusoria sciencia? Apenas consagrar um sem numero de erros, e autorisar, em seu nome, os mais agros rigores, as violações mais crueis. Nós vemos diariamente a sociedade, baseada em um supposto conhecimento do homem, arrogar-se o poder de sorprendel-o no retiro de sua consciencia, afim de assistir a todas as evoluções genesiacas do crime. É d'est'arte que o direito penal decompõe o acto criminoso em elementos successivos, partindo da intenção. Manejando os chamados principios psychologicos, julga ter penetrado na essencia da criminalidade. Innumeras são talvez as victimas cahidas, sob tão fatua pretenção dos legisladores e philosophos. Si ha uma razão para explicar porque os calculos humanos tanto falham, no que interessa ás relações

sociaes, é que as almas nunca chegam a conhecer-se mutuamente, e a psychologia não descobre uma só das leis que determinam a formação do individuo. Não canço de repetil-o: a sciencia do *eu* implica contradicção. Abstrahido da pessoa e do caracter que a constitue, o *eu* — é cousa nenhuma; nada significa. Mas onde estão as inducções scientificas, feitas de modo que possam garantir nossos juizos sobre a marcha normal da personalidade alheia? Eu disse alheia, e podéra tambem dizer propria. Todos sabemos, por experiencia, que, as mais das vezes, o que nos desarranja e nos perturba, no curso ordinario da vida, é a ignorancia de nós mesmos, da força de nossas paixões, ou da fraqueza de nossa vontade. Não sei qual seja o psychologo capaz de medir com o olhar da reflexão toda a extensão de seu ser. Não sei quem foi que desceu ao fundo do abysmo, e voltou trazendo na bocca a palavra do enygma. E já lá vão centenas sobre centenas de annos, depois que a sciencia da alma trata de constituir-se e organisar-se! Não obstante, é ainda hoje insufficiente para fornecer ao homem uma noção, menos ambigua, de si mesmo. Taes são por certo as minhas convicções, que me parecem baseadas nos factos. Com tudo isso, é aqui o momento de advertir que não rejeito absolutamente os trabalhos de observação subjectiva. Julgo applicavel á psychologia o que disse da economia politica um jurista francez: ella não é uma sciencia, mas apenas um estudo; e eu accrescentaria: um entretenimento. Não contesto se possa adquirir, por este meio, noções mais claras do papel e do jogo mutuo das nossas faculdades. Esse *exame de consciencia*, a que se entregam os psychologos professos, sem ser de utilidade geral, encerra talvez algumas vantagens pessoaes. Pelo menos, o habito da reflexão é um obstaculo sério aos impetos apaixonados. Os mysticos servem de exemplo. Não se leva à reflectir continuamente sobre a alma e sua natureza, sem acabar por cahir-se em uma especie de indolencia e torpor, que neutralisa as suggestões sensiveis. Eu duvido que um pensador, ao geito de

Jouffroy, tenha tempo e disposição para engolphar-se em qualquer doce corrente do mundo visivel. Sem ironia, apresso-me em declaral-o: o espectaculo de um homem que empallidece de viver sempre atufado no antro escuro de seu proprio pensamento, respirando apenas por minutos o grande ar da vida commum, tem de certo alguma cousa de tocante. Não é uma vocação, que me pareça invejavel; é um nobre esforço, que se pode admirar, juntando á admiração sincera pena de não vêl-o empregado em materia de mór proveito." *)

Esta longa citação foi feita logo com o intento de deixar ver algumas das notaveis ideias do escriptor. É pelo conteúdo d'ellas, e sem que devamos jurar em todas, que devo de preferencia defini-lo.

Antes de tudo, advem ponderar que elle não foi sempre, qual hoje se mostra, um aproveitado discipulo da sciencia livre, que vemos representada no seculo por Comte, Haeckel e companheiros. Curvou-se tambem ao extenuado espiritualismo francez nos seus primeiros escriptos. Teve por iniciadores em philosophia a Biran, Cousin, Jouffroy, Simon, e ao escolastico e esteril hespanhol Balmès. Esta phase primordial foi felizmente bem pouco duradora. Rarissimos artigos, publicados em jornaes, são os documentos d'aquelle estadio; o auctor foi o primeiro a desprezal-os, jogando-os para fóra da reproducção de seus escriptos.**)

---

*) *Ensaios e Estudos*, pag. 31.

**) Eram, porém, artigos inspirados por um espiritualismo *heterodoxo*, cheio de vistas tomadas ás sciencias, e influenciado pelo *positivismo*, justamente á maneira de Vacherot. Os principaes são: *A força motriz*, á proposito de Ad. Garnier; *Os factos do espirito humano*, sobre a obra do Sñr. de Magalhães; *A religião natural*, sobre o livro de Simon, e o *Atrazo da Philosophia entre nós*, a proposito de um dos livros do Dr. José S. de Souza. No artigo *Moysés e Laplace* já se revelava sectario do monismo scientifico, em 1870; e influenciado pelas nobres ideias da critica religiosa nos escriptos: *Notas sobre a Critica Religiosa*, e *A Religião perante a Psychologia*, publicados no *Americano*, de Pernambuco, no mesmo anno.

O bello ensaio *A sciencia da alma, ainda e sempre contestada*, o primeiro da collecção que vamos apreciar, é uma tentativa de revolta contra a psychologia, como sciencia, qual vemol-a nos livros dos escriptores francezes filiados ao moderno eclectismo. O auctor não nega a sua possibilidade e vantagens como estudo e entretenimento, segundo já vimos; contesta-lhe, com razão, os fóros de uma sciencia. Sem ser nova a these, como elle proprio o reconhece, revestiu as vistas das escolas — critica e positiva — de argumentos, e ponderações originaes. Entre outras, o são as espalhadas na pagina brilhante sobre a celebre confissão de Jouffroy, quanto á queda de suas crenças. O nosso critico mostra que o philosopho encomiado fez illusão sobre todos e sobre si proprio; foi victima de um achaque romantico junto a uma cegueira psychologica. Não é menos apreciavel o que diz sobre a memoria e a imaginação no trabalho das pesquizas no mundó psychico. Ao total, elle não se limita a mostrar que uma genuina sciencia d'alma é impossivel, por sêl-o toda a excursão no dominio dos factos subjectivos; seu maior esforço é para arredar da philosophia a creação *gnomica* da alma em prol da materialistica fecunda da novissima escola anglo-germanica.

O estudo a que me refiro satisfaz plenamente os desejos de uma leitura exigente pela variada e amena cultura que se espalha por aquelles periodos. Sente-se que o philosopho é tambem um escriptor, no sentido especial da palavra. Aquellas laudas em resposta a Vacherot, sobre o papel e a importancia dos escriptos dos poetas e romancistas para os estudos psychologicos, são magistraes.

Quizéra que renhida fosse, como a fez, a lucta contra o decrepito espiritualismo cartesiano; mas arredado esse trambolho do campo da especulação scientifica, fôra para desejar mais abundantes esclarecimentos no tocante á psycho-physica, ou physiologia cerebral. Sim; desfeita a nevoa de uma sciencia de um sêr espiritual autonomo e independente, o Dr. Tobias, que admitte a inquirição no dominio do homem interior

como aproveitavel estudo, podéra, á exemplo de Bain e Spencer, nos dizer muito do que pensa e do que sabe a respeito de tão grave assumpto.

Aquelle seu escripto é um verdadeiro ensaio sobre o estado da sciencia subjectiva; muito asado era o ensejo para esclarecer-nos ainda mais. Elle, porém, conteve-se no dominio da critica, sem querer ultrapassal-o. N'este ponto, um dos seus primeiros encontros é com o *je pense, donc je suis.*

Não só nega-lhe a força e prestigio para um portico indestructivel da philosophia, como estygmatisa a duvida methodica do velho patriarcha do espiritualismo. As vistas do escriptor são dedusidas com uma ordem invejavel. Creio, porém, que déra ao celebre aphorismo uma importancia que elle não tem, e o combateu, talvez, n'um sentido que não foi realmente o seu.

Cumpre advertir que o philosopho empregou todo o rigor de sua critica sobre o referido apophthegma, como si elle tivesse o intento e a força de um raciocinio, de um argumento logico.

O *cogito, ergo sum* na mente do velho Descartes não teve o sentido que depois lhe deram seus discipulos e continuadores, todos menores do que elle, entre outros Charles Levêque, que o philosopho brasileiro caustica com verdadeira superioridade. É este escriptor espiritualista, que, segundo Nerée Quepat, *tem ares marciaes*, *e parece andar sempre fitando um ponto invisivel*, um dos que hão concorrido para fazer passar como um principio, e para mais expol-o, o celebre dito do illustre contemporaneo de Richelieu.

Conformo-me com o juizo de Thomas Buckle sobre o auctor do *Discours de la Méthode.*

Apparecido n'uma epoca em que principiavam a sazonar os primeiros e salutares fructos da Reforma, foi o iniciador do *livre exame* e da *independencia da razão individual* na esphera da philosophia. Seu scepticismo, como o de Chillingworth, foi dirigido, não contra a intelligencia humana, cujo poder proclamavam, mas contra os appellos para a auctoridade e tradição

sem as quaes era, até então, supposto que ella não podia efficazmente caminhar. O philosopho produzia um esforço para atacar os prejuizos de seu tempo e livrar-se o mais possivel d'elles: „Non que j'imitasse pour cela les sceptiques, qui ne doutent que pour douter, et affectent d'être toujours irrésolus; car, au contraire, tout mon dessein ne tendait qu'à m'assurer, et à rejeter la terre mouvante et le sable pour trouver le roc ou l'argile" disse-o claramente.*)

Era um arranco de *pessimismo* que não deixou de ser proveitoso, e que um homem como o Dr. Tobias Barreto não deixará de apreciar. O apophthegma cartesiano foi uma formula, talvez não muito exacta, d'esse espirito. Com elle o philosopho não quiz dar uma prova da existencia d'*alma*, ou da sua propria, e sim tornar patente o criterio de sua doutrina: a força do pensamento e da razão. Repudiando a tradição e a autoridade theologica, em que foi um dos primeiros a fazer brecha, appellava para o pensamento que é um signal de vida e de luz.

Depois de fallar de um erro de Jobert sobre o reformador francez, diz, com exactidão, o escriptor britannico a que me hei referido: „A similar error is made by those who suppose that his *je pense, donc je suis* is an enthymeme; and having taken this for granted, they turn on the great philosopher, and accuse him of begging the question! Such critics overlook the difference between a logical process and a psychological one; and therefore they do not see that this famous sentence was the description of a mental fact, and not the statement of a mutilated syllogism." **)

A severidade da analyse do Dr. Tobias deve, pois, ter sido empregada contra as falsas illações do coêvo eclectismo cousiniano arido e inanido entre as mãos de um dilettante como Levêque. Este é um dos que

---

*) Citado por H. T. Buckle, *Civilisation in England*, v. 2º. Veja-se toda a caracteristica de Descartes n'este volume, pag. 77 a 96.

**) Vol. 2º, pag. 87.

têm falsificado o bom sentido, o que havia de aproveitavel, do systema do nobre pensador, um dos primeiros na Europa, que teve a coragem de pronunciar estas palavras memoraveis: „nous rejeterons entièrement de notre philosophie la recherche des causes finales.“ *) Fecundo brado que a sciencia contemporanea se esforça por verificar.

O Dr. Tobias Barreto, pelas qualidades de seu espirito, é antes de tudo um *reactor*, e esta tendencia transparece em sua critica, fazendo-a ir alem de seu alvo.

Elle toma contas aos descendentes de Descartes pelos erros accumulados por elles sobre a cabeça do mestre, e chega até a repudiar o grande pensador, uma das glorias do seculo 17º Prefere-lhe, e n'isto vai alguma justiça, Spinosa, de genio mais profundo, ainda que menos variado. Ha excesso de despreso pelo idolo dos francezes. O motivo occulta-se, sem duvida, em phrases como esta de Levêque: „Ninguem ainda provou a falsidade da *equação* psychologica, estabelecida por Descartês: *eu penso, logo eu sou;* a qual significa: *eu penso* equivale a *eu sou pensante.*“ É inexcedivel o desdem do escriptor brasileiro diante de tão extravagante declaração.

Palavreados d'aquelles é que hão desacreditado a philosophia, e munido de razão ao nosso Barreto de Meneses.

III. O segundo ensaio do livro do auctor sergipano se inscreve: *Uma excursão de dilettante no dominio da sciencia biblica.* Este titulo denuncia uma grave lacuna no quadro official dos estudos n'este imperio, alem da nobre franqueza do escriptor.

Elle ahi exarou, com toda a sinceridade que o distingue, o seguinte facto que é um dos symptomas da nossa incapacidade: não temos no paiz um só curso em que o conhecimento das linguas orientaes, a par da vasta sciencia da exegese religiosa e mythologica

---

*) *Principes de la Philos.;* part. I, secç. 28, nas *Oeuvres de Descartes,* vol. III, pag. 81; citado por Buckle.

possa ser adquirido!! A philologia e a critica religiosa não existem para esta região da America. Os nossos letrados n'esse dominio do espirito não passarão, por muitos annos de dilettantes. É o que se dá tambem na esphera da alta especulação philosophica, por lhes faltar, quasi sempre, a posse das sciencias mathematicas, physicas e naturaes.

D'est'arte, um homem como o illustre critico sergipano, com toda a sêde de saber de que é dotado, acha-se na grande difficuldade de pisar segura e resolutamente no terreno da sciencia. Esta em seus mais altos ramos é de uma acquisição impossivel para nós, para todos aquelles que a não podem ir buscar na Europa ou nos Estados Unidos. Quanto distamos até da India ingleza e . . . . da Australia!!... Mas os resultados de uma tão grande anomalia não se fazem muito esperar. Ainda ha pouco, atravessamos a phase principal de uma questão religiosa. Os discursos do parlamento, ao lado das publicações do jornalismo politico, são um armazem curioso para quem quizer apreciar o deploravel estado de nossa cultura no que é attingente aos debates d'aquella natureza. Os trabalhos dos Baur, dos Strauss, dos Knobel, dos de Wette, dos Ewald, dos Castren, dos Lassen, dos Müller, dos Stanislas-Julien, dos Burnouf são como *non avenus* para este paiz . . .

Os orthodoxos de cá ainda se decoram com as armaduras de Chateaubriand e Balmès, de Ventura e Auguste Nicolas, e os suppostos adiantados não lobrigam alem da *Origem dos Cultos* de Depuis e das *Ruinas* de Volney . . .

Assim, nada mais apropriado, para nos caracterisar, do que os escriptos de *Ganganelli*, onde o voltairianismo esteril debate-se com a debilidade da critica, levando-lhe a victoria. Entretanto, para mais de um espirito de compatriota, elles desvendaram largos e novos horisontes á exegese critica brasileira . . . . Esta, evidentemente, acha-se ainda no ponto de vista da *Deducção Chronologica* do Padre Antonio Pereira, e de sua *Prefação* á traducção da *Vulgata*.

O escriptor, que se assigna *Ganganelli*, é, sem contestação, o mais robusto orgam do pensamento livre no Brasil, por dous motivos capitaes: porque é o mais lido, — o que conta maior numero de sectarios, e porque para ser um escriptor de voz um pouco retumbante n'este paiz não são precisos muitos dotes. Aos homens, como elle, é, todavia, a patria devedora de lautos beneficios, porquanto não é pouco fazer face á corrupção theologica, que nos consome.

O livro *As Biblias Falsificadas* do general Abreu e Lima, que tanto ruido produziu, nutria-se de igual espirito. Ainda que mais illustrado que *Ganganelli*, Abreu e Lima encorporou nas suas paginas de polemista a mesma intuição do oratoriano portuguez. O Dr. Tobias Barreto deu a mão a outros guias; Geiger, Dorner, Chwolson, Reuss, Scherer, Michel Nicolas, além dos grandes mestres reconhecidos da critica historica allemã, lhe são familiares.

No ensaio que nos occupa, seu fito principal é apreciar a celebre caracteristica dos povos semiticos de Renan.

O artigo traz duas datas — 1871 e 1873. Si me não engano, parece que a primeira tenção do escriptor fôra entrar bem largo no exame critico de uma das epocas do velho testamento, fazendo a analyse dos ultimos capitulos do *Livro dos Juizes*.

É este o intuito que transparece das primeiras paginas do artigo até o paragrapho V.

O auctor suppõe a narrativa da instituição da realeza, por Samuel, escripta por um propheta do tempo dos reis, vidente que para melhor estygmatisal-os pinta a instituição como reprovada pelo seu proprio auctor. Aquellas paginas são magnificas, e muito maior brilho adquirem, quando se pondera que fôram as primeiras escriptas na lingua portugueza no dominio da moderna sciencia biblica. O resto d'aquelle bello ensaio pertence á sua derradeira data, e o escriptor, desvirtuando a sua primeira ideia, dirige-se á questão dos predicados geniaes dos semitas. Chwolson lhe fornece algumas de suas armas.

Ora, as asserções capitaes de Renan, que hão

provocado, n'este ponto, a contradicção, se reduzem a duas: o monotheismo *instinctivo* d'aquelles povos, e sua incapacidade para as especulações altamente *scientificas* e para a *epopéa*.

Estas ideias foram espalhadas em 1858 e 1859 em sua *Historia Geral e Systema Comparado das Linguas Semiticas*, e em as *Novas Considerações sobre o caracter geral dos povos semiticos, e em particular de sua tendencia para o monotheismo*, e combatidas, desde logo (1860) por Max Müller, que assim se exprime: „Será possivel dizer que um instincto monotheista tenha pertencido a todas estas nações que adoravam Elohim, Jehovah, Sabaoth, Moloch, Nisroch, Bimmon, Nebo, Dagon, Ashtaroth, Baal ou Bel, Baal-peor, Baalzebub, Chemasch, Milcom, Andrammelech, Annamelech, Nibbaz e Tartak, Ashima, Nergal, Succoth-benoth, o sol, a lua, os planetas e todos os astros do firmamento?" *)

O leitor perdoe-nos a terrivel nomenclatura de Müller. Muitos outros sabios sahiram ao encontro do celebre auctor da *Vida de Jesus* no encalço da falsa these do monotheismo instinctivo dos semitas, para um homem como o assyriologo Lenormant escrever estas palavras: „A famosa doutrina de M. Renan a respeito dos caracteres essenciaes do genio da raça semitica, a qual generalisava para toda a raça, qual uma disposição commum, o genio particular do povo hebreu e o espirito de seu monotheismo, em que, todavia, deve-se enxergar, pelo menos, um facto historicamente excepcional no meio de todas as populações visinhas, quando se lhes recuse um privilegio de origem sobrenatural, esta doutrina, digo, foi refutada de um modo completo pelos sabios os mais competentes, e o seu proprio auctor não a defende já sem grandes attenuações." **)

---

*) Artigo reproduzido nos *Chips from a german Workshop* traduzidos em francez por Georges Harris, sob o titulo *Essais sur l'Histoire des Religions*, pag. 469.

**) Artigo *Le Déluge et l'Epopée Babylonienne*, publicado no *Correspondant* em Janeiro de 1873 e reproduzido no livro *Les Premières Civilisations*, pag. 115 do vol. 2º.

Estas palavras denunciam claramente o sentimento do illustre philologo sobre o pretendido monotheismo dos povos semiticos; mas reconhecem-no quanto ao povo hebreu exclusivamente.

Eu creio que n'esta ultima nota se deve fazer alguma reducção em seu pensar.

É innegavel, e os mais audazes seguidores da ideia do polytheismo de todos os semitas o reconhecem, é innegavel que o povo hebreu nunca possuiu uma verdadeira mythologia, mas é preciso dar provas de um completo desconhecimento não lembrar a sua pronunciada tendencia para a adoração dos deuses de seus irmãos de origem, tendencia tantas vezes suffocada pelo zelo dos prophetas, e tantas vezes repetida no curso de sua historia.

O facto, *historicamente excepcional*, da população judia não foi tão completo, como sôe parecer.

Á incapacidade, por outro lado, dos descendentes de Sem para as altas especulações scientificas, e para a epopéa, os ultimos avanços da assyriologia têm feito a justiça merecida. Ahi o escriptor, que invoco, mostra-se cheio de razão. Existe todo um cyclo mythologico e epico das crenças e acontecimentos da Assyria e de Babylonia. As inscripções cuneiformes denunciam tambem um serio arrojo puramente scientifico n'alma dos povos que representaram a brilhante civilisação d'Asia Occidental em epocas em que os Aryas não tinham ainda transposto os ultimos degráos da barbaria.

Não é sem motivo o referir as proprias affirmações de Lenormant: „Les tablettes cunéiformes prouvent que les sciences tenaient une grande place dans les préoccupations intellectuelles des Babyloniens et des Assyriens, et qu'ils y apportaient, à coté d'idées bizarres, un remarquable esprit de méthode.“ *)

Isto para as faculdades especulativas; quanto á poesia, diz-nos o sabio francez: „La découverte de M. Smith et les faits qu'elle permet de grouper autour

*) Pag. 114, 2º vol.

d'elle, pour en confirmer les consequences, doivent désormais lever les doutes qui subsistaient sur ce point, et modifier, par la révélation du *cycle épique* de Babylone, les idées qui prévalaient encore dans beaucoup d'esprits." *)

O artigo de Tobias Barreto, apreciativo exclusivamente da historia e da intelligencia judia, nada refere sobre a questão do supposto monotheismo dos povos congeneres, nem sobre a sua presumida incapacidade para a epopéa; reduz-se, pela circumscripção de seu objecto, á affirmativa de que boas qualidades scientificas e litterarias couberam ao povo a que mais de perto dirige a sua predilecção. Sem desconhecer que os aryanos são dotados de maior força imaginativa, e de instinctos mais pronunciados de um progresso indefinido, elle lhes approxima os judeus, e a estes prefere, por algumas qualidades.

Estas, redul-as, louvando-se em Chwolson, a tres: a temperança intellectual, que os privou de correr atraz dos enigmas da metaphysica; um pronunciado sentimento da individualidade, que os levou ás formas democraticas de governo, e á ausencia de dogmas religiosos; e finalmente a profundeza e sensibilidade d'alma, que os inclinou sempre para o ideialismo elevado. Estas notas são exactas; a sua tonica, porém, me parece a ultima. Realmente a ella é que supponho deverem os judeus o privilegio inexcedivel de haver, com o christianismo, conquistado o mundo dos seus rivaes, a civilisação occidental aryana.

O escriptor sergipano não occulta seu ardor de *solemne sympathia* pela nação israelita. Dil-o com força e verdade: „É preciso que na alma d'esse povo tenha havido muita seiva, muito germen de grandeza intellectual e moral, para explicar o movimento, o attrahente espectaculo de sua historia. Ha uma palavra de Herder, que me parece bem fundamentada: „Die Juden sind das ausgezeichnetste Volk der Erde..." Fôra injusto e difficillimo contestal-o. Quaesquer que

*) Pág. 117, 2º vol.

sejam as causas que promoveram a queda d'essa nação, é bastante honroso para nós outros, filhos da civilisação christan, reconhecer que devemos aos judeus uma boa parte do nosso capital de ideias e sentimentos mais vivos. Elles são um importante factor na historia da cultura occidental, não só pelo lado religioso, mas tambem pelo lado puramente litterario. É tempo de acabar com as illusões de uma pretendida incapacidade semitica em relação aos altos dominios da intelligencia." *) Devemos, todavia, nos premunir contra o exagêro que facilmente pode irromper em nosso espirito. É justa a reacção contra o amesquinhamento da intelligencia semitica, como é exacta a denegação de lacunas que lhe não pertencem; mas é preciso não ultrapassar os verdadeiros limites que a sciencia manda respeitar. As raças semiticas são bem differentes das aryanas e lhe são, a darmos credito álguns naturalistas, alguma cousa inferiores, d'essa inferioridade que consiste em estar-se um passo áquem na escala evolucional. A philologia, a historia e a anthropologia parece ahi estarem de accordo. Aquella, apontando nos aryanos uma familia de linguas mais abundante, mais variada e actualmente de mais vigor e futuro; a historia, mostrando o desenvolvimento semitico como anterior ao aryano, e, pela lei da evolução, menos profundo e completo. De facto, por maiores que sejam os esplendores das civilisações da Chaldéa, da Assyria, da Babylonia, da Phenicia, da Judéa e da Arabia, por mais que se lhes possa juntar os chamitas do Egypto, ellas não encerram esse espirito progressivo, esse caracter proprio para as transformações do espirito contemporaneo.

A India, a Grecia e Roma passaram á Europa de hoje, com a Allemanha á sua frente, e á America, com os Estados Unidos adiante, esse *aliquid* que representa incontestavelmente o futuro da humanidade.

Os semitas são-nos anteriores na ordem historica e, por isso mesmo, cederam-nos a palma. É anti-

---

*) *Ensaios e Estudos*, pag. 71.

scientifico negar-lhes as altas qualidades que foram capazes de supportar um tão profundo desdobramento de ideias; é um erro não reconhecer nas azas de nosso pensamento aquella que se agita ao sôpro dos semitas. Devemo-nos, comtudo, curvar á lei do transformismo que nol-os aponta como um dado anterior á nossa propria evolução. A anthropologia nol-os mostra como um grande ramo da raça branca, mas com alguns caracteres especificos.

O desenvolvimento physico e moral do semita é muito precoce e muito rapido; logo, porém, estaciona. Bem cedo as peças anteriores do craneo que contém os orgãos intellectuaes, ficam-lhe fortemente prezas e seguras. O crescimento ulterior do cerebro torna-se impossivel. É o que nol-o affirmam os naturalistas, segundo o testemunho de um serio espirito, ainda que um pouco eivado da *mania do hellenismo*, Émile Burnouf. Nada d'aquillo, em regra, se nota no aryano, cujos progressos são mais tardios e de um mais esplendido futuro. Além de tudo, o semita é pertencente ao typo de povos cujo maior desenvolvimento craneano é na parte posterior; elle é dolichocéphalo occipital, ao passo que os indo-germanicos são dolichocéphalos frontaes.*) Este signal deve ter algum pêso, não para legitimar as affirmações renanicas, mas para prevenir os excessos em contrario.

IV. Nos quatro artigos derradeiros do livro principal do Dr. Tobias encarnou-se uma ideia predominante em seu espirito: a superioridade da cultura allemã sobre a de todos os povos da actualidade e, como ponto opposto, como o nadir d'aquelle zenith, o lastimavel abatimento de Portugal e do Brasil.

A França occupa um lugar intermedio. Atravez da variedade de assumptos alli tocados e esclarecidos resalta aquella nota vibrada de preferencia. Fôra difficil negar a justeza de semelhante pensar. Não

---

*) Émile Burnouf, *La Science des Religions*, Paris, 1872; pag. 318 e seguintes; Z. Moindron, *De l'Ancienneté de l'Homme*, 2me partie, pag. 48.

ha alli exclusivismo e acanhamento de vistas; o critico ama a Allemanha, mas seu amor é filho da reflexão. Nenhum paiz, a seus olhos, como aos olhos de todos os espiritos cultos de hoje, apresenta uma legião tão brilhante de grandes e nobres pensadores. Mas leiam-se com attenção as paginas do critico brasileiro, e vel-o-hemos inclinar-se diante do inglez Darwin, do francez Comte, do belga Laurent, do russo Turgenjew, do americano Emmerson, do dinamarquez Brandes, do italiano Marselli, nomes estes não mui familiares aos ouvidos nacionaes . . . .

A polarisação é completa; o rigor para com os espiritos mediocres que abundam em Portugal e Brasil está justamente em relação ao gráo de enthusiasmo excitado pelos vivos luzeiros de outros paizes. Nenhuma selecção é feita ahi; entre portuguezes, por exemplo, velhos e moços, Alex. Herculano e os jovens reformadores, todos são epigonos, aferidos pelo padrão dos grandes vultos européos. Subscrevo tão serias verdades. Não posso comprehender as distancias e as differenças de altura que se notam de um Garrett a um Theophilo Braga. Não é difficil encontrar quem prefira o primeiro, e quem vote pelo ultimo. Penso que um vale o outro, como homens representativos da evolução intellectual do velho reino. Sob esta relação, não tem senso quem falla no adiantamento de Braga e no atrazo de Garrett. O que fez este ultimo? Incutir de um modo imperfeitissimo no espirito portuguez as reacções que o romantismo, ha mais de cincoenta annos, espalhava da Allemanha sobre a Europa.

E o que tem feito Braga? Não mais do que sujeitar-se á mesma lei fatal que coage os escriptores de seu paiz a ficarem mais de meio seculo atraz da sciencia de seu tempo.

Como poeta, é elle ainda hoje um romantico intratavel; inconsistente e contradictorio sonha com a poesia do *futuro*, elle que escreveu a celebre *epopéa cyclica* da humanidade. Falla em romantismo transformado em vista das necessidades *futuras* e escreve

o poema do *passado!*... Como critico e historiador, seu folego não vai além das inspirações de Schlegel. A grande transmutação, já muito adiantada, produzida em todos os ramos do saber humano pelos pensadores que se acham agora mesmo na frente da historia, paira-lhe á altura inaccessivel.

O moço portuguez é um compilador, sem muita philosophia, que se acha para Buckle ou Lazarus, por exemplo, na mesma distancia em que Garrett se achou para com Goethe ou Walter Scott. Onde, pois, a sua melhor fortuna?

Seu ar de superioridade não é um predicado seu; é a impressão geral do nosso tempo. Tobias Barreto, que não tem, como o poeta e *Literarhistoriker* portuguez, tão desenvolvida a boça da erudição, ás vezes indigesta, Tobias Barreto que nunca escreveu a *epopéa da historia*, ou a *historia* da litteratura d'este ou d'aquelle paiz, sobrepuja-o, não pouco, em senso philosophico e n'uma mais inteira consciencia de nossa epoca.

Ha entre elles uma enorme differença: o escriptor açoriano parece ligar toda a importancia á *quantidade*; para elle o grande empenho de um auctor deve ser multiplicar os volumes muito além do razoavel; o sergipano é mais amigo da *qualidade*; para elle o maior disvélo de um pensador ha de estar em apresentar-se escoimado de todos os tropêços que lhe possam embaraçar a ideia. É por demais fatigante o caminho atravez dos quarenta volumes de Braga; temos por companheiro de jornada um *cicerone* que nos quer mostrar todas as sinuosidades da estrada, e não raro, nos transvia bem longe e fóra de nosso rumo. Sente-se alli um espirito pesado pela erudição mal applicada, sem grandes faculdades syntheticas, que não consegue no fundo de seus quadros destacar a physionomia viva das epocas de que vai tratando. Disse bem d'elle algures o nosso critico: „Ninguem ha, por alli, que melhor autorisasse uma tal qualificação, do que esse moço infatigavel no maniaco empenho de produzir, e produzir ás mãos cheias. Dir-se-hia que para elle foram talhadas as conhecidas palavras do pessimista

judeu: *Faciendi plures libros nullus est finis.*“ *) A qualificação de que se trata é a de diffuso dada por Michaelis a Garrido. As poesias e os artigos, espalhados pelo auctor brasileiro pelos jornaes nos ultimos quatorze annos, podendo, quando muito, condensar-se em seis ou oito volumes de tamanho regular, nos poem em communicação com um espirito vivaz, dotado da optima qualidade de esclarecer o seu leitor em poucas paginas, deixando-lhe, porém, sempre o desejo de continuar a leitura si elle ainda mais se estendesse. Os *Ensaios* são uma prova. Devoram-se a grandes tragos sem deixar o leitor aniquilado como a *bôa-constrictor*, depois de engulir um boi. O Snr. Theophilo Braga tem este privilegio . . . . É com sobeja razão que, na brochura que estudo, o vejo, de parceria com os seus companheiros de lides, julgado pelo que vale. Portugal está decrepito; as duas gerações mais notaveis de pensadores que, n'este seculo, ha produzido: os Garretts, os Herculanos, os Castilhos, e os Bragas, Coelhos e Vasconcellos, não tiveram, e não têm, vigor para o salvar. Ha de continuar a seguir o seu fadario: andar em massa mais de um seculo atraz dos povos intelligentes e productores, repellindo-lhes as grandes ideias, e, quando melhor inspirado por alguns raros individuos, representar o papel de compilador, e este mesmo atrazado sempre uns cincoenta annos, pelo menos. É tambem o apanagio do Brasil. Este paiz não tem impulsos originaes; o instincto da sequacidade é todo seu; não existe uma só ideia deposta entre os thezouros intellectuaes da humanidade que seja oriunda do Brasil.

Quando, entre nós, algum mais bem dotado levanta mais alto a cabeça é sempre illuminado por luz estranha. Luz propria d'este paiz, eu a não conheço; podemos repetir: *Et circumdedit eum Deus tenebris.*

Barreto de Meneses teve um grande merito: resumir em si a consciencia da profunda mendicidade

---

*) *Carolina Michaelis e a nova geração litteraria em Portugal*, artigo publicado na *Provincia* do Recife.

do pensamento brasileiro e atirar o fêl produzido por um tal estado mental em seus escriptos. Ahi o critico cede o lugar ao *propagandista*. N'este sentido, o *Brasilien wie es ist* é o nosso apocalypse. O auctor prega-nos que, renegado o torpor que nos deprime, robusteçamo-nos na cultura européa, representada pela Allemanha. Tem sido accusado de anti-patriota!....*)

É o brado do espirito brasileiro se caracterisando ainda mais; é a estulticia nacional, julgando sempre que o patriotismo está em proclamar nossos rios os maiores do mundo, nossa terra a mais productora, nossas montanhas as mais elevadas, nosso céo o mais esplendido!..... É a celebre descripção do Brasil, em Rocha Pitta, transformada em uma acção reflexa do organismo nacional....**)

O Dr. Tobias Barreto é, ao contrario, um grande patriota. Como poeta, ahi estão seus canticos que tanto enthusiasmo produziram no periodo de nossa ultima guerra, e muito contribuiram para o *voluntariato da patria* em Pernambuco, e, como escriptor, não deixa de sêl-o quem faz votos, com prejuizo de seus commodos pessoaes, para que nos ergamos do somno cataleptico em que estamos mergulhados. N'este ponto, o artigo *Auerbach e Victor Hugo* é decisivo. Ao lado da pintura sombria que faz de nossa mesquinhez intellectual, diz: „... não se julgue que descreio da possibilidade e efficacia de uma reacção contra a tendencia que nos vae levando. Ou seja, porque ainda illude-me um resto de adolescencia credula e descuidosa; ou seja, porque présinto, não obstante o céo carregado, a proxima limpidez da atmosphera, o certo é que não posso resignar-me a achar bóm tudo o que é nosso, e só porque é nosso; nem comprimir, como máo e *anti-patriotico*, o desejo de ver a mocidade conterranea, animada do espirito do tempo, deixar a

---

*) Entre outros, em misero artiguinho apparecido no desfrutavel *periodico illustrado do progresso da edade*, intitulado o *Novo Mundo*, que se publica em New-York.

**) *Revelações physiologicas inconscientes* do organismo nacional, diria o professor Mantegazza.

rota-batida, e seguir melhor caminho. Espero que mais tarde ahi chegaremos.“ *) Si alguma censura se lhe pode fazer, pelo que ahi fica transcripto, é confiar ainda muito no espirito dos nossos moços. Julgo, ao envez, que sempre seremos um povo de quarta ou quinta ordem, quanto ás luctas do pensamento, e que só chegaremos á grande cultura com a marcha com que até aqui temos andado, isto é, recebendo um ou outro impulso do exterior á pezar nosso.

Fomos uns copistas de Portugal; depois passamos á França; o moço critico, que sabe muito bem que somos incapazes de tomar qualquer direcção por nós mesmos determinada, aponta-nos para um outro alvo. É preciso estudar um pouco de perto esse anhélo. Brada-nos no artigo *Socialismo em Litteratura*: „Quebremos as taças em que até hoje saboreamos as mephiticas doçuras da civilisação franceza; e volvamo-nos para a Allemanha. No dominio das ideias, no que toca á *necessidade de uma reforma intellectual*, é o que nos pode salvar.“ Este pedaço deve ser entendido habilmente. Em regra, não é um bom exemplo aconselhar a uma nação que siga a outra; mas isto deve se comprehender com relação aos grandes povos, áquelles que podem representar um papel original na historia. Para com os povos mediocres, ou quasi nullos, a cousa muda muito de figura. Elles devem ser compellidos a tomar os avisos salutares, sob pena de perda irremediavel. Improprios para reformarem-se por si, hão mister de uma escola severa fornecida pelo estrangeiro. Mas duas são as grandes manifestações no dominio das ideias: a sciencia e a litteratura. Quanto á primeira, o Dr. Tobias Barreto é muito illustrado para pretender que ella seja um patrimonio da Allemanha, como uma intelligencia má do seu pensamento tem podido suggerir.

A sciencia contemporanea é um coefficiente da civilisação occidental, tendo, é certo, na Allemanha sua séde principal. Não foi, pois, d'ella especialmente

---

*) *Ensaios e Estudos*, pag. 78.

que o auctor dos *Ensaios* quiz fallar. Quanto á litteratura, elle é muito bom poeta para pretender que o cunho da nacionalidade possa d'ella no todo ausentar-se. Quer n'um, quer n'outro ramo, elle teve, sem duvida, em vista a disciplina do pensamento, a severidade da investigação, juntas á sinceridade do sentimento e á exactidão da expressão, que constituem o sello da intelligencia tedesca. Quer que contraiamos tão salutares habitos no estudo severo da sciencia e da litteratura germanicas, incontestavelmente as mais fecundas da actualidade. É o conselho mais benefico e proveitoso que se nos podéra hoje dar.

Deixo de acompanhar detalhadamente o nosso auctor nos quatro ultimos artigos de seu volume, para consagrar algumas linhas a desenhar-lhe os traços geraes de sua physionomia de escriptor. Comquanto ainda não tenham apparecido as outras livrações de sua obra, onde devem ser incluidos os seus bellos estudos de direito publico, de critica litteraria e de philosophia, é possivel desde já dar um esboço de sua figura.

O Dr. Tobias Barreto é, antes de tudo, um *reactor*, e, até certo ponto, um *propagandista*. Na qualidade de reactor, lido, como é, em muitos dos ramos da sciencia de hoje, investe contra o nosso deploravel atraso, e assume um certo ar de rudeza, não proposital aliás, e indispensavel ao bom exito de suas tentativas.

Sua propaganda é indirecta; elle não tem o espirito aberto ás relações com a multidão; ama o isolamento e gosta de apparecer no singular. Ainda assim, pela força e disposição incisiva de seu estylo, suas ideias deixam-se abraçar; mas o numero dos adeptos é sempre limitado.

Não sei si abuso, dizendo que tenho uma prova d'isto em sua carreira de poeta. O maior numero de seus companheiros de escola o não estimava, entretanto . . . quasi todos eram levados pelo capricho de suas inspirações! . . . Não se deve attribuir á inveja os amúos de seus rivaes, e repetir com o historiador de Roma *invidiam gloria vicisti*, não; aquillo era um

resultado da propria natureza de seu talento. Levanta em torno de si a poeira, crea inimigos, para tambem crear grandes dedicações.

Juntae a isto, um delicado senso em apoderar-se das insinuações mais novas e livres da sciencia e da philosophia, uma dose ligeira do pessimismo de Hartmann, mais forte do positivismo de Comte, do darwinismo de Haeckel, sem tornar-se o escravo de nenhum d'estes systemas, e ahi tendes uma ideia do seu espirito. D'elle restará, antes de tudo, o exemplo.

Abandonado, só, desdenhado até, sem parte alguma no ferrenho funccionalismo que tudo estraga e pollue n'este paiz, o que não deixa de dar-lhe uma enorme vantagem, ousou avistar-se com os prejuizos, e resistir a todas as facções, apontando essa grande patricia nossa — a ignorancia, tendo assento em toda a parte, desde a tripeça do baixo operario até as altas poltronas da grande administração. Abandonado, só, ousou clamar contra o ingrato exclusivismo da lingua portugueza, e expandir-se n'estas fortes palavras: „Nun aber kann es keinem Zweifel unterliegen, dass wir Brasilianer, durch die Exclusivität der portugiesischen Sprache mehr, als durch unsere geographische Stellung selbst, isolirt worden sind von den Centren der europäischen Geistesbewegung, und zwar nur zum eigenen Schaden.“ *)

É uma nobre individualidade, animada do amor do verdadeiro, cujo brilhante exemplo nos poderá levar a melhores posições no caminho das investigações desinteressadas.

N'elle estão resumidos, crystallisados os sonhos que é dado brotar n'alma brasileira no momento actual. Alli sente-se um como irradiar do futuro. O sergipano, no desenvolvimento brasileiro, na consciencia pessimistica de nosso atraso, é um ponto central; é um d'aquelles de que diz Alfred von Wolzogen: „Diese Individuen bilden die Centralpunkte der Entwickelung.“

*) *Deutscher Kämpfer*, nº 2, de 31 de Agosto de 1875.

CONCLUSÃO.

É este o quadro da philosophia no Brasil. Julgo-o completo, apezar de ter deixado á margem algumas obras de auctores nossos, que entendi não dever contemplar. São: o *Compendio de Philosophia* de Fr. Itaparica, lente de theologia no Seminario bahiano e o do Dr. Moraes e Valle, lente de chimica na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro. Taes obras são d'aquellas que estão abaixo da critica, e não devem figurar n'um trabalho serio.

Não fallei tambem dos *Pequenos Ensaios Positivistas,* e das *conferencias* sobre o *darwinismo* dos Sñrs. Miguel Lemos e Miranda Azevedo; porque não passam de ligeiras tentativas ainda pouco firmes, e destituidas de originalidade. Comquanto os seus auctores sejam moços de talento e que fundamentam justas esperanças, os dois productos a que me refiro não são mais do que reproducções quasi servis de ideias alheias.*)

A *Alma e o Cerebro* do Sñr. Gonçalves de Magalhães, de que já dei uma noticia, é um livro enfa-

*) A proposito de uma noticia que do livrinho do Sñr. Miguel Lemos deu E. Littré na *Revue de Philosophie Positive,* o Sñr. Alberto de Carvalho, advogado fluminense, dirigiu áquelle sabio uma carta em lingua franceza, carta que é uma das maiores vergonhas intellectuaes d'este paiz. A *Lettre à Mr. Littré* ultrapassou, em disparates de todo o genero, ao celebre *Droit au Meurtre* dirigido a E. Renan!... Entretanto, estas duas miserias espirituaes brasileiras foram applaudidas pela imprensa do Rio de Janeiro como verdadeiras maravilhas!...

donho, segunda edição dos seus *Factos do Espirito Humano*. Apparecido, como já deixei notado, durante a impressão d'este ensaio e quando já estava prompto o capitulo relativo ao seu auctor, julguei não dever interromper a minha marcha por amor ao Sñr. Visconde, quando era certo que elle nada nos vinha offerecer de novo e de importante.*) Nenhuma publicação significativa e meritoria, pois, appareceu no terreno da philosophia, entre nós, nos ultimos dois annos, que deva mencionar. Faz uma honrosa excepção a interessante *Carta Publica á Imprensa Allemã* por Tobias Barreto, apparecida recentemente e que permanece de todo ignorada pelo sublime publico da côrte.

Como o *Brasilien wie es ist* é o que demais incisivo conheço sobre as nossas fraquezas intellectuaes, *Ein offener Brief an die Deutsche Presse* é o que de mais lucidamente terrivel tenho lido sobre nosso lastimavel estado politico e social.

Este pequeno escripto indirectamente é que se prende ao nosso assumpto, e por isso d'elle darei somente uma rapida noticia.**)

---

*) Sobre a ultima obra do Sñr. Visconde de Araguaya appareceram no Rio de Janeiro dois pequenos folhetos: um soffrivel pelo Sñr. Teixeira e Souza, moço estudante de medicina, que tem mais de sonhador do que de philosopho, e outro devido á penna do Sñr. Dr. Herculano Bandeira Filho, empregado publico do ministerio da Justiça, opusculo onde não se pode bem determinar em que o seu auctor mais pobremente exhibiu-se, si no desmantêlo da forma, ou na trivialidade do fundo . . . Não sei quem lhe incutiu no animo a vaidade de occupar-se de taes materias?!

**) Não é que eu julgue os assumptos politicos e sociaes fóra da alçada da philosophia. Ao contrario, sei bem que hoje a verdadeira philosophia, aquella que se funda nas sciencias particulares, é a *sociologia*, essa immortal creação de Comte. Como, porém, entre nós, taes assumptos, bem como os religiosos, não têm sido tratados com methodo e rigor scientificos, e sim á luz de ideias preconcebidas dictadas pelos partidos, as obras que d'elles têm-se occupado foram jogadas fóra do nosso quadro. É assim que, entre outras, na ordem social: o *Socialismo* por Abreu e Lima, a *Provincia* por Tavares Bastos, o *Cathecismo Constitucional* por Agesiláo, e na ordem religioso-politica: as *Biblias Falsificadas* por Abreu e Lima, a *Igreja*

O novo trabalho do escriptor sergipano foi escripto a proposito, e como refutação, de uma circular, pejada de insensatos encomios aos nossos imperantes e ao nosso paiz, publicada na *Weser-Zeitung* por occasião da ultima passagem dos nossos monarchas pela Allemanha.

De um homem como o nosso philosopho não se havia de esperar que tomasse a penna sómente para desmanchar um tecido de fagueiras falsidades. Elle devia penetrar um pouco amplamente em nossa vida publica e ostentar aos olhos da Europa illudida as nossas miserias de povo semi-barbaro.

Foi justamente o que elle fez. Tanto mais insuspeito é o seu juizo, quanto funda-se nos factos, e o nosso escriptor não pertence a nenhum dos partidos politicos que nos dividem. Antes havia escripto: „Não sou, não posso ser conservador e isto por indole. Liberal, não sei si sou, ao menos entre nós os liberaes me repellem, e eu de minha parte os acho soffrivelmente ridiculos, desde os chefes que compromettem o partido, até qualquer d'esses desfrutaveis *quarenta-eoitistas* que têm na parede o retrato de Nunes Machado abaixo do *registro* de N. S. da Penha, sem fallar no resto. E quanto a republicano, teria, não mêdo, porém pêjo de sêl-o. Para ter-se-me em tal conta, por força dos meus escriptos, é de suppôr que se maneje um principio velho e estragado, o *principio de contradicção,* que entre nós, e em materia politica, de bipede que era, tornou-se tripede: A, B, C; — o que não é A, é B, o que não é A nem B, é C; quem não é conservador, é liberal; quem não é um nem outro é republicano. Acho eu, porém, que com este *covado*

---

e o Estado por Saldanha Marinho e *Rom vor dem Tribunal des Jahrhunderts* pelo escriptor allemão-brasileiro Carlos de Koseritz não foram apreciadas n'este escripto para sêl-o em outro livro meu *As Sciencias sociaes e politicas no Brasil.* O opusculo de Tobias, prendendo-se a esta ordem de escriptos, contém vistas tão geraes e philosophicas, que me forçam a contemplal-o desde logo. No mesmo espirito são seus novos artigos na *Igualdade,* e seu *discurso* no *Club Popular Escadense.*

não se tomam todas as dimensões. Porquanto não será possivel, sinão *fazer*, ao menos *pensar* politica por outro modo? O que eu sou, pois? Talvez uma d'essas naturezas problematicas, a quem nada contenta, sinão desmontar todas as peças dos velhos conceitos e pôr tudo em questão; nunca e nunca, porém, um *evangelist of waste*, na phrase de Buchanan."

Com este preliminar estamos habilitados a lêr a obrinha do nosso auctor.

Para se fazer uma ideia, ainda que longinqua dos elogios impossiveis aos nossos monarchas exarados na circular confutada por Tobias, basta que o leitor lance os olhos sobre as palavras que lhe vou traduzir. Diz a *Weser-Zeitung*, fallando de D. Pedro de Alcantara: „Entre as occupações scientificas elle concede o maior cuidado ás linguas, e á astronomia, e especialmente applica ás linguas mais novas (?) uma grande predilecção. Faz avançar a archeologia, a historia e as sciencias naturaes, e desenvolve, n'este ponto, uma assombrosa copia de conhecimentos. Em assumpto algum se lhe pode fazer a censura de superficialidade. Os exercicios corporeos não são por elle desprezados de modo algum; ao contrario ainda hoje os aprecia, e mostra-se um destro e temeroso cavalleiro, um habilissimo jogador de esgrima e de bilhar." *)

Dirigindo-se á imperatriz, escreve a gazeta allemã: „Ella dá-se todo o trabalho possivel para arrancar o bello sexo brasileiro de sua preguiça intellectual e refrear sua inveterada inclinação para os prazeres." **) Estas vergonhas, mandadas escrever por pennas mercenarias, não podem ter uma resposta seria. O sergipano impoz-se a penitencia de dal-a; o ridiculo, comtudo, essa arma que só sabem manejar os espiritos intelligentes, teve tambem entrada em seu trabalho. Eis aqui um bom especimen: „Conta-se de um capu-

*) *Ein offener Brief*, por Tobias Barreto de Menezes, Escada, 1878, pag. 11, 12 e 13.

**) *Ein offener Brief*, pag. 21.

chinho italiano, não familiarisado com a nossa fauna, que elle uma vez informou-se de alguem qual o animal mais feroz do Brasil, com a intenção de enriquecer sua rhetorica religiosa com feras bravias para effeito apparatosamente ameaçador. „A *nambú*", respondeu o bregeiro. Ora, a *nambú* é um passaro pequeno e timido, uma especie darwinica da perdiz. O padre, porém, entendeu por ella um monstro de quatro pés e irresistivel, cujo unico nome não sem medo os crentes desejariam ouvir, tanto como a simples presença do animal significa uma morta certa. Depois d'isto convencido, subiu o padre para o pulpito. Mas, oh! desgraça! ... Apenas abriu elle a bocca e ameaçou os peccadores com as garras e os dentes do monstro, apenas pronunciou o nome terrivel, rompeu do auditorio uma gargalhada homerica ..... Ora, pois; *mutato nomine de te fabula narratur*. É o que acontece aos amigos elogiastas do imperador com a sua ingenuidade. Porquanto é tão estolido e ridiculo proclamar a *nambú* uma fera monstruosa, como a D. Pedro um monarcha sabio e diligente." *) Bem achado e bem dito.

Por não ser Tobias um republicano practico, não é, por isso, um monarchista theorico, e julga do nosso actual estado politico com a maior independencia. „Eu não sou um republicano, diz elle, um devorador de reis *à la Gambetta*; mas não sou tambem um amigo de reis; porque não amo, nem detesto a realeza. Eu a tolero apenas. Ella e a Igreja se me antolham como orgãos rudimentares da sociedade humana, os quaes, como os orgãos rudimentares do individuo, têm de extinguir-se, qual aconteceu á cauda de nossos antepassados prehistoricos." **)

Vê-se que a intuição politica de Tobias Barreto firma-se no darwinismo, admittindo a monarchia como um orgam social que tende a gastar-se. E quem a

*) *Ein offener Brief*, pag. 34.
**) *Ein offener Brief*, pag. 10.

substituirá? É ao que elle não responde; mas percebe-se que será um governo, á maneira do governo ideiado por Spencer, reunindo em si o menor numero possivel de funcções; por que a maior parte das actualmente exercidas pelo Estado passarão para a sociedade.*)

Elle se insurge contra a mentira que nos devora. „O grande *primum mobile* d'este paiz é a *mentira:* mentira politica, mentira poetica, mentira religiosa, mentira moral, que se repetem em todas as phases da vida.- E sobre tão colossaes mentiras officiosas grava-se a figura do imperador com seu *liberalismo e sua cultura.***)

Não se pode dizer melhor; a mentira e o jesuitismo practico têm falsificado as consciencias n'esta epoca de transacções indecorosas e prejudiciaes.

O paiz atira-se ao desconhecido sem saber o seu caminho, acalentado pelas phrases dos rhetoricos, e pelo atrazo dos estadistas, que não sabem da grande mutação scientifica e social, que a humanidade atravessa nos dias de hoje.

Entretanto devemos nos salvar, appellando para a sciencia „sin esperar discursos ni cantos, porque la salvacion de un pueblo no admite demora, ni es cuestion de música" para fallar com o distincto hespanhol Roque Bárcia.***)

„Os partidos politicos entre nós, diz Tobias, valem para mim a mesma cousa. Eu busco em balde o que elles significam. Tudo no Brasil: Deus e o diabo, o papa como o imperador, a igreja, o theatro, a bolsa, a monarchia, a republica, tudo tem o seu partido... Só a liberdade não tem o seu; digo a liberdade especialmente como *sentimento de honra e de dever*, e não como *deusa*, ou *phantasma* de que tão enthusiasticamente fallam os nossos liberaes.†)

---

*) Herbert-Spencer, *Principles of Sociology,* passim.
**) *Ein offener Brief,* pag. 20.
***) *La Justicia Federal,* de Madrid, 8 de Junio de 1873.
†) *Ein offener Brief,* pag. 36.

Tal é; precisamos justamente da liberdade; mas da liberdade que honra o individuo, da liberdade que lhe permitte viver como homem de bem, e não asphixiado, por necessidade, nas miserias intellectuaes que nos deturpam; da liberdade que deixa a cada um cumprir o seu dever, não o dever bastardo a que uma legislação fossil obriga; mas o dever que a sciencia prescreve. É d'essa que necessitamos e não das declamações dos partidarios e das posições theatraes do imperador. Para não deixar de mostrar ao meu leitor todo o pensamente de Tobias Barreto, traduzo mais as linhas que se seguem: „Quando nos livraremos de semelhante farça? A já tão velha farça de um verdadeiro rei liberal, que é alguma cousa de tão contrario á natureza e cheio de impossibilidades como uma arvore de ferro, ou um boi com azas, para não fallar com Castellar de um Deus athêo? O que diria o malicioso Metternich, elle para quem um papa liberal, em seu tempo, parecia uma mascara, si tivesse vivido até esta creação phantastica de um liberalismo regio? Um rei como philosopho, um rei como pensador e desprezador das vaidades mundanas não toca só ao absurdo; é para mim inteiramente inintelligivel. E, todavia, quer me parecer que deveria ser, em tal caso, a primeira obrigação do Diogenes coroado o renunciar ao throno e ao sceptro.“ *)

Tal é o sentido geral, dado rapidamente, da novissima publicação do auctor dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica.* Pela solidez e elevação das ideias é o quo de melhor temos produzido sobre os deliquios e as sombras de nossa vida publica. Dista seu espirito immenso da ideia e da intuição de tudo quanto no assumpto estavamos acostumados a ler, como, por exemplo, o declamatorio e mesquinho *Libello do Povo* pelo pasquineiro *Timandro*, que começou demagogo para acabar senador do imperio! . . . .

Um dos exemplos do modo anti-scientifico porque

---

*) *Ein offener Brief,* pag. 37 e 38.

entre nós se apreciam as nossas luctas politicas e sociaes, temol-o na maneira porque se têm julgado as nossas pequeninas revoluções anteriores e posteriores á Independencia. É ou o elogio desponderado ou a detractacção caprichosa a todas ellas, conforme os moveis do escriptor. É o que acontece, verbi-gratia, com o *Primeiro Reinado*, livro informe e desconchavado apparecido, ha pouco. no Rio de Janeiro. Seu auctor amesquinha 22, Pedro I. e os Andradas, pelo que pouco o accuso, para, depois, elogiar desbragadamente, e sem criterio, a 31 e a Evaristo da Veiga!... Feito o balanço, onde os motivos d'esta predilecção acintosa e anti-scientifica? Percebe-se perfeitamente que o auctor d'esse livro é ainda um d'aquelles para quem Pedro I. foi um heroe, J. Bonifacio um sabio, Antonio Carlos um propheta, e Evaristo um genio!.... Quiz em parte curar-se de semelhante mania quanto aos primeiros; mas a conservou para o ultimo!.... De forma que não temos tido sinão pasquineiros e declamadores. É o que se dá com os juizos sobre o nosso governo de uma parte, e o povo de outra; ou elogiam a ambos, ou um em detrimento do outro. Precisamos de um methodo mais elevado e justo.

Passando em revista os velhos partidos, Tobias escreveu com força e verdade, e mostrou-se desligado de todos. Mas os que tambem estamos desligados de todos os bandos politicos do paiz, e que pertencemos á republica opportunista, não ao molde por que se nos a tem proposto, e sim como ella ha de ser preparada pela força da historia, e fundamentada pela sciencia. podemos contar com Tobias Barreto de nosso lado. Elle tem *pêjo* da republica, mas da republica de Borges da Fonseca e de Barros Bulcão, a republica dos pedantes e amaldiçoadores, dos ignorantes e malucos . . . D'essa livre-nos Deus.*)

*) Eu não sei si o leitor conhece Borges da Fonseca e Barros Bulcão. São dois bachareis infelizes, partidarios da *republica universal,* residentes em Pernambuco, não sei si já fallecidos, e que foram por muitos annos a incarnação a mais perfeita da velha *democracia brasileira.*

Cheguemos ao nosso termo.

O leitor já deve, desde muito, ter percebido as conclusões d'este livro, qual a philosophia de seu auctor. Tenho mister, comtudo, de tocar ainda n'este ponto e defender-me de uma objecção pessoal. Esta versa sobre o facto, que aos olhos de alguns equivale a um signal de incompetencia para tratar de assumptos scientificos, de ser o auctor d'este livro *poeta* e bacharelado em *direito*. Antes de tudo, cumpre-me ponderar que eu não devo ser julgado *á priori* e sem ser lido; mas á vista de meus escriptos e depois d'estes meditados. É isto simplesmente cousa a que todo o escriptor, grande ou pequeno, tem direito.

Mas que o facto de escrever alguem poesias não o fere com o estygma de incapaz de cultivar outros ramos das manifestações intellectuaes, basta lembrar o caso de Goethe poeta e naturalista n'Allemanha, de Disraeli poeta e homem de Estado na Inglaterra, de Quinet poeta e historiador em França, de Gubernatis poeta e mythologo na Italia, de Herculano poeta e historiador em Portugal. Quanto a ser bacharelado em direito, é sufficiente não esquecer que se deve distinguir entre o que se aprende nas nossas nullas academias e o que fóra d'ellas se pode estudar. É certo que para dar-se uma direcção positiva ás ideias, é preciso comprimir e afugentar d'ellas tudo quanto alli se ensina.

Pelo que me toca, ha sido a minha vida intellectúal uma constante e dolorosa lucta para arredar da mente o que n'ella foi depositado pelo ensino secundario e superior que me inocularam, e substituir tão frageis e comprommettedoras noções por dados scientificos. Ora, por ter-se um diploma de *direito*, em taes circumstancias. não é isto um impecilio invencivel.

Como o não foi para Ed. Lartet ser um dos promotores da moderna paleontologia humana; como o não foi para Rudolf von Ihering transplantar para o direito as modernas noções das sciencias biologicas; para Theophilo Braga ser o primeiro historiador critico

da litteratura de seu paiz, e um dos iniciadores do positivismo acolá! E é o que tambem se dá em nosso paiz com Tobias Barreto, o nosso primeiro philosopho critico; com o Visconde do Rio Grande, o nosso primeiro naturalista philosopho, com o Dr. Couto de Magalhães, o nosso primeiro ethnologo. Á luz de taes ideias e factos, bem se comprehende a que fica reduzida a objecção pessoal que me pode ser assacada por algum dos nossos medicos e engenheiros, cujos cursos de estudos não são, aliás, melhor organisados, entre nós, do que os cursos de direito. Todavia, eu não me quero dar por mais do que sou em materia litteraria e scientifica, isto é: um simples discipulo, que busca somente ser applicado e consciencioso, diligente e emancipado. Quem déra que todos os nossos pretendidos *savants* tivessem esta franqueza.

O meu systema philosophico reduz-se a não ter systema algum; porque um systema prende e comprime sempre a verdade.

Sectario convicto do *positivismo* de Comte, não na direcção que este lhe deu nos ultimos annos de sua vida, mas na ramificação capitaneada por Émile Littré, depois que travei conhecimento com o *transformismo* de Darwin, procuro harmonisar os dois systemas n'um *criticismo* amplo e fecundo.*)

Nem é isto alguma novidade exquisita, quando a tendencia philosophica principal n'Allemanha, Inglaterra, França, Italia e Hespanha na actualidade é justamente este criticismo independente, firmado nos dados positivos, especie de *neo-kantismo*, não por ir

---

*) Diz o Sñr. Miguel Lemos, nos seus *Pequenos Ensaios Positivistas,* que a obra do Dr. Luiz Pereira Barreto foi o que primeiro se publicou no Brasil sobre o positivismo. É certo como livro; mas em jornaes, pelo que pude colher e posso asseverar, os primeiros escriptos em que vi exposto aquelle systema, em lingua portugueza, foram uns artigos de Tobias Barreto publicados no *Correio Pernambucano* em 1869. Desde esse tempo comecei tambem a estudar e a escrever sobre esta ordem de ideias. Veja-se o meu escripto *A Prioridade de Pernambuco no Movimento Intellectual Brasileiro.*

pedir ideias a Kant; mas por tomar-lhe o espirito. N'este sentido o moderno „Es muss auf Kant zurückgegangen werden" é verdadeiro.

As tendencias philosophicas d'Allemanha hoje se podem reduzir a tres: o pessimismo, o naturalismo monistico e o criticismo. O primeiro é uma continuação da metaphysica; o segundo uma reacção contra ella, exagerando-se, porém, um pouco como concepção systematica; o ultimo aproveita as conquistas d'este, sendo mais livre e despreoccupado.*)

Na França o movimento philosophico apresenta tambem agora tres tendencias caracteristicas: o espiritualismo eclectico, o positivismo orthodoxo e o criticismo. O primeiro é um resto da escola de Cousin; o outro uma reacção profunda e capital contra a metaphysica, exagerando-se, por sua vez, como organisação systematica; o ultimo aproveita-se das conquistas modernas e é mais justo. É o que se dá com a Inglaterra; existe tambem alli uma tendencia critica, mui distincta do criticismo antigo, e onde se deparam com alguns dos primeiros nomes da sciencia moderna, como Huxley, Tyndall, Bain e Lewes.

Entretanto, certos pequenos e emperrados positivistas brasileiros, incapazes de dar-se conta do estado actual do pensamento de taes sabios, allemães e inglezes citados por ultimo, cujos trabalhos de todo desconhecem, julgam que a sciencia humana está toda contida no *Curso* de Comte, e nos livros de Littré.**)

---

*) Os promotores d'este criticismo podem-se considerar os celebres naturalistas, dos mais conspicuos de nosso tempo: Helmholtz, Du Bois-Reymond, Virchow e C. von Nægeli. Veja-se do 1º: *O pensamento em medicina*, e mais *A liberdade academica nas universidades allemãs*; do 2º: *Darwin contra Galiani; Historia da sciencia; A historia da civilisação e as sciencias naturaes*, e tambem *O Ensaio sobre os limites da sciencia;* do 3º: *A liberdade da sciencia no estado moderno;* e do 4º: *Os limites da sciencia.* Estes escriptos são conferencias publicas d'estes sabios em algumas cidades da Allemanha.

**) Assim me exprimindo, não me refiro ao Dr. Luiz Pereira Barreto, cujos artigos ultimos, por exemplo, a respeito do retrogrado e mediocre Conselheiro J. Bonifacio são das melhores criticas objectivas que tenho lido n'este paiz.

E, quando se lhes diz que o positivismo não é só o d'elles, e nem é um privilegio seu; porque elle é mais vasto do que o fizeram aquelles dois illustres francezes, acham o dito de todo exagerado.

Julgam, por exemplo, que a transformação do *comtismo* pela doutrina *darwinica* é um phenomeno impossivel! A semelhante desconchavo, indigno de pessoas que pensam, não acho que seja preciso subir a uma demonstração detalhada. Basta indicar um facto concreto e salientissimo, quaes são as *obras* de Herbert Spencer.

Eu não sei si ainda haverá entre homens que se occupam de philosophia quem ignore que este celebre escriptor inglez, que como pensador é mais profundo do que Littré (apezar d'este não ser só para mim o que d'elle disse Michelet), e cujo monumento philosophico tomado no seu todo é mais imponente do que o do proprio Comte, eu não sei si ainda haverá, digo, quem ignore que elle abraçou *muitas ideias* d'este ultimo e repelliu outras, e que tambem desenvolveu e fecundou a sua doutrina pelo *darwinismo* de que foi até um dos predecessores. Eis ahi a possibilidade da juncção harmonica das duas correntes de ideias, sem duvida alguma, as mais fecundas que nosso seculo viu surgir.

Sou eu, pois, sectario do positivismo e do transformismo? Sim; entendendo-os, porém, de um modo largo e não sacrificando a minha liberdade de pensar a certas imposições caprichosas que os systemas possam, por ventura, apresentar.*)

Um ponto em que se pode bem apreciar a differença que vae de um tal criticismo scientifico para os systemas exclusivos é o celebre debate da origem do universo. Lançando os olhos sobre a philosophia contemporanea, tres respostas capitaes se deparam sobre tão magna questão: a dos materialistas puros, que continuam a tradição do materialismo sêcco

*) Vide Silverio Lagreca, *O Naturalismo em medicina.*

do seculo passado, que dizem ser tal origem *a força;* a dos espiritualistas fanaticos, continuadores dos theosophos de todos os tempos, que dizem ser ella *Deus*, e a dos positivistas classicos que proclamam estar ella além de nosso alcance intellectual. A primeira resposta é simplesmente pretenciosa; porquanto o que vem a ser a força, e que força é esta existindo no vacuo? E, si existe adjuncta á *massa*, como querem os geometras, donde veio esta massa? A questão subsiste de pé. A segunda tambem é puramente caprichosa em dar-nos Deus como um objecto de sciencia, e cuja vida e acção intimas são tão conhecidas como se determina, por exemplo, o desenvolvimento de um animal ou a marcha de uma molestia. A terceira é evidentemente um progresso sobre ambas; ninguem dirá, comtudo, que esclareceu o debate. „C'est un océan qui vient battre notre rive, et pour lequel nous n'avons ni barque ni voile." Muito bem, como meio de resignação e não como um achado scientifico especial. O criticismo entende que se deve distinguir ahi entre a *origem* e a *formação* ou desenvolvimento do universo. Esta ultima é explicavel pelas leis descobertas pela sciencia moderna, como sejam a immanencia, a unidade dos seres, a evolução, a transformação e equipolencia das forças . . . . Quanto, porém, á origem, é mister recorrer-se a um principio superior, qualquer que elle seja, e cuja natureza não pôde ainda ser determinada scientificamente, mas que pode ainda sêl-o de modo incontestavel, e que não é nem a *força* dos physicos, nem a *massa* dos mathematicos, nem o *Deus* amesquinhado de certos theologos.

Ahi é que sempre appareceu o Deus vivificante, que sempre alegrou o coração popular.

Quanto á sciencia em geral, com seus problemas e as suas trévas, o criticismo não tem presumpções. Pelo orgão de Du Bois-Reymond pronuncia sobre muitas questões o *ignoramus et ignorabimus.* Pelo de Nægeli:

„Renunciemos ao impossivel, e contentemo-nos, como homens finitos e passageiros que somos, com as vistas humanas, sem querer pretender a um saber divino. Nós poderemos dizer então com toda a confiança:

„Wir wissen und wir werden wissen.“ *)

---

*) Carl von Nægeli, de Munich, *Os Limites da Sciencia,* nserto na *Revue Scientifique,* de Paris, nº de 13 de Abril de 1878

ADDIÇÕES.*)

Como nota terceira da pag. 49, depois da ultima palavra da linha 22, deve ler-se o seguinte:

***) Depois d'isto escripto, tive occasião de vêr a sua *Batalha de Avahy*, que me pareceu um excellente quadro.

Ao final da nota terceira da pag. 70, accrescente-se: e Wundt, *Grundzüge der physiologischen Psychologie.*

Depois da ultima palavra da linha 4, a paginas 136, deve ler-se esta nota:

*) A philosophia critica, que é inimiga de todo o dogmatismo pretencioso, nem por isso bane as expressões: Deus, Providencia, espirito, immortalidade, liberdade . . . „autant de bons vieux mots, un peu lourds peut-être, que la philosophie interprétra dans des sens de plus en plus raffinés; mais qu'elle ne remplacera jamais avec avantage", para repetir as celebres palavras de Renan. O criticismo não repelle taes expressões, nem contesta os factos que ellas exprimem; o que faz é explical-as de um modo novo, e original. Assim, Deus é a grande origem ainda não demonstrada scientificamente; a Providencia são as leis estabelecidas pelas sciencias e que governam o universo; o espirito é o ideial das expansões humanas; a immortalidade é um attributo do universo; a liberdade é como o pensamento, a sensação, a electricidade, o movimento, um predicado da materia devidamente organisada para produzir estes

*) Por não haverem chegado a tempo, não puderam ser insertos em seus proprios lugares os accrescentamentos introduzidos pelo o auctor em seu escripto, e que sob a rubrica — Addições —, se appensam agora aqui.

(Nota da Typographia.)

phenomenos. Taes são as soluções que a philosophia critica pode dar a tão temerosos problemas, inspirada na sciencia, e sem todavia, ter a minima pretenção de tel-as por definitivas.

Em seguida á linha 25 da pag. 151, leia-se esta nota:

***) Quando isto se escreveu ainda vivia o natavel historiador. Permaneço no meu juizo.

Como nota e depois da ultima palavra da linha 18, pag. 152, leia-se egualmente o seguinte:

*) Quando foram estas palavras escriptas ainda vivia o celebre romancista; a critica imparcial, porem, que visa ás obras e não ás pessoas, não é d'aquellas que tem uma linguagem para os vivos e outra para os mortos.

Ainda como nota, e, em seguida á linha 6, pag. 168, se deve ler esta addição:

*) Assim me expressava antes de ter o Sñr. Theophilo Braga, *par un tour de force,* começado a occupar-se de philosophia e a revelar-se sectario do positivismo. O antigo discipulo de Schlegel em critica litteraria, e que soffrêra, até certo ponto, a influencia de V. Hugo em poesia, de Michelet nas suas ideias sobre o desenvolvimento do direito e da poesia popular, e a de Taine em certas vistas, de historia litteraria, renegadas, sem duvida, algumas das suas opiniões favoritas, depois que Littré lhe dirigiu umas palavras de animação, passou-se para a escola positivista. Vai n'isto, a meu ver, um não pequeno progresso. Braga resgatou assim alguns de seus defeitos.

ERRATAS

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
IX	6	*La Méthode e La Science*	*La science et les systèmes*
„	25	*Sergipano*	*Brazileiro*
„	27	*Generalisação da Litteratura Brazileira*	*A Litteratura Brazileira e a Critica Moderna*
6	38	90.	104.
14	2	Cabanis	Diderot
„	40	anda	nada
16	13	Condillacista	condillacista
„	30	o do Sñr.	os do sñr.
„	32	bebida	bebidos
„	„	medecina	medicina
17	22	diz elle distinguindo	diz elle, distinguindo-a
19	38	Essa	A
20	2	aquella	esta
22	4	como philosopho só tem esta obra	como philosopho tem esta obra
27	16	abscuro	obscuro
30	13	se mostrando	se mostre
„	17	*ultimos*	*finaes*
37	30	conceder	conceber
38	36	Theologia	theologia
„	37	Theologia	theologia
44	12	foi, a certos respeitos,	foi, n'este sentido,
51	10	nutridos das	nutridos pelas
„	36	pelo materialismo	pelo pretendido materialismo
53	32	consommem	consomem
58	5	estericos	hystericos
59	27	um	uma
„	28	abusão	pretenção
60	23	exhala	exhalão

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
60	27	não sabe o que seja;	não sabe ao certo o que seja;
"	29	divino	*divino*
61	8	cousas	causas
"	9	cousas	causas
"	22	decidido.	exclusivista.
62	5	estupidos	tolos
63	11	em francez	em mau francez
"	13	à n'être le faux	s'il n'est sot
65	20	de conhecer,	de conhecer todos,
73	"	ao materialismo	ao realismo monistico
74	6	seus	alguns
"	13	os positivistas	taes positivistas
"	24	Luis Pereira	Luis Barreto
75	2	materialismo	realismo
77	19	realismo materialistico	realismo scientifico
78	7	Dr. Pereira	Dr. Barreto
"	9	o digno dilettanti	o digno medico
"	12	O illustre medico	O illustre sabio
81	31	Luis Pereira	Luis Barreto
84	5	Dr. Pereira	Dr. Barreto
"	26	a incapacidade	a opiniaticidade
"	28	naturalismo materialista	naturalismo scientifico
85	16	livrinho de Dumont!	livro de Ribot.
86	19	O Darwinismo	O darwinismo
87	15	materialismo	naturalismo
90	38	é tambem	foi tambem
91	26	governo;	Estado;
92	7	estas palavras	as palavras abaixo
93	4	por	pôr
95	22	cultura	altura
96	24	publica	publicava
97	13	tem	têem
98	2	desapercebido	despercebido
104	20	quem disse ao escriptor	como sabe scientificamente o escriptor
105	18	não havia precisão de	não seria necessario
107	11	tem	têem
109	3	tem	têem
113	27	Vejamos o Visconde	Vejamos o auctor
114	8	ser elle um todo solido	ser elle, como pensa o auctor, um todo solido
116	25	tem	têem
"	29	vulcanico	volcanico
"	37	vulcanica	volcanica
117	10	O nosso Visconde	O nosso escriptor
119	33	foram	tinham ido
"	36	ha um anno	ha dois annos
136	9	*Critiac.*	*Critica.*

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
138	26	Ha quatorze	Ha dezeseis
138	30	seis	alguns
"	32	ha oito	ha tempos
141	35	vidraças	vitrinas
"	36	alguma cousa	algum tanto
143	17	pituresceos	pincturescos
151	38	*coimbram*	*coimbran*
152	15	os prosaistas	os prosadores
160	30	Depuis	Dupuis
161	5	para ser	para ser-se
176	29	tripede:	tripode:
184	31	von Nægeli	von Nœgeli
186	37	Nægeli	Nœgeli
187	7	Nægeli	Nœgeli

alem de outras, ortographicas ou typographicas e de ponctuação, corregiveis á simples leitura.



